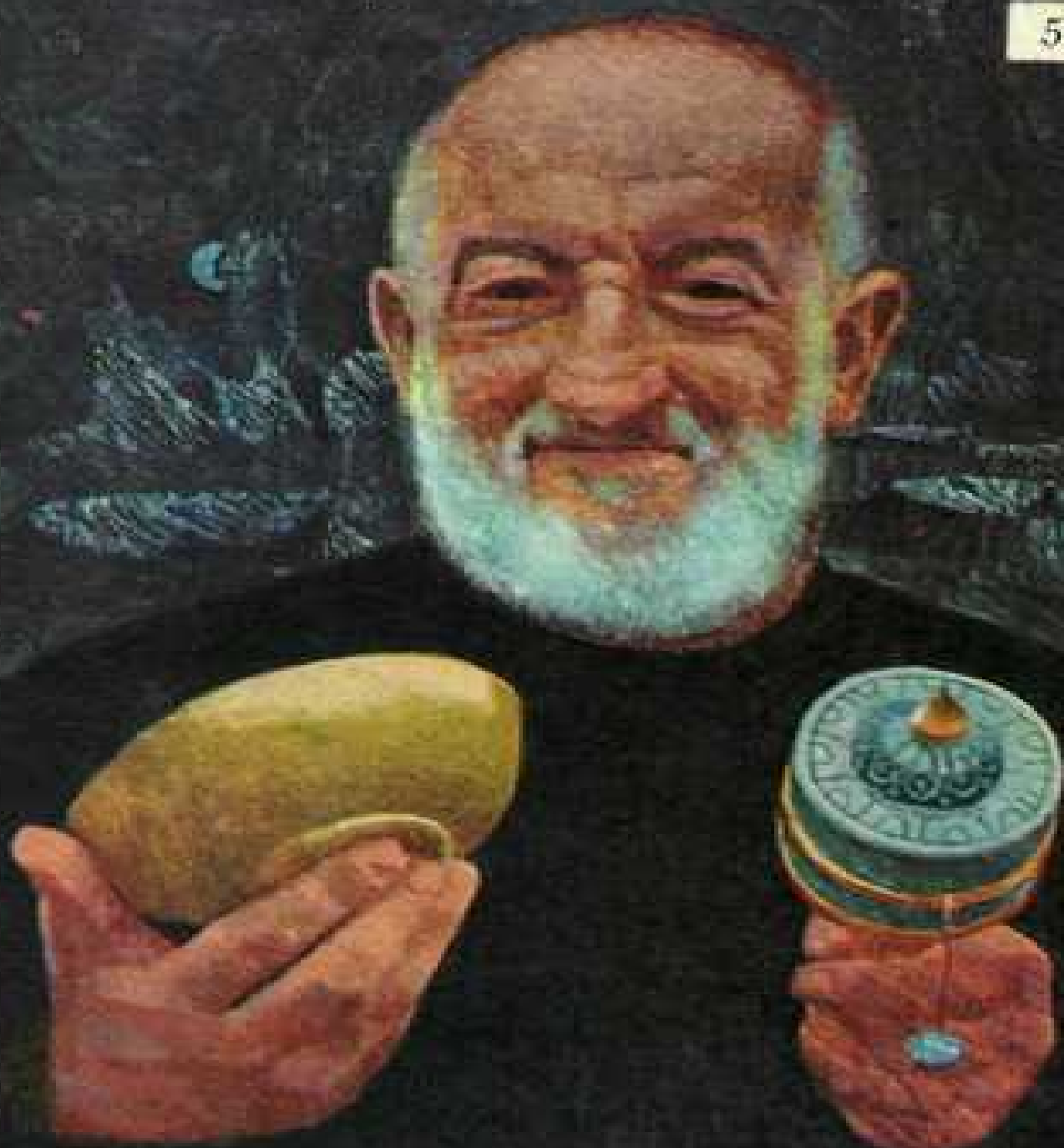


LOBSANG RAMPA

ALÉM do 1º DÉCIMO

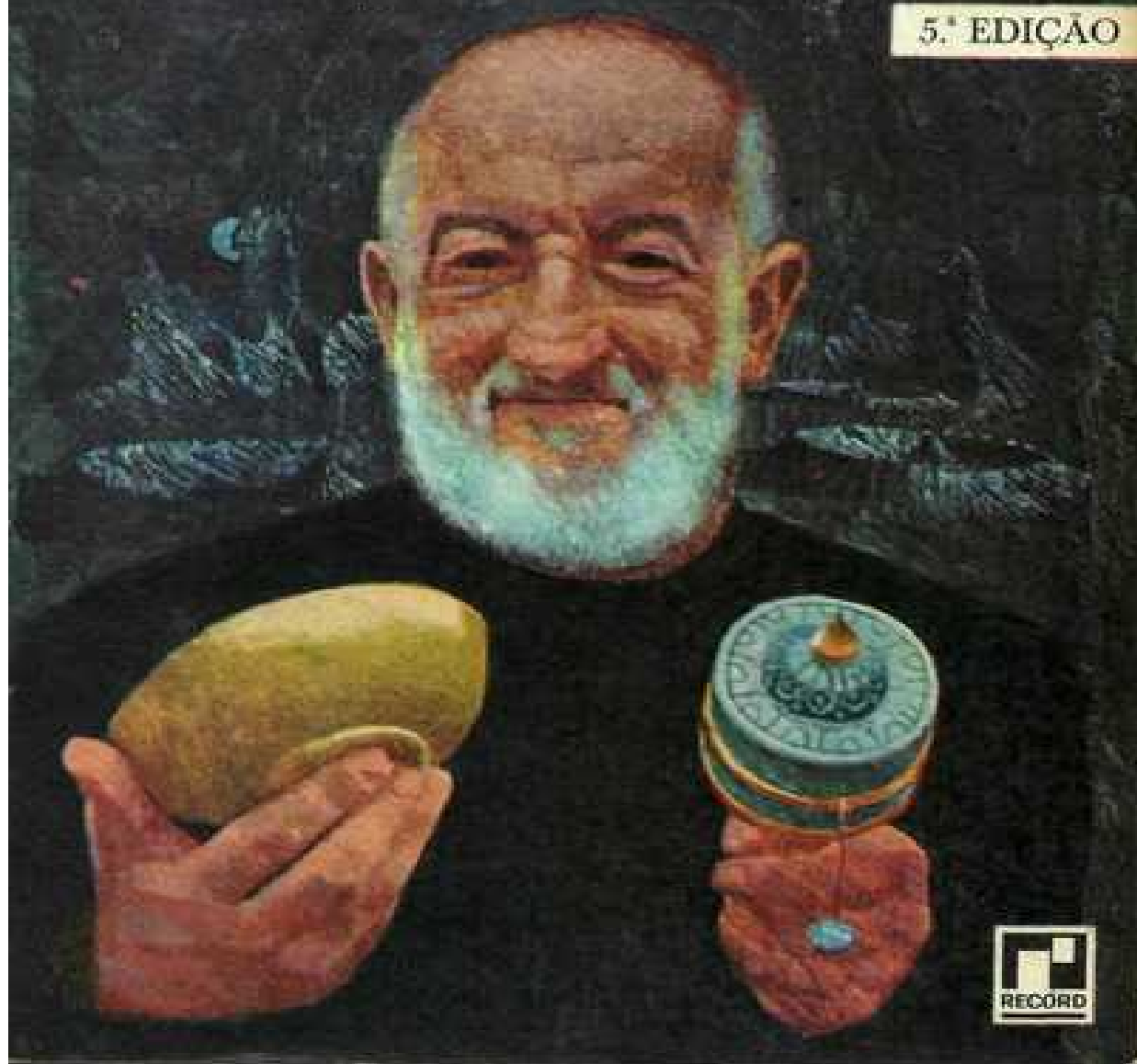
5.ª EDIÇÃO



LOBSANG RAMPA

ALÉM do 1º DÉCIMO

5.ª EDIÇÃO



Além do Primeiro Décimo

Para o famoso monge budista que deixou os mosteiros dos lamas nas montanhas do Tibete para instruir o Ocidente, pois tal foi o destino para ele traçado, o ser humano tem apenas, um décimo de sua personalidade iluminado pela consciência. Os outros nove décimos são ocupados pelo subconsciente, pelas lembranças raciais e pelos fatos ocultos, que poucos pressentem e, ainda menos, devassam.

Será justo neste mundo pululante de frustrações e incertezas privar o homem de conhecer o imenso potencial de força e de conhecimento que traz em si e de aproveitá-lo para resistir aos embates destes tempos incertos?

Lobsang Rampa julga que não e desvenda essas gigantescas e inexploradas reservas de força que cada qual traz dentro de si e que constitui o seu patrimônio inalienável para que possa ter uma vida mais plena, mais consciente e mais eficaz entre os mistérios e as angústias.

Do mesmo modo que *A Terceira Visão*, *O Médico de Lhasa*, *A Caverna dos Antigos* e todos os outros livros do famoso autor. *Além do Primeiro Décimo* dá aos leitores uma visão e um conceito diferentes do mundo, abrindo novos caminhos para uma afirmação mais perfeita da personalidade, para uma compreensão mais profunda do próprio destino e do papel que devemos desempenhar na cena já então ordenada e inteligível do mundo.

O presente volume dispensa conselhos e ensinamentos para o cuidado que merecem a parte espiritual e a material do homem, desde que a preparação eficiente no atual plano de existência pode equipar mais prontamente a pessoa humana para a vida que começa no mundo astral.

Além do Primeiro Décimo é um livro que dará conforto e esclarecimento a muitos, especialmente àqueles que, graças à leitura

das obras anteriores, se tornaram estudiosos e discípulos do extraordinário T. Lobsang Rampa.

O Título

Para poupar uma enxurrada de perguntas, quero explicar que o homem é um décimo consciente, os outros nove décimos correspondem ao subconsciente e tudo aquilo que vem sob o título de “Memória Racial” e “Ocultismo”. Este livro é sobre VOCÊS, não apenas um décimo de vocês, mas tudo o que existe

ALÉM DO PRIMEIRO DÉCIMO.

T. LOBSANG RAMPA

ALÉM DO PRIMEIRO DÉCIMO

5.^a EDIÇÃO

Tradução de

LIA ALVERGA-WYLER



DISTRIBUIDORA RECORD

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Título do original inglês:

BEYOND THE TENTH

Copyright (C) 1969 by T. Lobsang Rampa

Direitos reservados para a língua portuguesa por:

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A.
Av. Erasmo Braga, 255 — 8.º andar — Rio de Janeiro, GB

Impresso no Brasil

Dedicado

Aos leitores leais e constantes que me têm acompanhado todos esses anos, apesar das campanhas da imprensa; àqueles a quem hoje considero meus amigos.

A VOCÊS

naturalmente, a quem mais?

Uma Carta Especial

Caros Leitores:

Por mais de uma década, muitos têm-me escrito de todas as partes do mundo, e mesmo dos países da Cortina de Ferro, umas trinta ou quarenta cartas por dia, cartas que tenho conscienciosamente respondido. Mas, um número bastante significativo de pessoas têm-me escrito, dizendo que um autor de livros como os meus pertence ao Leitor, que um autor como eu, não pode parar no nono livro, mas deve continuar a escrever até que todas as perguntas razoáveis estejam esclarecidas.

A isto respondi, escrevendo a diversas pessoas e perguntando-lhes: — Bem, o que querem no décimo livro? Digam-me, digam-me o que querem, digam-me o que omiti nos outros e escreverei esse décimo livro.

E, em consequência das cartas que recebi em resposta às minhas perguntas, escrevi este décimo livro, cuja leitura vão iniciar.

Alguns, sem dúvida, dirão que aqui e ali há repetições. Apenas posso afirmar-lhes que atendo ao pedido unânime da minha “Lista de Leitores”, ou não estariam neste livro, e se acham que ele se repete em alguns trechos, bem, isto poderá servir-lhes para refrescar a memória.

Um pedido que me é feito em especial: — Oh, Dr. Rampa, visite-me no Astral, cure-me disto, cure-me daquilo, diga-me quem vai ganhar o Sweepstake, venha à nossa reunião de grupo no astral. Mas esses leitores se esquecem de que há apenas vinte e quatro horas num dia; também esquecem da diferença de fusos horários, etc. etc. E, ainda mais importante, esquecem-se que, embora eu possa vê-los claramente no Astral quando queira, talvez eles nem sempre me possam ver, ainda que um número espantoso de pessoas me tenha escrito confirmando, com exatidão, visitas astrais, contatos telepáticos, etc.

Bem, não é minha intenção fazer uma carta longa, portanto, vamos prosseguir com o livro propriamente dito?

T. Lobsang Rampa

Índice

[O Titulo](#)

[Dedicado](#)

[Uma Carta Especial](#)

[Índice](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[Notas](#)

A suave noite de verão suspirou docemente e sussurrou de mansinho para os salgueiros que balouçavam em torno do Templo da Serpente. Leves ondulações encrespavam o lago tranquilo, como se algum peixe madrugador buscasse a superfície à procura de insetos incautos. Acima dos picos altos e sólidos das montanhas, em que a espuma das neves eternas tremulava como uma bandeira, uma estrela solitária luzia com brilho iridescente no céu luminoso.

Nos celeiros, fracos chiados e farfalhos traíam a presença de camundongos famintos saqueando os barris de cevada. Os passos furtivos e os dois olhos brilhantes do Gato Vigia, ao aparecer em cena, trouxeram um tumulto de ratos em fuga e, depois, o silêncio absoluto. O Gato Vigia farejou desconfiado e, satisfeito, pulou para uma janela baixa e sentou-se a contemplar o alvorecer que se avizinhava célere.

Lamparinas bruxuleantes ferviam, crepitavam e momentaneamente fulguravam quando os acólitos em serviço noturno as reabasteciam. De algum templo interior, vinham um murmúrio brando e o tilintar suave de múltiplos sinos de prata. Fora, num telhado alto, uma figura solitária erguia-se para saudar o nascer do dia, as mãos entrelaçadas no Clarim da Alvorada.

Vultos indistintos e sombrios surgiam de alguma entrada ao fundo e se reuniam para descer a trilha da montanha em direção a um pequeno tributário do Rio Feliz, que supria a água para as necessidades de Potala. Homens idosos, homens robustos e meros fiapos de meninos, membros da classe de servidores desciam, numa procissão antiga como o tempo, pela encosta da montanha, carregando baldes de couro curtido para mergulhá-los no rio e, então, laboriosamente, transportá-los para as cozinhas e os reservatórios.

Para baixo a viagem era fácil, uma multidão ainda entorpecida a pensar nas alegrias do sono. Junto ao pequeno poço, constantemente abastecido pelo afluente, eles ficavam a conversar,

trocando bisbilhotices recolhidas nas cozinhas no dia anterior; descansando, matando o tempo, adiando a subida penosa e inevitável pela encosta da montanha.

No alto, a noite já cedera passagem ao dia que se aproximava. O manto purpúreo da escuridão fugira para Oeste face ao avanço da Alvorada, o céu já não apresentava o pontilhado brilhante e forte de luz produzido pelas estrelas no seu deslocamento; ao contrário, refletia os raios do sol que se avizinhava, atravessando as camadas mais baixas e iluminando a base das nuvens leves que passavam acima. Os picos das montanhas estavam agora tintos de ouro, um ouro branco que projetava arco-iris na neve que soprava nos cimos e que fazia cada topo de montanha parecer uma fonte viva de cor iri-descente.

Rapidamente, a luz avançava e o Vale de Lhasa, até então mergulhado nas purpúreas sombras da noite, iluminou-se; grande raios fulgurantes refletiam-se dos telhados dourados de Potala e da catedral de Jo Kang, na cidade de Lhasa. No sopé de Potala, perto das esculturas coloridas, um pequeno grupo de madrugadores apreciava admirado as luzes cintilantes acima, julgando-as um reflexo do espírito do Mais Profundo.

Ao pé da nossa trilha na montanha, entretanto, os monges servidores, alheios às glórias da natureza, continuavam conversando, matando o tempo antes de apanharem seus fardos e prosseguirem montanha acima. O velho monge Orelhas Grandes estava sobre uma rocha plana e observava o lago e o rio próximos. “Ouviu o que os mercadores diziam ontem na cidade?”, perguntou a um monge mais jovem de pé ao seu lado.

— Não — respondeu o mais jovem — mas os mercadores sempre têm histórias maravilhosas para contar. O que foi que ouviu, meu Velho?

O Velho Orelhas Grandes moveu os maxilares e limpou o nariz na barra das vestes. Depois, cuspiu com perícia e precisão entre dois baldes cheios.

— Eu precisei ir à cidade ontem — disse ele — e lá na Rua das Lojas encontrei por acaso uns mercadores expondo seus artigos. Um deles parecia ser homem instruído, como eu, de modo que me demorei um pouco na minha tarefa e conversei com ele. — Parou um momento e mexeu novamente os maxilares, como se mastigasse, e observou a água ondulante. Algures, na distância, um pequeno acólito jogara um seixo e acertara num sapo, e agora o sapo coaxava numa queixa perplexa. — Sim, era um homem instruído, um homem que viajara por muitos lugares estranhos. Contou-me que certa vez partiu de sua terra natal, na Índia, e atravessou as grandes águas até Merikee. Disse-lhe que precisava providenciar novos baldes, porque alguns dos nossos estavam gastos, e ele respondeu que em Merikee ninguém precisava carregar baldes de água pela trilha da montanha. Todos têm água em casa e ela corre através de canos. E possuem um quarto especial, onde existe muita água, chamado banheiro.

O monge mais novo estremeceu de surpresa e disse:

— Água nas casas, hem? E num quarto especial, nem? Isto parece maravilhoso demais para ser verdade, e gostaria que tivéssemos algo semelhante aqui. Mas, naturalmente, não se pode acreditar em todas essas histórias de viajantes. Certa vez, ouvi um mercador contar que em algumas terras há luzes tão brilhantes quanto o relâmpago, que guardam em frascos de vidro e que transformam a noite em dia.

Sacudiu a cabeça, como se mal pudesse acreditar nas coisas que ouvira, e o velho monge Orelhas Grandes, receoso de ser destituído como contador de histórias, continuou:

— Sim, na terra de Merikee há muitas coisas maravilhosas. Essa água existe em todas as casas. Gira-se um pedaço de metal e a água sai jorrando, quente ou fria, na quantidade que se deseja, sempre que se desejar. É um grande milagre, pelo Dente de Buda! — disse ele. — Eu bem que gostaria que houvesse outra maneira de levar água para as cozinhas. São longos os anos em que venho fazendo isso, levando e levando água e nada além de água. Sinto

que já gastei os pés e as pernas até os joelhos, e tenho um caimento lateral permanente de tanto lutar contra a inclinação da montanha. Água em todos ds quartos? Não, não é possível!

Juntos mergulharam em silêncio mas logo estremeceram, atentos, quando pela trilha desceu um dos Guardiões da Lei, o Inspetor. O enorme homem passou por eles e cada um dos monges encontrou trabalho urgente para fazer. Um despejou o balde de água e encheu-o de novo, outro apanhou dois baldes e correu em largos passos pela trilha da montanha. Em pouco tempo, todos os monges moviam-se carregando água, a primeira turma de carregadores do dia. O Inspetor olhou em redor por alguns momentos e, então, também se encaminhou para a trilha da montanha, seguindo-os.

O silêncio caiu sobre a cena, perturbado apenas pelo canto fraco que vinha do alto da montanha e pelos protestos sonolentos de algum pássaro, que achou que era cedo demais para se levantar e tratar da vida.

A idosa Sra. MacDunnigan cacarejou, como se tivesse acabado de pôr um ovo gigante, e voltou-se para sua amiga, a Sra. O'Flannigan.

Não quero mais saber dessas palestras em que dizem que os monges do Tibete praticam a telepatia — disse. — Que tolice! Que é que falta essa gente inventar?

A Sra. O'Flannigan resfolegou, como um corneteiro do Exército da Salvação na sua maior glória, e retrucou:

— Por que não usam o telefone como todo mundo faz? É que eu gostaria de saber!

Assim, as duas senhoras continuaram em seu caminho, mal se apercebendo de serem “o reverso da moeda”; os monges do Tibete não podiam acreditar que as casas tivessem água corrente nos quartos e as duas mulheres ocidentais não podiam acreditar que os monges do Tibete usassem telepatia.

Mas, não somos todos assim? *Conseguimos* ver o ponto de vista do “outro”? Apercebemo-nos de que o que é lugar comum AQUI é

a mais estranha das coisas estranhas LÁ — e vice-versa?

O nosso primeiro pedido refere-se à vida após a morte, ou à morte, ou à comunicação com aqueles que deixaram esta vida. Primeiramente, vamos tratar da pessoa que esteja par-tinto desta Terra. Em geral, está muito doente, a “morte” sobrevêm como resultado do colapso do mecanismo do corpo humano. O corpo se torna insustentável, inoperável, transforma-se num invólucro de barro amortalhando o espírito imortal que, não podendo suportar tal restrição, parte. Quando ele deixa o corpo morto, quando abandona os limites familiares da Terra, o — como o chamaremos? Eu Maior, alma, espírito, o quê? Vamos chamá-lo de Alma desta vez, para variar — a Alma, então, se vê em arredores estranhos onde há muito mais sentidos e faculdades do que aqueles experimentados na Terra. Aqui na Terra, temos que nos arrastar ou sentar numa caixa de latão a que chamamos automóvel, mas a não ser que sejamos suficientemente ricos para pagar passagens aéreas, estamos presos à terra. Tal não acontece quando estamos fora do corpo porque, nessa nova dimensão a que chamaremos “mundo astral”, podemos viajar à vontade e instantaneamente por pensamento, não temos que esperar por um ônibus ou por um trem, não estamos tolhidos por um carro ou por um avião em que se espera mais tempo nas salas de embarque do que se gasta na viagem em si.

No astral podemos viajar a qualquer velocidade que queiramos. “Queremos” é uma palavra deliberada, porque na realidade “queremos” a velocidade a que viajamos, a altitude e a rota. Se por exemplo, quisermos apreciar o cenário fantástico do mundo astral, com os seus prados verdejantes e seus lagos abundantemente providos, podemos flutuar leves como lanugens, logo acima da terra, logo acima da água, ou nos elevarmos alto e planar acima dos picos das montanhas astrais.

Quando estamos nessa dimensão nova e maravilhosa, experimentamos tantas mudanças que, salvo se formos muito cuidadosos, tendemos a esquecer aqueles que nos pranteiam naquela horrível bola velha que é a Terra, que deixamos tão

recentemente: tendemos a esquecer, mas se as pessoas na Terra lamentam a nossa partida demasiado ardentemente, sentimos inexplicáveis pontadas e puxões e uma estranha sensação de pesar e tristeza. Qualquer pessoa que sofra de neurite ou dor de dentes crônica saberá a que se assemelha; sente-se uma torção perversa no nervo que quase nos projeta fora da cadeira. Do mesmo modo, quando estamos no mundo astral e uma pessoa chora por nós, em lamentação profunda, em vez de prosseguir com seus próprios assuntos, ela nos estorva, fornece-nos “âncoras” indesejáveis que retardam nosso progresso.

Vamos um pouquinho além dos nossos primeiros dias no astral, passemos ao momento em que entramos na Câmara das Recordações, e já decidimos que trabalho faremos no astral, como ajudaremos aos outros, como nós próprios aprendemos; vamos supor que estejamos ocupados na nossa faina de ajudar ou aprender e, então, imaginemos uma mão a nos beliscar a nuca — torce, torce, torce e puxa, puxa, puxa. Isto nos distrai a atenção, torna o aprendizado custoso, torna muito difícil ajudar aos outros, porque não podemos dedicar a nossa concentração total, ou atenção, àquilo que deveríamos estar fazendo, devido aos puxões insistentes e à interferência causada por aqueles que nos pranteiam na Terra.

Muitos parecem pensar que podem entrar em contato com aqueles que “partiram” indo a um médium de meia tigela, pagando alguns dólares ou alguns “shillings” e recebendo uma mensagem como se um telefone fosse atendido por um intermediário. Bem, mesmo neste negócio de telefones, tente telefonar do Canadá para a Espanha! Tente telefonar do Uruguai para a Inglaterra! Primeiro, existe a dificuldade de que o intermediário, isto é, o telefonista da Terra, ou o médium, que não está familiarizado com as circunstâncias, pode mesmo não estar familiarizado com a língua em que desejamos falar. Então, há toda espécie de silvos, diques e cloques na linha, a recepção pode estar difícil, e a recepção é, na realidade, frequentemente impossível. E ainda: aqui na Terra, sabemos o número do telefone que queremos chamar, mas quem nos dirá

qual o número do telefone da pessoa que recentemente deixou a Terra e agora vive no mundo astral? Um número de telefone no mundo astral? Bem, quase, porque cada pessoa em cada mundo tem uma frequência pessoal, um comprimento de onda pessoal. Da mesma forma que as estações de rádio da BBC, ou as estações da Voz da América, nos Estados Unidos, têm suas próprias frequências, assim as pessoas as têm, e se conhecemos essas frequências, podemos sintonizar uma estação de rádio, DESDE QUE as condições atmosféricas sejam adequadas, a hora do dia esteja correta, e a estação esteja transmitindo. Não é possível sintonizar e estar infalivelmente seguro de poder receber uma estação, pela simples razão de que algo pode tê-la posto fora do ar.

Dá-se o mesmo com as pessoas que passaram para além desta vida. Podemos ser capazes de entrar em contato com elas, se soubermos qual a sua frequência pessoal básica e se elas forem capazes de receber uma mensagem telepática naquela frequência. Na maior parte das vezes a não ser que o médium seja em verdade muito, muito experiente, ele ou ela pode ser enganado por algumas entidades inconvenientes, que estejam brincando de seres humanos e captem os pensamentos daquilo que deseja a pessoa que chama.

Vamos supor que a Sra. Brown, uma viúva recente, queira entrar em contato com o Sr. Brown, um ser humano recém-liberto que fugiu para o Outro Lado. Uma dessas entidades menores que não são humanas, pode perceber o que ela deseja perguntar ao Sr. Brown, pode perceber pelos pensamentos da Sra. Brown como falava o Sr. Brown e que aspecto tinha. Assim, a entidade, como um aluno travesso que lamentavelmente não recebeu a disciplina que precisava, pode influenciar um médium bem intencionado, dando-lhe a descrição do Sr. Brown, que acabou de obter através da mente da Sra. Brown. O médium dará uma “prova espantosa”, descrevendo pormenorizadamente a aparência do Sr. Brown, que está agora “de pé ao meu lado”. Bem, uma pessoa muito experiente não se deixa enganar desta maneira, mas as pessoas

muito experientes são poucas e raras, e, simplesmente, não têm tempo para tratar de tais assuntos. Além do mais, quando o comércio entra nisso, quando a pessoa exige essa ou aquela soma por uma consulta mediúnica, atrai para o ato uma vibração inferior, e, assim, assaz frequentemente, impede uma mensagem genuína.

É cruel e injusto deixar sua tristeza prejudicar e causar obstáculos a uma pessoa que deixou a Terra e que está agora trabalhando em outro lugar. Afinal de contas, supondo que estivéssemos muito ocupados numa tarefa importante e que outra pessoa, a quem não pudéssemos ver, ficasse a beliscar-nos a nuca e a cutucar-nos e berrasse pensamentos tolos nos nossos ouvidos, nossa concentração desapareceria e, na realidade, gritaríamos para baixo, ao nosso alçó, toda a espécie de pensamentos desagradáveis. Se realmente amamos a pessoa que deixou a Terra, e se aquela pessoa realmente nos ama, estejamos certos de que nos encontraremos novamente, porque seremos atraídos para nos unirmos quando também deixarmos a Terra. No mundo astral, não se pode encontrar uma pessoa que se odeie ou que nos odeie; isto não pode acontecer porque romperia a harmonia do mundo astral e tal não é possível. Naturalmente, se estamos efetuando uma viagem astral, podemos dirigir-nos ao astral Inferior, que é, dir-se-ia, a sala de espera ou entrada para o verdadeiro mundo astral. No astral Inferior, podemos discutir as divergências com algum ardor, mas nas regiões mais elevadas — não.

Lembrem-se, portanto, disso: se realmente amamos outra pessoa e ela realmente nos ama, estaremos juntos novamente, mas em bases diferentes. Não haverá nenhum mal-entendido, como na Terra; não se pode mentir no mundo astral, porque nesse mundo todos podem ver a aura e se um habitante astral diz uma mentira, todos que estão à vista tomam conhecimento imediatamente, devido à dissonância que aparece nas suas vibrações pessoais e nas cores de sua aura. Assim, a pessoa aprende a ser sincera.

As pessoas parecem ter a ideia de que, a não ser que façam um funeral dispendioso para o extinto e entrem num êxtase de dor, não estão demonstrando um apreço adequado pelo falecido. Mas,

não é esse o caso; o luto é egoísta, o luto causa grave interferência e perturbação à pessoa recém-che-gada ao plano astral. O luto efetivamente, pode ser encarado como autocomiseração, pena de si próprio por haver perdido alguém que tanto fez por aqueles que ficaram. É melhor, e demonstra maior respeito e consideração, controlar a dor e evitar explosões histéricas que causam tanta aflição aos que realmente partiram.

Os mundos astrais (sim, no plural!) são muito reais. As coisas são tão verdadeiras e tão concretas nesses mundos quanto nos parecem ser aqui nesta Terra; na verdade, parecem mais substanciais, porque lá há mais sentidos, mais faculdades, mais cores e mais sons. Podemos fazer muito mais no estado astral. Mas... — Dr. Rampa, o senhor nos contou tantas coisas a respeito do mundo astral nos seus livros, mas não nos disse o suficiente. O que fazem as pessoas, o que comem, como ocupam o tempo? Será que poderia informar-nos?

Posso sim, porque tenho memória eidética, isto é, posso lembrar-me de tudo que já me aconteceu. Posso lembrar-me de ter morrido e nascido e tenho a grande vantagem de poder viajar no astral quando totalmente consciente. Portanto, vamos examinar o assunto dos mundos astrais e o que neles se faz.

Em primeiro lugar, não há apenas um mundo astral, mas muitos, tantos na realidade quanto há diferentes vibrações pessoais. Talvez a melhor maneira de compreendermos isso será considerarmos o rádio; no rádio, há muitas e diferentes estações em todas as partes do mundo. Se todas usassem o mesmo comprimento de onda e a mesma frequência, haveria confusão e todas interfeririam com todas; por isso cada estação tem a sua própria frequência e se queremos ouvir a BBC de Londres, sintonizamos nas frequências concedidas à BBC. Se queremos ouvir Moscou, sintonizamos nas frequências concedidas a Moscou. Há milhares de estações de rádio, cada qual com a sua frequência própria, cada qual uma entidade separada que não interfere com as outras.

Da mesma forma, os mundos astrais são diferentes planos da existência, que têm diferentes frequências; no mundo astral, por exemplo, teremos todas as pessoas que são compatíveis dentro de certos limites. No mundo astral Y, encontraremos outro grupo que é compatível dentro dos seus próprios limites. Mais abaixo, naquilo que denominamos o astral inferior, há condições algo semelhantes às da Terra, isto é, há tipos diversos e uma pessoa média, que saia do seu corpo durante as horas do sono e viaje pelo astral, vai para esse astral inferior onde todas as entidades podem misturar-se. O astral inferior é, assim, um lugar de encontro para pessoas de diferentes raças e credos, e até de diferentes mundos. É muito semelhante à vida na Terra.

À medida que progredimos, descobrimos que as frequências se tornam cada vez mais puras. Enquanto que no astral inferior podemos ter uma discussão com uma pessoa e, se quisermos, dizer-lhe que a odiamos, ao nos elevarmos nos planos astrais já não podemos, porque não se encontram pessoas opostas umas às outras. Assim, lembrem-se que os mundos astrais são como estações de rádio com diferentes frequências, ou, se quiserem, como uma grande escola com diferentes turmas, em que cada uma, em sucessão, é mais adiantada em vibrações do que a anterior, de modo que a classe ou o ano Um é um denominador comum, ou mundo astral, onde todos podem encontrar-se, enquanto se efetua o processo de avaliação da capacidade. À medida que executamos as tarefas que nos são atribuídas — trataremos disso num momento — elevamo-nos cada vez mais alto, até que eventualmente saímos do plano astral dos mundos e entramos num estado em que já não há renascimento, reencarnação e onde as pessoas lidam com formas de seres muito superiores aos humanos.

Mas vocês querem saber o que acontece quando morremos. Bem, na realidade, já lhes falei muito a esse respeito nos meus livros anteriores. Deixamos o corpo e nossa forma astral flutuante vai para o astral inferior, onde se recupera dos choques e danos causados pelas condições de vida e morte na Terra. Em seguida,

depois de alguns dias, de acordo com a contagem de tempo na Terra, revemos todo o nosso passado na Câmara das Recordações, revemos o que fizemos e o que deixamos de fazer e, avaliando os sucessos ou os fracassos, podemos decidir o que precisa ser aprendido no futuro, isto é, se a pessoa reencarnará de novo, imediatamente, ou se passará, talvez, uns seiscentos anos no astral. Tudo depende do propósito de cada um na escala da evolução. Mas, já lhes expliquei tudo isso em livros anteriores. Deixem-me mencionar ainda outro assunto, antes de dizer o que fazem as pessoas no mundo astral.

Uma senhora muito gentil escreveu-me, dizendo:

— Estou tão amedrontada. Tenho tanto receio de morrer só, sem ninguém para ajudar-me, sem ninguém para orientar-me quanto ao Caminho que deverei seguir! No Tibete, o senhor tinha os Lamas, que orientavam a consciência de uma pessoa moribunda. Eu não tenho ninguém e tenho tanto medo.

Isto não é correto, saibam. Ninguém está só, ninguém não tem “ninguém”. Podemos pensar que estamos sozinhos e, possivelmente, não há ninguém perto do nosso corpo terreno; porém, no astral, há assistentes muito especiais que aguardam ao lado do leito de morte, a fim de que logo que a forma astral comece a separar-se do corpo físico moribundo, possam prestar todo o auxílio, da mesma forma que num parto há pessoas de prontidão para ajudar a gestante. A morte na Terra é o nascimento no mundo astral, e assistentes treinados, ali estão para oferecerem seus serviços especializados; por conseguinte, não é preciso temer, nunca deveria haver medo. Lembrem-se disso quando chegar a hora, como chega para todos nós, de deixarem este mundo de aflições: haverá pessoas à sua espera no Outro Lado para ajudá-lo, precisamente da mesma maneira como há pessoas na Terra esperando pelo nascimento de um novo bebê.

Quando os assistentes recebem o corpo astral, que acabou de separar-se do físico morto, tratam-no cuidadosamente e ajudam-no, dando-lhe a conhecer onde está. Muitas pessoas que não foram

preparadas pensam que estão no Céu ou no Inferno. Os assistentes dizem-lhes exatamente onde estão, ajudam-nos a se adaptarem, mostram-lhes a Câmara das Recordações, e cuidam dos recém-chegados, como eles por sua vez foram cuidados.

Quanto a esta questão de Inferno... — Não existe tal coisa, saibam. O Inferno era, na realidade, um local de julgamento perto de Jerusalém: uma pequena aldeia situada entre duas rochas muito altas. A seu redor, havia um pântano do qual emanavam vapores sulfurosos, um pântano sempre saturado pela exalação de enxofre queimado. Naqueles tempos distantes, uma pessoa acusada de um crime era levada para essa aldeia e “atravessava o Inferno”. Colocada numa das extremidades do pântano, era informada dos crimes de que a acusavam e de que se conseguisse atravessá-lo ilesa, era inocente, mas, que, se fracassasse e fosse tragada pelo pântano, era culpada.

Em seguida, o acusado era levado à ação — talvez um soldado o espetasse numa parte delicada com uma lança — enfim, o desgraçado corria “através do Inferno”, atravessava aquele nevoeiro rodopiante de vapores de enxofre, passava pela trilha rodeada de pixe fervente, onde a terra sacudia e tremia, inspirando terror aos mais forte, e se alcançasse o outro lado, teria vencido o vale do Inferno, estava purgado de qualquer ofensa e era inocente outra vez. Assim, não acreditem que irão para o Inferno. Não irão porque não existe tal coisa. Deus, não importa o nome que LHE dermos, é um Deus de bondade, um Deus de piedade. Ninguém é jamais condenado, ninguém é jamais sentenciado à condenação eterna; não existem coisas como demônios que pulam para cima e para baixo sobre alguém, e mergulham forçados num corpo trêmulo. Isto é produto da imaginação de padres ensandecidos, que tentam adquirir o domínio dos corpos e das almas daqueles que não raciocinam. Só há uma esperança e uma certeza: se alguém se esforça, pode penitenciar-se de qualquer crime, não importa quão mau pareça ter sido. Portanto — ninguém é “eliminado”, ninguém é jamais abandonado por Deus. A maioria das pessoas teme a morte porque tem a consciência pesada, e esses padres, que deveriam

ter mais juízo, ensinam-lhes a respeito das chamas do Inferno, do tormento eterno, da danação eterna e tudo o mais. Os infelizes que ouvirem tais histórias pensam que assim que morrem são agarrados por demônios e sobre si são lançadas coisas horrendas. Não acreditem nisso, não acreditem nisso de maneira alguma. Lembro-me de tudo, pois posso ir ao astral a qualquer hora, e repito: não existe o tal Inferno, não existe o tal tormento eterno, existe sempre a redenção, há sempre mais uma oportunidade, há sempre misericórdia, piedade, e compreensão. Aqueles que dizem que há Inferno e tormento, bem, não estão bons da cabeça, são uns sádicos ou qualquer outra coisa, e não merecem que se pensem neles.

Receamos morrer por essa razão e por uma outra: tememos morrer porque o medo está enraizado em nós. Se as pessoas se lembrassem das glórias do mundo astral, quereriam ir para lá aos bandos, já não desejariam permanecer nesta Terra, quereriam esquivar-se às aulas, quereriam cometer suicídio, e o suicídio é uma coisa muito ruim, pois que só prejudica a própria pessoa, não a mais ninguém. E a pessoa se torna um dos desistentes da vida quando se suicida. Pensem assim: se estão se preparando para serem profissionais de alguma espécie, advogados ou médicos, precisam estudar e passar nos exames; mas, se perdem a coragem na metade do caminho e abandonam o curso, não chegam a ser advogados ou médicos; e antes que possam formar-se, precisarão deixar de ser desistentes, voltar às aulas e estudar tudo novamente. Por essa altura, descobrirão que o currículo mudou, há livros didáticos diferentes, e tudo que aprenderam, anteriormente, tornou-se inútil, de modo que precisam começar da estaca zero. Assim é que, quando se comete suicídio, bem, tem-se de voltar, reencarnar novamente — o que é o mesmo que entrar na universidade para fazer outro curso; mas, reencarnando-se outra vez, aprende-se todas as lições desde o começo, uma vez mais, e tudo que se aprendeu antes torna-se obsoleto. Portanto, desperdiçou-se uma vida, não é mesmo? Não cometa suicídio, nunca, nunca, nunca vale a pena.

Bem, isto nos desviou bastante daquilo que se faz no astral. Muito depende do estado de evolução da pessoa, muito depende daquilo para que se está preparando. Os mundos astrais são lugares bonitos: há paisagens maravilhosas com cores jamais sonhadas na Terra, há música, música com a qual nem se sonha na Terra, há casas, mas cada pessoa pode construir sua casa em pensamento. Pensa-se, e se nos concentrarmos, ela EXISTE. Da mesma maneira, quando se chega ao mundo astral, a princípio estamos completamente nus, no mesmo estado em que chegamos à Terra; só depois, *pensamos* que espécie de roupas vamos usar — não é necessário usar roupas mas a maioria das pessoas o faz por alguma estranha razão — e pode-se apreciar a mais notável coleção de vestimentas, porque cada qual faz a própria roupa, de acordo com o estilo em que esteja pensando. Do mesmo modo, constroem suas casas em qualquer estilo que imaginem. Não há automóveis, naturalmente, nem ônibus, nem trens, não se precisa deles. Para que nos estorvamos com um carro, quando nos podemos deslocar tão depressa quanto queiramos, só em pensar? Assim, apenas com o poder da mente, pode-se visitar qualquer parte do mundo astral.

No astral, há muitos trabalhos que podem ser executados. Podemos tornar-nos assistentes daqueles que a cada segundo chegam da Terra, podemos praticar enfermagem, podemos curar, porque muitos dos que vêm da Terra não estão conscientes da realidade do astral, e crêem em qualquer coisa que sua religião lhes tenha ensinado. Ou, se são ateus, não crêem em nada, e assim estão amortalhados num nevoeiro muito, muito escuro, que é pegajoso e perturbador, e até que consigam adquirir alguma espécie de compreensão, de que estão cegos pela própria loucura, não podem ser muito ajudados. Para isso, os assistentes os seguem por toda a parte e tentam dissipar esse nevoeiro. Há, ainda, aqueles que aconselham os habitantes astrais que precisam regressar à Terra. Onde querem ir, que espécie de país desejam, que tipo de condições familiares, uma família rica ou uma família pobre? Que condições os capacitarão a executar as tarefas que

planejam? Tudo parece tão fácil quando no mundo astral, mas nem sempre é tão fácil quando se está nesta Terra, sabem?

No astral inferior, as pessoas geralmente comem, podendo também fumar, se quiserem. O que quer que se deseje comer é, na realidade, produzido pelo próprio pensamento na atmosfera, o que não tem nada de espantoso, quando se pensa no prana em que implicitamente se acredita na Terra. Portanto, podemos comer e também beber o que quisermos, mas na realidade tudo isso não passa de loucura, porque lá a pessoa extrai toda a energia, todo o sustento das radiações atmosféricas, e beber e comer são apenas hábitos — a pessoa logo os descarta e está melhor assim. Podemos deduzir, então, que uma pessoa faz no astral inferior quase o mesmo que na Terra.

Sim, Sra. Fulana de tal, há vida sexual no astral, mas é muito melhor do que qualquer coisa que possamos experimentar na Terra, porque possuiremos uma gama de sensações mais acentuada. De modo que, se não tiverem uma vida sexual satisfatória na Terra, lembrem-se que no astral a terão, porque ela é necessária para tornar uma pessoa equilibrada.

Naturalmente, quanto mais alto uma pessoa ascende nos mundos astrais, tanto mais aumentam suas vibrações, tanto melhores as experiências, tanto mais agradáveis e tanto mais satisfatória toda a existência se torna.

Muitas pessoas na Terra são membros de grupos. Podemos tomar como exemplo (e apenas como um exemplo) dez pessoas que, juntas, completam uma entidade astral. Na Terra, temos essas dez pessoas, e talvez três, quatro, cinco ou seis morram; bem, a pessoa que está no astral não se torna realmente completa, senão quando todo o grupo estiver reunido. É muito difícil explicar tal coisa porque envolve diferentes dimensões que nem são conhecidas nesta Terra; mas se já sentiram uma notável afinidade por determinada pessoa, alguém que, naturalmente, nada tem a ver com você, podem ter pensado quão compatíveis eram, e, talvez, experimentem uma sensação de perda quando ela se for. Ora, muito

possivelmente, ela é membro do seu grupo e, quando morrerem para esta Terra, serão reunidos numa entidade. Na Terra, todas essas pessoas são como tentáculos que se estendem para obter diferentes sensações, diferentes experiências, durante o breve lampejo de consciência que constitui uma vida terrena. Entretanto, quando todos os membros daquele grupo — quando todos os tentáculos — são recolhidos, a pessoa tem na realidade a experiência de talvez dez vidas em uma. Tem-se que vir à Terra para aprender as duras realidades materiais, porque não existem tais experiências no mundo astral.

Nem todos são membros de um grupo, mas vocês talvez conheçam grupos inteiros de pessoas que simplesmente não conseguem passar umas sem as outras. Podem ser membros de uma grande família, que estão sempre a correr para ver como estão os outros, e mesmo quando se casam ainda sentem, por vezes, necessidade de abandonar seus companheiros e correr para casa como se fossem todos se abrigar, qual um bando de pintinhos, sob a asa da velha galinha! Muitas pessoas são individualistas e não se tornam membros de um grupo na Terra: vieram para executar determinadas coisas sozinhas, e erguem-se e caem pelos seus próprios esforços. Com frequência, os pobres coitados passam um verdadeiro mau pedaço na Terra, e porque sofrem, isto não significa, necessariamente, que tenham imensa dívida cármica: significa que estão executando um trabalho especial e acumulando um bom carma para as vidas futuras.

As pessoas realmente experientes podem dizer o que outras foram numa vida passada; mas não acreditem nos anúncios que dizem que, por uma pequena quantia, podem informar-lhes sobre todas as suas encarnações passadas. Não acreditem nisso, nem por um momento, porque a maioria das pessoas que fazem tais afirmações são impostoras. E se exigem dinheiro por tal serviço, podem ter certeza de que são mesmo impostoras, porque quem é realmente capaz não recebe dinheiro para fins ocultistas, já que isso diminui suas vibrações pessoais! É lamentável que apareçam tantos anúncios que são uma rematada impostura. Tais pessoas se

oferecem para examinar o Registro Akashico ou o seu passado, para ver o que fez de errado, ou examinar um pouquinho adiante, para ver o que fez decerto, desde que se lhes pague dinheiro suficiente. E há ainda essas seitas que ensinam o Mistério dos Tempos, desde que se pague uma taxa mensal o resto da vida. Algumas são apenas simples escolas por correspondência comuns, que querem o seu dinheiro e, possivelmente, podem-lhe fazer algum bem — ensinando-lhe a não acreditar em publicidade, por exemplo. Mas, o meu ponto de vista pessoal é o seguinte: se uma pessoa anuncia em termos glamorosos o que ele ou ela podem fazer por nós, por uma pequena taxa, desconfie. Se pudessem fazer alguma coisa fariam por si mesmos e obteriam dinheiro e poder desta maneira. O fato de que precisam manter um curso de correspondência, ou prestar este ou aquele serviço, torna-os suspeitos na minha opinião, e, sinceramente, desejaria que houvesse alguma maneira desses anúncios poderem ser censurados e controlados. Há inúmeras pessoas que são totalmente autênticas, mas esta eu sei, com a minha experiência pessoal, que raramente anunciam. Lembrem-se também, quem faz essas espantosas afirmações a propósito de poder ir ao astral para examinar todos os nossos registros etc, etc... Bem, não se pode provar que estejam realmente erradas, da mesma maneira que não se pode provar que estejam certas. Assim, para agir com segurança, é melhor não se preocuparem com pessoas que fazem propaganda de si mesmas e, em vez disso, meditarem, porque se meditarem, poderão obter os resultados desejados. Conhecemo-nos melhor do que qualquer outra pessoa e, muito certamente, conhecemo-nos melhor do que a pessoa que nos vai cobrar alguns dólares por esse ou aquele serviço. Na maioria das vezes, tudo o que esta faz é meter um formulário pré-impresso num envelope, que nos envia sob o título de “Estritamente Particular e Pessoal”.

Eis um pequeno e triste trecho de uma carta: “Recentemente, perdi um amigo de muitos anos; meu animal de estimação morreu e estou com o coração partido e em dúvida. O padre da minha paróquia disse-me que eu era uma mulher má por ousar sugerir que

animais têm alma, pois somente os seres humanos a têm, e mais ou menos insinuou que apenas aqueles seres humanos que pertencem à sua Igreja. Será que pode dar-me alguma esperança de que verei o meu querido animal de estimação numa outra vida?”

Alguns sacerdotes são uns verdadeiros imbecis, sabem. São homens incrivelmente ignorantes. Sempre me causam espanto... Bem, vejamos os cristãos; os cristãos quase vão à guerra para decidir qual seita é a verdadeira, os cristãos que pregam o cristianismo não o demonstram em relação aos cristãos de outra seita. Vejam os protestantes e os católicos: pensar-se-ia que compraram todas as cadeiras de primeira fila do Céu, pela maneira como agem. Os católicos parecem pensar que os protestantes são pessoas malignas, e os protestantes estão bem certos de que os católicos o são. Mas isto não é assunto para discutirmos, no momento...

Durante séculos, pregadores idiotas vêm ensinando que o homem é o máximo em desenvolvimento, que não pode haver nada superior à humanidade, e apenas a humanidade tem alma, desde que pertença a esta ou aquela religião específica!

Afirmo-lhes, com absoluto conhecimento, que os animais também vão para o mundo astral, que os animais têm a mesma oportunidade que os seres humanos. Digo-lhes que poderão encontrar-se com seus animais de estimação novamente, não apenas quando vocês morrerem para esta Terra, mas agora, em viagens astrais para a zona em que estão os animais.

Somente um completo idiota, somente um total e absoluto ignorante como um sacerdote de alguma religião abandonada e decadente, acreditaria que o homem possua os únicos direitos autorais, por assim dizer, sobre a alma. Pensem no seguinte: Os Objetos Voadores não Identificados, os discos voadores, são verdadeiros, há outros povos no espaço, tão altamente evoluídos, tão altamente inteligentes, que os seres humanos inteligentes de agora são, por comparação, tão estúpidos quanto o manequim de uma

loja, uma dessas figuras de gesso ou plástico, empertigadas, vestido com uma dessas roupas horrorosas.

Uma das razões por que as congregações religiosas negam a existência de tais Objetos Voadores é que a sua simples presença demonstra que o homem não é a forma máxima da evolução. Se os padres estão certos e o homem é a forma máxima de evolução, então, o que são esses povos no espaço? São pessoas de verdade, inteligentes e algumas delas são pessoas espirituais. Têm alma, vão para os mundos astrais da mesma forma que os humanos, os animais, gatos, cavalos, cães, etc. também vão.

Muito definitivamente, muito enfaticamente e falando com o conhecimento completo de alguém que faz viagens astrais com naturalidade, deixe-me afirmar-lhe o seguinte: sim, minha amiga, seu bicho de estimação vive em outra esfera, goza de boa saúde e está em melhor condição, até mais agradável aos olhos, talvez sentindo sua falta, mas agora com o conhecimento de que podem encontrar-se novamente, pois, como no caso dos humanos, se realmente o ama e se o seu animal realmente a ama, poderão encontrar-se e se encontrarão outra vez.

Deixe-me dizer-lhe que a Sra. Fifi dos Bigodes Cinzentos, minha verdadeiramente querida amiga, deixou esta Terra há algum tempo atrás; ainda é minha amiga e posso visitá-la no astral. E a Srta. Ku'ei também deixou este mundo quando ficou gravemente indisposta por outra onda de perseguição da imprensa. A Srta. Ku'ei estava adoentada na época em que esses jornalistas retardados fizeram aquela agitação toda e... Bem, ela partiu. Fiquei triste, triste por mim mesmo, triste porque já não podia aconchegá-la nos braços, mas satisfeito de que estivesse aliviada das dores e completa infelicidade que ela e eu suportamos juntos nesta Terra. Afirmo-lhes que a encontro no astral, de modo que estou numa posição bem definida, para dizer-lhes que os religiosos estão errados: a humanidade não é a síntese do desenvolvimento espiritual. Alguns animais são muito mais espirituais do que o homem.

Vamos encerrar este capítulo, portanto, repetindo aquela afirmação. Sim, todos os que choram por seus pequenos animais de estimação que partiram desta Terra para o além, não chorem mais, porque se existe um amor mútuo, vocês estarão novamente reunidos além dos limites desta Terra, assim como a Sra. Fifi dos Bigodes Cinzentos, Lady Ku'ei e eu, que nos encontramos tão frequentemente no astral, estaremos juntos numa base muito mais permanente quando — que seja breve — esta vida na Terra terminar para mim, quando cessarem a perseguição e as hostilidades da imprensa, assim como a dor e a infelicidade que as doenças muito prolongadas causam.

Penosamente, o velho mudou de posição na incômoda cadeira de rodas.

— Não tem molas — murmurou. — Até um carrinho de bebê tem molas, no entanto, aqueles que estão doentes têm que se deslocar tão sem conforto, como numa carroça de fazenda!

Fora um dia desanimador e estava longe de terminar. Cartas e MAIS cartas. Todas contendo PEDIDOS.

— Você é meu pai e minha mãe — dizia a carta da África — e eu o amo como à minha melhor, amiga. Bem, gostaria de ir dizer-lhe isso de viva voz. Será que poderia enviar-me um bilhete de volta gratuito, para que possa fazê-lo? E ao mesmo tempo, mande-me uma passagem, para que eu possa visitar minha irmã que mora em Los Angeles. Conto recebê-las com a sua resposta, e beijarei a poeira dos seus pés.

O velho suspirou tristemente, e pôs a carta de lado.

— Pensa que sou milionário, não é? — perguntou à gatinha ronronando ao seu lado.

A velha Maggie saíra do manicômio outra vez e retomara sua barragem de cartas de amor indesejáveis. Velha Maggie! A mulher que viajara para este porto canadense e dissera a todo mundo ser empregada do velho! Explicara que fora contratada por ele e fizera uma despesa de cento e sessenta e oito dólares em nome dele, mandando um gerente de hotel pedir dinheiro ao velho. Dinheiro esse que não viria.

— Nunca vi essa mulher — respondera o velho — e ela me sufoca com cartas que rasgo. Não, não tenho trabalho, nem dinheiro para ela. — Assim, a velha Maggie alegremente confessou que acabara de sair de um manicômio, e foi deportada de volta para outro.

A carta da Sra. Horsehed também era um aborrecimento. Vinte e duas páginas de aborrecimento. Só perguntas. Perguntas que

necessitariam de um livro para serem respondidas, ESTE livro, Sra. Horsehed. Deus meu! A Sra. Horsehed, a mulher para quem se escrevia as coisas em palavras de uma sílaba e que, AINDA ASSIM, conseguia ler o significado errado em tudo!

Sim, o velho estava deprimido. Lá fora, um nevoeiro muito profundo rodopiava espesso, sujando as janelas com uma espuma gordurosa e escondendo os edifícios arruinados vizinhos ao cais. Algures, no nevoeiro, um navio apitava tristemente, como que desesperado de ter que entrar nesse porto moribundo, onde a água fedia barbaramente, com as emanações do escoamento da usina de polpa nas cercanias. O velho resmungou — Hum, que fedor! — e voltou a assinar cartas — todas as quarenta e três.

A gatinha ergueu-se, arqueou o dorso e disse “Arrh”! antes de sair para o chá. A outra, menor, ainda estava de cama, recuperando-se de um resfriado facilmente produzido pelo nevoeiro e a intensa umidade daqueles dias de verão. A cadeira de rodas gemeu aflita, sob os oitenta quilos de peso, quando o velho se virou para acender a luz. — Luz — resmungou — Luz! É realmente necessária às cinco da tarde, num dia de verão? O peso dos anos fazia-se sentir, anos de sofrimento, anos de tristeza, anos tornados ainda mais tristes pelos homens covardes da imprensa, que sempre publicavam mentiras — por serem avessos à verdade — e que nunca ousavam permitir a oportunidade de uma resposta em suas colunas. Homens covardes, homens desprezíveis, que servem de instrumento às mais baixas emoções dos seus leitores, que degradam a cultura ao invés de elevá-la.

A tarde monótona passou com lentidão. O mais fraco dos brilhos fracos, indicou que em algum lugar do lado de fora das janelas amortalhadas pelo nevoeiro, os lampiões estavam acesos. Fantasmagóricos reflexos rastejantes, qual vaga-lumes na distância, indicavam que trabalhadores retardatários encaminhavam-se vagorosamente para casa, por trás de faróis.

Finalmente, já era o suficiente tarde para retirar-se. O velho rodou sua cadeira para junto da cama, muito dura, e transferiu-se

para ela: Com um suspiro de alívio deitou-se. “Agora, para a liberdade”, pensou, “liberdade de vaguear à vontade pelo mundo afora em viagem astral”. — Por alguns momentos, descansou, perdido em meditação; afinal, decidida a viagem da noite, relaxou o corpo para iniciar os estágios preparatórios.

Logo sobreveio o ligeiro estremecimento conhecido, quase um sobressalto, como se tivesse levado um susto, e com esse estremecimento o corpo astral libertou-se do físico. Libertou-se e flutuou para o alto, cada vez mais alto.

O nevoeiro envolvia o porto. Algumas milhas mais para fora, rareava e dissipava-se. No aeroporto, as luzes estavam acesas e os aviões, pouco frequentes, ainda conseguiam aterrizar. Lá fora, na Baía de Fundy, um grande petroleiro entrou no cais de atracação, fundeou, com as luzes oscilando levemente, enquanto o navio jogava com a mudança da maré. A bordo, os homens ainda se entretinham jogando com maços de cartas diante de si e montes de dinheiro no chão. Pareciam bastante satisfeitos, ainda que impacientes para desembarcarem e seguirem para qualquer divertimento que esse pobre porto pudesse oferecer-lhes. Divertimento? Que espécie de divertimento deseja um marinheiro? E isto pode ser encontrado mesmo nos portos mais pobres, e quanto mais pobre o porto mais barata é essa forma de distração, ainda que, possivelmente, no fim se torne a mais cara!

O velho, que deixara de ser velho agora que já não estava tolhido por um corpo doente e uma cadeira de rodas a ranger, flutuou sobre a Baía de Fundy. Parou um instante na pequena cidade de Digby, aninhada entre montanhas, um lu-garzinho curioso, que seria agradável visitar de corpo presente, porque no astral as cores são um tanto diferentes. É como tirar lentes esfumaçadas e ver as coisas como são.

De Digby prosseguiu para Yarmouth, para olhar aquela pequena vila, com suas ruas estreitas e casas repletas. Parecia não passar de uma rua principal com algumas casas espalhadas ao seu redor.

E — oh sim! — uma mulher completamente doida morava lá embaixo!

Prosseguiu em frente para Halifax. Uma ligeira pausa e a terra abaixo toldou-se, toldou-se com a velocidade do deslocamento. Em seguida, as luzes de Halifax aproximaram-se rápidas. Halifax! Que cidade hostil, que cidade horrível, foi a opinião pessoal do velho flutuando em cima. Pensou por um momento naquela estúpida galinha velha no aeroporto, que afirmara ser uma boa católica e que não queriam hereges em Halifax. Entretanto, isto fora em tempos passados. Hoje é hoje, e amanhã — bem, algumas milhas adiante estaremos no amanhã. Assim, circulou em torno de Halifax, passando pelos grandes edifícios Paragon, pela Estação Naval e a Bacia de Bedford, vendo as luzes piscarem nas encostas arborizadas que flanqueavam a Bacia de Bedford. As luzes dos ricos, daqueles que podiam comprar e encomendar o que quisessem, daqueles que podiam obter assistência médica sem levar em conta o custo. Não como o velho que, por estar tão doente, não conseguia ser segurado na Blue Cross ou na Green Shield ¹ ou qualquer outra. Todos pareciam querer comer bolo, mas o dos outros. Assim, o velho não tinha direito à assistência médica no jovem e ativo Canadá, e sofria devido à falta de dinheiro e de cuidados médicos, que não podia pagar.

Assim pensando, subiu cada vez mais alto, até ver a luz do sol e prosseguiu célere através do Atlântico. Logo um satélite passou zunindo, um satélite que brilhava como prata ao refletir os raios solares. Mas, o velho não se incomodava com os satélites ou qualquer outra coisa dessa natureza. Eram coisas comuns, corriqueiras.

Continuou veloz e alcançou um avião da Air Canadá abrindo caminho sobre o Atlântico com destino a — onde? — Shannon? Prestwick? Ou, possivelmente, seguindo direto a Le Bourget, na França. A viagem astral tem muitas vantagens. O avião foi alcançado e ultrapassado com apenas um olhar para as janelas da cabina, onde os passageiros da classe turística e econômica estavam sentados, três por fileira de cada lado do corredor, com

uma luz azul que simulava a noite a iluminá-los fracamente. Alguns tinham a boca aberta. E lá estava, do outro lado do corredor, uma mulher com a boca completamente aberta, a saia erguida até as coxas, profundamente adormecida, indiferente ao olhar interessado do rapaz ao lado, que desejaria que houvesse mais luz.

Na cabina de pilotagem, o Comandante fumava cachimbo e parecia uma vaca velha e tranquila, como se vêem nos campos irlandeses. O co-piloto, sentado a seu lado, parecia mortalmente entediado. E o mecânico de vôo, atrás deles, à direita, apoiava a cabeça entre as mãos como se a vida fosse por demais insuportável.

Avante prosseguia rápido o velho, superando de longe a velocidade do avião, o avião que se arrastava a uma velocidade de talvez seiscentas ou setecentas milhas por hora. E, logo

na curva do horizonte, apareceram as luzes de Londres e o farol do seu aeroporto.

Em Londres, as ruas não estavam de maneira alguma desertas, embora fosse quase duas horas da madrugada, de uma linda madrugada. Turmas de trabalho atarefadas movimentavam-se para varrer as ruas limpando o entulho, aqui e ali abriam-se bueiros, que eram assinalados por pequenas armações com bandeiras vermelhas, para impedir que os incautos caíssem. Lá estavam os homens encarregados dos esgotos fazendo sua inspeção noturna. Mergulhados no subsolo enquanto o resto de Londres dormia.

Mas, como Londres mudou, pensou o velho. Esse grande edifício alongando-se para o alto! Então, lembrou-se. Ah, sim, naturalmente, é a nova Torres dos Correios, supostamente a mais alta da Inglaterra. Pensativamente, contornou-a com interesse, e viu os homens no seu interior mais ou menos a matar o tempo. Não havia muito movimento a essa hora da noite. E o velho continuou, pela Rua Victoria.

Um trem acabara de entrar na estação e passageiros cansados apanhavam sua bagagem e estiravam as pernas entorpecidas. Nas

filas de táxi, os motoristas despertavam de um cochilo ligeiro, dando partida nos carros e aguardando novas corridas.

Mas o velho flutuou ao longo da Rua Victoria, apreciando os lugares que lhe eram familiares, e, então, viu um imenso edifício novo, cujas janelas davam para os jardins do Palácio de Buckingham. “Que mau gosto!” pensou, “Que mau gosto! É incrível que esses planejadores de edifícios devessem a intimidade da família real que tanto fez pela Inglaterra, mesmo contra a opinião ativa da imprensa, que sempre aproveita qualquer oportunidade, não importa quão injustificada, para encontrar defeitos nela. Uma família que fez mais pela Inglaterra do que qualquer outro inglês ou inglesa”.

Mas, lá embaixo, os ônibus vermelhos de dois andares ainda roncam pelas ruas, transportando operários, indo e vindo dos revezamentos noturnos. Talvez este pequeno passeio à Inglaterra devesse chegar ao fim agora, pois ainda há tanto que ver. Mas, antes de deixar a Inglaterra, vamos dar uma olhada ao longo da Rua Fleet novamente, e ler algumas manchetes matinais. Uma diz que a imprensa na Inglaterra atravessa uma fase econômica difícil; não pode aumentar o preço dos jornais, porque o povo não quer pagar mais. Seis dinheiros² por um jornal! Dinheiro demais, por um papel no qual se embrulham peixe e quinquilharias! “Pessoalmente”, pensou o velho, “os jornais diários, todos eles juntos, não valem meio dinheiro. E quanto mais cedo falirem, melhor para o mundo, porque geram o ódio entre as nações e os povos. Alguém poderá sinceramente dizer que a imprensa jamais tenha feito algo de bom?”

Assim pensando, o velho voltou seus pensamentos para o sul e descreveu uma grande curva no seu vôo astral, atravessando direto o canal da Mancha. Passou sem parar sobre Paris, correu os olhos pela terra de De Gaulle, o criador de casos, antes de prosseguir, velozmente, para a América do Sul, para o Rio da Prata, para as terras do Uruguai, para Mon-tevidéu.

Em Montevideu, era quase meia-noite. As ruas continuavam cheias. Realizavam-se passeatas. Os estudantes amotinavam-se, e enquanto o velho observava a alguns metros de altura acima da cidade, a mão de um estudante corpulento projetou uma grande pedra, que atravessou o mostrador de um relógio, situado junto a um ponto de ônibus. Ouvia-se um estilhaçar de vidro, pam! Uma chuva de fagulhas e o mostrador do relógio tornou-se escuro, já não indicava as horas, os minutos e os segundos.

Na esquina de uma rua, policiais em uniformes cinzentos fizeram meia volta, cassetetes nas mãos, quepes de lado, os braços estendidos para apanhar qualquer estudante que lhes chegasse ao alcance. O velho flutuou adiante, pensando em qual seria o futuro do Uruguai. Poderia ser um lugar maravilhoso. O jardim da América do Sul, fornecendo frutas exóticas para o resto do mundo. Poderia ser a Suíça da América Latina, tratando do dinheiro e dos interesses econômicos de toda a América do Norte, do Centro e do Sul. Mas, os uruguaios estavam aquém da tarefa que os confrontava, como um homem que nunca esteve enfermo e, assim, sem imunidade, é presa fácil da primeira doença leve. O Uruguai, por nunca haver sofrido, desmoronou-se quando as primeiras tempestades agitaram sua superfície aparentemente calma.

O velho recordou-se de um ano e pouco antes, quando visitara o mundo astral e consultara o Registro Akashico das Probabilidades, e vira o que aconteceria ao Uruguai. O interior do país é árido, porque os uruguaios cortaram todas as árvores e a terra tornou-se quase estéril, quase deserta, sem água, sem vegetação, e parece constituir-se apenas de terra cozida ao sol e que, ao secar-se, pulveriza-se e é levada pelo primeiro sopro do vento. O Registro Akashico de Probabilidades mostrava que os uruguaios deveriam ter levantado um empréstimo com os países vizinhos e, por meio de explosões atômicas, cuidadosamente controladas, deveriam ter escavado no seu centro uma grande bacia, de talvez umas trinta por cinquenta milhas, que seria enchida por poços profundos, já que existe água sob a sua superfície. Cheia, ter-se-ia transformado num lago maravilhoso ou numa lagoa que traria vida às terras do

Uruguai. Plantar-se-iam árvores nas margens do novo lago. E elas teriam trazido nova atmosfera para a zona desvitalizada. Logo a terra prosperaria, tornando-se uma região de pastagens viçosas, ricos pomares e o país, o jardim da América do Sul.

O Registro das Probabilidades mostrava que deveria ter existido um canal do centro do país à Maldonado, onde há águas muito profundas e uma curva tão bela na linha da costa, que forma, na verdade, um porto natural. O porto principal deveria ter sido lá em Maldonado, porque o atual, em Monte-vidéu, está-se tornando obstruído. Todo o Rio da Prata é agora uma extensão rasa de água, sendo preciso dragar constantemente as areias sempre em movimento.

Mas o velho, que flutuava lá em cima, olhando para baixo e refletindo sobre tudo isso, meneou a cabeça com tristeza ao pensar que os uruguaios não estiveram à altura das probabilidades existentes, que os teriam conduzido tão proveitosamente à grandeza. O Registro das Probabilidades indicava que nos anos seguintes a Austrália teria ficado tão impressionada com um esquema tão bem sucedido, que o imitaria em seu centro improdutivo, onde o deserto, como um forno, tudo resseca.

O velho já vira o suficiente do Uruguai. E, assim, com um simples aceno de despedida, subiu mais alto, e voou com a velocidade do pensamento pela face do globo. Através de oceanos, através de terras, para outro destino.

— Gostaria que nos falasse a respeito das viagens astrais, e como fazê-las. O senhor já escreveu sobre isso em “You — Forever!” e em outros livros, mas conte-nos nova mente. Nunca o que nos disser será demasiado, diga-nos como deveremos proceder.

Assim são as cartas. Assim são as exigências.

— Fale-nos a respeito das viagens astrais.

Na realidade, a viagem astral é uma coisa bem simples, tão simples que é surpreendente que as pessoas não possam fazê-la,

sem tentar. Mas também devemos lembrar-nos que andar é simples. Andar é tão simples, que podemos fazê-lo em linha reta ou seguir um caminho curvo, e não precisamos, em absoluto, pensar nisso. Vem-nos, naturalmente. No entanto, em muitas ocasiões, uma pessoa cai gravemente doente e fica presa ao leito por alguns meses, e, então, esquece-se do que seja andar. Ele ou ela esquecem-se como andar e precisam aprender tudo novamente.

Dá-se o mesmo com a viagem astral. Em tempos idos, todos podiam fazer essas viagens mas, por alguma estranha razão, esqueceram-se como fazê-las, exatamente. Como se ensina a alguém a andar? Como se ensina alguém, há muito encerrado num pulmão de aço, a respirar? Como se ensina alguém a viajar no astral? Possivelmente, só recontando os passos e o processo. Possivelmente, só tornando-se o que alguns chamariam de repetitivo, pode-se induzir uma pessoa a se auto-ensinar como atingir outra vez o astral.

Suponham que têm uma esponja, uma esponja comum de banho servirá e a chamaremos de corpo. Suponham que encham os poros da esponja com um gás aderente, isto é, que não se disperse como a maioria dos gases, que se mantenha coeso como uma nuvem. Bem, este gás poderemos chamar de astral. Ele agora está na esponja, portanto, temos uma entidade dentro da outra. A esponja representando o corpo, e o gás que enche os espaços, de outra forma vazios, representando o corpo astral. Se agitarmos a esponja, poderemos desalojar a nuvem de gás. Do mesmo modo, quando o seu corpo dá uma pequena sacudidela sob condições controladas, o corpo astral liberta-se.

A melhor maneira de nos prepararmos para uma viagem astral é pensar nela. Pense muito seriamente sob todos os aspectos, porque como pensa hoje, assim será amanhã, e aquilo que pensa hoje, poderá FAZER amanhã.

Pergunte a si mesmo por que quer viajar no astral. Pergunte-se, honestamente. Qual é realmente a razão? Simples curiosidade? É para poder vigiar os outros ou quer voar pela noite e espreitar os

quartos de dormir? Porque se esse é o seu objetivo, estaria melhor sem fazer a viagem astral. Precisa estar seguro de que os seus motivos são corretos, antes de viajar no astral, ou mesmo antes de tentar.

Convicto de que os seus motivos resistiriam à mais severa inspeção, prepare a etapa seguinte. Quando for para a cama, sozinho, assegure-se de não estar cansado, de estar suficientemente bem disposto, para que possa permanecer acordado. Todos podem viajar no astral, mas a maioria das pessoas não treinadas adormece no processo, o que é na realidade muito aborrecido! Portanto, vá para a cama antes de sentir-se cansado, deite-se de forma confortável e, então, PENSE que se está retirando do seu corpo. Deixe-se tornar totalmente relaxado. O dedão do pé está tenso? Sua orelha comicha? Sente alguma dor nos rins? Qualquer dessas coisas indicarão que não está verdadeiramente relaxado. E precisa estar verdadeiramente relaxado, como um gato adormecido. E, estando bem certo disso, imagine que “algo” está saindo do seu corpo. Imagine que é um gás escoando-se da esponja. Poderá experimentar um ligeiro formigamento, ouvir alguns estalos curtos e secos, ou poderá sentir “alfinetadas e agulhadas” na nuca. Óti-mo! Isto significa que está emergindo. Agora, procure manter-se imóvel. É totalmente necessário que não entre em pânico, é absolutamente vital que não sinta medo, porque o pânico ou o medo o lançarão de volta ao corpo, pregando-lhe um grande susto. E, com efeito, também o impedirá de viajar no astral conscientemente por uns três meses.

Viajar no astral é normal. É total e inteiramente seguro. Ninguém pode apoderar-se do seu corpo, ninguém pode fazer-lhe mal. O que pode acontecer é o seguinte: se estiver receoso, entidades astrais desagradáveis farejarão ou verão a cor do medo e, com a maior das alegrias, tentarão amedrontá-lo ainda mais. Não poderão magoá-lo, não poderão magoá-lo de maneira alguma, mas lhes dá o maior prazer poderem amedrontá-lo tanto, que façam correr de volta para o seu corpo físico.

Não há nenhum segredo na viagem astral, só é necessário ter confiança, só é necessário o conhecimento firme de que vai-se fazer uma viagem astral enquanto inteiramente desperto. E a melhor maneira de começar é imaginar que se está viajando, imaginar que se está fora do corpo. Esta palavra “imaginação”, é muito mal empregada. Talvez fosse melhor dizer “visualize-se”. Portanto, visualize-se deixando seu corpo de carne, visualize-se escorregando gradualmente para fora e flutuando acima daquele corpo de carne deitado. Visualize-se fazendo isso, tenha firme o pensamento de que está fazendo isso e mais cedo ou mais tarde o fará. Descobrirá com o maior espanto que está flutuando, olhando para um corpo de carne, acolchoado, de um verde esbranquiçado. Provavelmente, terá a boca aberta e estará roncando porque quando estamos fora, não faz diferença alguma que nosso corpo de carne adormeça. Porque quando saímos com o corpo ainda acordado, lembra-mo-nos de toda a experiência.

Eis o que precisa imaginar: que está descansando, completamente relaxado na sua cama, em qualquer posição que lhe agrada, desde que seja confortável. Então, pense em si insinuando-se para fora do seu envoltório de carne, do corpo, lentamente insinuando-se para fora, elevando-se e flutuando alguns centímetros ou alguns metros acima do corpo. Não entre em pânico mesmo se oscilar ou se se inclinar algumas vezes, porque **NÃO PODERÁ SE MAGOAR**. Você não poderá magoar-se de maneira alguma e, enquanto estiver flutuando, não poderá cair. Quando atingir esse estágio, descanse um pouco. Fique imóvel, não precisa sentir pânico nem triunfo, apenas descanse tranquilamente por alguns momentos. Em seguida, se achar que pode suportar o choque e dependendo do tipo de corpo que possua, contemple a coisa que acabou de deixar. Parece toda torta, atarracada e pesada, parece uma porcaria. Bem, por ora não está contente de evadir-se?

Com isto em mente, deve dar uma espiada no mundo exterior. Portanto, pense em elevar-se, pense em flutuar através do teto e através do telhado. Não! Não sentirá nada, não levará uma

pancada, nem um arranhão, nem um choque. Simplesmente tenha vontade de flutuar para o alto, e veja-se flutuando assim.

Quando atravessar o telhado e estiver a dez ou vinte metros acima, pare e olhe ao seu redor. Pode parar pensando que está parado. E pode elevar-se, pensando que se está elevando, Olhe em volta, contemple os arredores de um ponto de vista que nunca teve antes, ao que possa lembrar-se, acostume-se a estar fora do corpo. Acostume-se a mover-se. Tente flutuar em torno do quarteirão. É fácil! Só é preciso dizer a si mesmo onde vai e com que rapidez vai, isto é, se quer seguir lentamente, como se fosse soprado pela brisa, ou instantaneamente.

Pessoas escrevem-me que tentaram tudo o que sabem para fazer uma viagem astral, mas, por alguma razão, não tiveram êxito. Uma escrevo dizendo: “Senti uma cócega estranha na nuca. Pensei que estava sendo atacada e isto me amedrontou.” Outra diz: “Pareceu-me estar deitada na cama, sem poder mexer-me, pareceu-me estar olhando por um longo túnel vermelho, com algo reluzente ao fim, que não consigo descrever.” E, ainda, uma outra escreve: “Oh meu Deus! Caí fora do meu corpo e fiquei tão apavorada, que voltei novamente!”

Mas esses sintomas são perfeitamente comuns, perfeitamente normais. Cada um deles pode ocorrer, quando se está saindo conscientemente pela primeira vez. São um bom sinal. Sinal de que se é capaz de viajar no astral conscientemente. Sinal de que se está com a mão na porta, por assim dizer, e a porta está-se abrindo lentamente. Mas, então, leva-se um susto no limiar dessa maravilhosa experiência, entra-se em pânico e lá se, volta para aquele envoltório de argila úmida e desconfortável outra vez.

Somente o medo pode causar-lhes reais dificuldades. Tudo o mais pode ser superado. Mas, o medo... Bem, se não dominarmos o medo do aparentemente desconhecido, o que poderá alguém fazer por nós? A própria pessoa tem que fazer algum esforço. Não é possível inserir uma moeda num caça-níqueis e receber um conjunto de viagem astral pré-embalado, sabem.

Bem, quando experimentarem uma sensação de cócegas, isto significa que o corpo astral está com efeito se libertando do físico, e por alguma razão particular o processo está provocando uma cócega, que é, afinal de contas, uma forma ligeira de irritação. Isto apenas significa que não se tem feito viagens astrais muito frequentemente porque, com a prática, a separação dos dois corpos torna-se cada vez mais fácil.

Apenas como uma digressão, deixe-me contar-lhes o seguinte: — eu estava escrevendo este capítulo sobre viagens astrais e suponho que pensava nisso demasiado intensamente, ou qualquer coisa assim. E, imediatamente, achei-me flutuando acima desse edifício e olhando para baixo. Uma pessoa de minha casa vinha subindo a rua, carregando um pacote de legumes! Vi-a entrar e escutar suavemente à minha porta, para ver se eu estava ou não trabalhando, e, então, indecisa, foi para outro quarto. Olhei ao meu redor e pensei: “Oh, meu Deus! Estou fazendo gazeta!” E mergulhei direto de volta ao corpo e continuei a trabalhar. Mas, isto apenas demonstra que quando alguém é experimentado em viagens astrais, não é mais difícil sair do corpo do que deixar um quarto e, abrindo uma porta, sair. Efetivamente, o esforço é menor. É muito menor.

Quando uma pessoa está recostada e de repente sente-se paralisada, isto é um sinal perfeitamente normal, não há nada errado. Apenas significa que a separação dos dois corpos está impedindo os movimentos do corpo físico e a chamada paralisia é, na realidade, uma denominação errônea. Trata-se, simplesmente, de uma forte resistência ao movimento. Com frequência, a pessoa parece ao mesmo tempo estar espreitando através de um longo túnel, que pode ser vermelho, preto ou cinzento. Mas, não importa a cor, isto é bom sinal, demonstra que se está saindo.

A maior coisa a recear é o próprio medo, porque todas as outras são perfeitamente comuns. Não têm nada de inusitado. Mas, se vamos ceder caminho ao pânico, bem, voltamos direto ao corpo com um verdadeiro baque, e se voltarmos mal alinhados, teremos

enxaqueca o resto do dia, até que se vá dormir novamente, e tornemos a localizar o astral no físico.

Acontece, às vezes, que a pessoa sai um pouco do corpo e sente, então, um movimento oscilatório. É normal, também.

Significa que não aprendeu a controlar o corpo astral adequadamente. Pode pensar nisso como uma pessoa aprendendo a guiar automóvel. Entra-se no desgraçado, vira-se o volante, e foi demais. Então, vira-se para o outro lado, e descobre-se que se virou demais para esse lado. Depois, avança-se numa espécie de curva em S, até que se aprenda a manejar o volante corretamente. Dá-se precisamente o mesmo com o astral. Começamos a emergir do corpo e quando estamos alguns centímetros para fora, como que perdemos a coragem, não sabemos como retirá-lo um metro, dois metros, etc. E fica-se ali oscilando. A única coisa a fazer é visualizar-se FORA!

Sim, sem dúvida muitas dessas coisas parecem ser uma repetição. É uma repetição proposital, porque precisam convencer-se com firmeza que a viagem astral é bastante normal e fácil, e de maneira alguma perigosa. A única coisa a recear é o medo. E só precisam recear o medo porque ele retarda o seu progresso. É como comprimir os freios abruptamente. Uma vez que estejam num estado de medo, perdem o controle de si mesmos e a química do organismo desequilibra-se. Portanto — não tenham medo, porque não há razão alguma para recear o que quer que seja, no astral.

É, realmente, uma experiência soberba, gloriosa, sair do corpo físico e flutuar no ar. Não é preciso fazer viagens longas, pode apenas deixar-se flutuar, talvez nove ou dez metros acima do chão. Você sentirá a ascensão suave das correntes de ar, especialmente quando passa sobre as árvores. As árvores proporcionam uma agradável corrente ascendente, morna e aconchegante, e se deixar-se flutuar e conservar uma altura constante acima de um agrupamento de árvores, quando no astral, descobrirá que a sua vitalidade melhora imensamente. Mas a viagem astral é um prazer que precisa ser saboreado. Não há palavras que possam descrevê-

lo, adequadamente. Se estamos fora do corpo e nos sentimos livres, é como se tivéssemos recebido nova carga de vida. Sentimo-nos como se estivéssemos em efervescência, e essa é uma das melhores sensações. Pode ser sua também, sabem, se na realidade a desejarem. Milhares de pessoas têm-me escrito, para dizer como é surpreendentemente fácil viajar no astral, contando-me onde estiveram, e que me viram em suas viagens astrais. O que essas pessoas podem fazer, vocês também podem.

Mas, vamos aprofundar-nos um pouquinho mais no assunto, para tentar descobrir o que os impede de aproveitar esta experiência maravilhosa.

Primeiro que tudo, dormem sozinhos? Isto é, no seu próprio quarto? Porque se compartilham a cama com mais alguém, então poderão achar um pouco difícil. Há sempre o receio de que a outra pessoa, ao se virar, perturbe o seu vôo. Assim, enquanto estiver iniciando-se nas viagens astrais, deve estar sempre só, completamente só, em seu quarto. Alguém não pode, por exemplo, praticar viagens astrais quando vive numa caserna com muitos outros homens, ou com muitas outras mulheres. Nem pode começar a viajar no astral se é recém-casa-do! É necessário estar só, fixar a mente na viagem astral e, então, poderá efetuar-la.

Pelas cartas, parece que o maior erro daqueles que estão tentando fazer viagens astrais, é a impaciência. Os norte-americanos, em particular, querem “viagens astrais instantâneas”. Não estão preparados para esperar, nem trabalhar para obtê-las, não têm paciência. Querem uma coisa mais rápido que o rápido, e mais depressa do que o já. Bem, isto não é feito assim. Precisa-se estar nas condições adequadas, primeiro. Precisa-se ter paciência, exatamente como se tivéssemos estado de cama por muito tempo e se torna necessário ter paciência enquanto reaprendemos a andar. Tenham paciência, portanto, e tenham fé na sua capacidade. Visualizem-se flutuando acima do seu corpo, porque a “imaginação” é uma força muito poderosa. E se conseguirem dar a partida... Bem, o resto é inteiramente simples. Viajar no astral é a coisa mais

simples que podemos fazer. Até respirar exige algum esforço. Viajar no astral exige a total negação do esforço.

Depois da impaciência, o maior obstáculo que impede alguém de entrar no estado astral é a fadiga. As pessoas agitam-se o dia todo, precipitam-se como galinhas sem cabeça, correndo para o cinema ou supermercados e cabriolando pelo país. Então, quando estão quase caindo de cansaço, metem-se na cama e pensam que vão fazer viagens astrais. Bem, vão, mas estão tão cansadas que adormecem e esquecem-se de todas as viagens, ou antes, esquecem-se de todas as emoções daquelas viagens. Não se enganem a esse respeito; viajamos no astral quando dormimos, o truque é permanecer acordado, e fazê-lo é apenas uma habilidade que se precisa adquirir, como se adquire a habilidade de respirar. O médico dá uma palmada nas nádegas de alguém quando nasce, esse alguém toma um fôlego violento para poder gritar em protesto, e a respiração tem início. Bem, não posso sair dando palmadas nas nádegas de todos para iniciá-los na viagem astral! Mas, é realmente uma questão simples, e requer apenas um pouquinho de habilidade.

A impaciência e o excesso de fadiga, então, são as duas grandes causas de fracasso. Há uma outra causa — a constipação ou prisão de ventre.

Se sofre desse mal, torna-se, em geral tão desalentado, que a pobre coitada da forma astral fica aprisionada num bloco de barro congestionado. A prisão de ventre é a maldição da civilização e, talvez, como é tão importante para os nossos estudos sobre viagens astrais que a pessoa não esteja com prisão de ventre, deveríamos dedicar um capítulo inteiro às coisas da saúde. Assim, leiam mais adiante, neste livro, como se livrarem da prisão de ventre. Quando expelirem as impurezas do corpo, descobrirão que se tornaram tão mais livres que poderão entrar no astral.

Alguém escreveu-me dizendo: “Mas, olhe aqui. Todos esses corpos astrais que o senhor diz flutuar no espaço dia e noite, por que seus cordões de prata não se enredam, por que não se chocam? O senhor diz que milhares de pessoas deixam seus

corpos e pairam no alto, como balões na extremidade de um fio. Como pode isso acontecer, sem que ocorra um emaranhamento desesperado?

A resposta é simples: cada pessoa tem uma frequência diferente, cada corpo físico tem uma determinada frequência e o corpo astral tem uma frequência diversa... — bem, não entendo muito de música — mas deixem-me dizer, diversas “oitavas” mais altas. O corpo astral está, obviamente, em harmonia com o corpo físico, mas a vibração é muitos milhões de vezes mais rápida do que o corpo físico. Todos têm uma frequência, ou diferente variação de vibração, e se sintonizamos a BBC de Londres no rádio, recebemos a BBC de Londres. Não recebemos a Rádio Turquia ou a Rádio Pequim naquela frequência.

Pode-se dizer que as frequências das estações de rádio não interferem umas com as outras e, da mesma maneira, as frequências dos diferentes astrais não interferem umas com as outras. Por essa razão, não podem colidir, não há nenhum emaranhamento, nenhuma confusão. Numa rua movimentada, de uma cidade movimentada, veremos pessoas dando encontrões umas nas outras e, ou desculpando-se ou descompondo-se, de acordo com o seu temperamento, mas tais coisas jamais ocorrem no astral. Não há colisões. Os únicos que podem chegar próximos uns dos outros, nos mundos astrais, acima do astral inferior, são aqueles que são afins. Não pode haver discórdia e uma colisão é, geralmente, um conflito, não é?

Todos sabemos que muitos dizem: “Este problema — não consigo tratar dele agora, vou deixá-lo para amanhã³. De manhã, acharei uma solução.” Bem, isto é bastante justo, porque as pessoas levam seus problemas para o mundo astral e, se não conseguem resolvê-los, há sempre alguém disponível que possa. E se não são capazes de efetuarem viagens astrais

conscientes, ainda assim voltam com alguma lembrança de como o problema poderá ser resolvido. Criaturas como grandes músicos vão para o Outro Lado, para uma zona acima do astral

inferior. Ouvem aquela maravilhosa música espiritual e, então, porque são basicamente musicais, porque têm percepção musical, decoram-na. E quando acordam de manhã — ou podem até acordar durante a noite, especialmente para isso, — correm para um instrumento musical e, ao que pensam, “compõem”. Alguns grandes compositores costumavam ter papel e lápis ao lado da cama, para que quando acordassem “inspirados” pudessem escrever a notação musical imediatamente. Coisas que aprenderam no astral, isto é, música que aprenderam no astral. E é uma utilização legítima das viagens astrais.

Um grande inventor pode ter visto algo no astral, mas, possivelmente, não fazia viagens conscientes. Assim, quando acordasse de manhã, teria uma ideia maravilhosa para uma nova “invenção” e correria para seus cadernos e anotaria especificações e desenharia esboços. E então... Bem, ele teria inventado algo que o mundo desejava há muito tempo.

Diversos homens de negócio muito bem sucedidos utilizam-se das viagens astrais, consciente e inconscientemente. É assim que a coisa funciona: um homem bem sucedido em fazer entrevistas conclui que tem uma pessoa muito difícil para visitar na manhã seguinte. Assim, quando se deita, fala sozinho e repassa o que pretende dizer ao seu “cliente em perspectiva” quando encontrá-lo de manhã. Antecipa seus argumentos e rebate-os enquanto está ali deitado na cama. Em seguida, adormece. O Seu Astral compreendeu a ideia e, quando o corpo físico estiver dormindo, sai e vai em busca do corpo, ou do astral, do cliente em perspectiva, e conta-lhe o que vai ser dito na manhã seguinte, e também lhe diz qual a atitude que deverá tomar.

De manhã, na entrevista, os dois se cumprimentam como velhos amigos, ambos certos de se terem encontrado antes.

Descobrem que se dão fabulosamente bem, e o entrevistador de sucesso expõe seu ponto de vista ao cliente em perspectiva e, realmente, consegue o efeito desejado. É simples, altamente bem sucedido, e inteiramente legítimo. Portanto, se quiser alcançar

sucesso nos negócios ou no amor — bem, dedique-se às viagens astrais. Conseguirá implantar firmemente a ideia que deseja na mente do cliente em potencial.

Falei muito a respeito de sair do corpo, e isto pode ser feito. Uma vez fora, sempre se pode voltar. Suponho que nunca na história houve um caso autêntico de alguém que não conseguisse voltar. Pode-se voltar muito bem, mas queremos voltar nas condições mais agradáveis, porque se ficarmos todos saltitantes e simplesmente pularmos no nosso envoltório de barro, podemos arranjar uma dor de cabeça.

Quando se está regressando de uma viagem astral, vemos o nosso corpo de carne deitado na cama, geralmente numa posição retorcida. Os olhos fechados, a boca aberta, as pernas talvez num abandono desordenado, e tem-se que penetrar naquele corpo. Visualize-se baixando, baixando, e baixando. Bem suavemente! Quando estiver quase encostando, ponha as pernas precisamente na mesma posição que as do seu corpo físico. Depois, deixe-se ser absorvido pelo corpo, como a umidade sendo absorvida por um mata-borrão. Estamos dentro do corpo (é uma coisa fria e pegajosa, realmente) mas, estamos dentro e não houve nenhum choque, nenhum sacolejão, nenhum contratempo. Mas suponhamos que tenha sido desajeitado e tenha entrado com brusquidão. Descobrirá que arranjou uma dor de cabeça horrível, descobrirá que está-se sentindo mal. Nesse caso só há uma coisa a fazer — nenhum remédio, nenhuma droga poderá ajudá-lo de maneira alguma — há apenas uma cura possível e é a seguinte:

Deite-se imóvel de pés e mãos juntas e deixe-se adormecer, mesmo que seja apenas por alguns minutos; adormeça para que o corpo astral possa soltar-se do físico e, então, penetrar e recolocar-se com precisão. Quando estiver exatamente recolocado, você experimentará uma sensação de bem-estar e nenhuma dor de cabeça. E — isso é tudo!

Neste capítulo, falamos a respeito de viagens astrais muito mais do que precisaria ser dito. Mas a ideia foi repetir as coisas sob um

ângulo diferente, para que talvez pudessem compreender a afirmação básica de que é mesmo tão fácil. Podemos fazê-la, desde que não nos esforcemos demasiado. Desde que tenhamos paciência. Não podemos ir a uma agência de passagens ou de viagens e reservar lugar num vôo astral, sabem. Alguns voos custam uma fortuna, mas no mundo astral tudo é de graça. E você pode obtê-la — de graça — se tiver paciência, e não estiver cansado demais.

Portanto, mãos à obra. É verdadeiramente uma sensação maravilhosa.

John Thomas, bom e íntegro, era um jovem membro da pequena comunidade galesa. Um membro leal e vociferante do movimento “O País de Gales para os galeses — Veja você”, um líder reconhecido do grupo, que invectivava quando o futuro Príncipe de Gales aparecia no Principado. Era, na verdade, ruidoso e estridente quando traduzia estranhos juramentos bárdicos para a língua inglesa e os arremessava com violência às cabeças e aos ouvidos dos turistas ingleses, que inofensivamente visitavam o centro da cultura galesa.

No “Leek and Daffodil”⁴ atirava setas “ao coração do tirano inglês, qualquer que seja, veja você”, quando parava por alguns momentos a sua interminável ingestão de cerveja. Muitas eram as histórias de atrocidades inglesas que contava, enquanto aguardava a pensão de desemprego, fornecida livremente pela parcimoniosa Inglaterra.

À noite, saía furtivamente com uma lata de tinta e uma broxa e, após verificar que não era observado, pintava comentários espirituosos em qualquer parede conveniente — sempre contra os ingleses, é claro. Mas certa vez, chegou ao “Leek and Daffodil” parecendo sombrio e carrancudo, mal-humorado rabugento. “Que tem você, John Thomas?”, perguntou um amigo. “Parece um tanto murcho!”

John Thomas suspirou e gemeu e mexeu as orelhas.

— Ah, pobre de mim! — exclamou, revirando os olhos para o alto, mas mantendo seguro o canecão de cerveja. — Pobre de mim, minha sorte acabou e não consigo receber mais nada desses ingleses imundos! Agora terei de trabalhar na Terra de meus pais! — Afastou-se e, rapidamente, agarrou o canecão cheio, de um homem cuja atenção fora distraída. Esvaziando o do estranho primeiro e, a seguir, o próprio, precipitou-se para fora.

No dia seguinte, lamentando-se profundamente, arranhou um emprego como motorista de um ônibus turístico, e, desde então,

ficou conhecido como Thomas, o Ônibus. Com imensa tristeza, conduzia turistas ingleses em excursões, respondendo às perguntas com um sorriso amável, mas sentindo no coração ganas de matar. Os dias se passavam e Thomas, o ônibus, definhava. Tornava-se cada dia mais taciturno, sua voz já não se erguia em canções e seu canecão já não se erguia nem com cerveja oferecida. Tornou-se letárgico, apático, lânguido e preguiçoso. Já não pichava paredes à noite, já não se opunha ou armava confusão quando, ao ser apanhado enganando turistas no troco, um inglês cantasse:

“Taffy era um galês Taffy era um ladrão Taffy veio à nossa casa E roubou um dinheirão.”

— Na verdade, estou doente — disse a um companheiro — e sinto que a minha sombra está mais substancial do que eu próprio; talvez devesse apressar-me e consultar o Velho Williams, o Médico. E lá saiu ele, trôpego, as pernas tremendo e, penosamente, arrastou-se três degraus acima para ver Williams, o Médico.

O Dr. Williams logo despachou outros pacientes e mandou Thomas, o Ônibus, entrar, exclamando:

Bem, o que há com você, meu rapaz?

Oh, Dr. Williams — exclamou Thomas, o Ônibus — eu já não canto mais e já não ergo meu canecão. — Olhou em redor, desconfiado, e, então, num sussurro conspirativo, murmurou: — E não é só isso que não consigo fazer, doutor.

Sua voz baixou mais, e mais, e, finalmente, o Dr. Williams disse: — Sim, meu rapaz, sei exatamente o que está errado em você. Como Thomas, o Ônibus, você vive curvado ao volante do carro e isso contraiu seus intestinos. — Sua voz elevou-se num rugido feroz. — Você está com prisão de ventre, está cheio de porcaria inútil. Guardaria lixo em casa? Não o levaria para fora, para que os lixeiros tomassem uma providência?

Thomas baixou a cabeça, envergonhado, e murmurou: — Sim, o meu ônibus vai todo o dia, mas eu só uma vez por semana.

Recebo inúmeras cartas, trinta ou quarenta por dia, como já mencionei, e uma quantidade surpreendente versa sobre assuntos médicos. Muitas pessoas, mulheres especialmente, não gostam muito de procurar médico e discutir com eles algumas das doenças, disfunções ou queixas, mais comuns e, talvez, embaraçosas, de modo que me escrevem. Neste capítulo, vou tratar de um ou dois problemas de saúde, mas o primeiro de todos será — a prisão de ventre!

Esta é, provavelmente, uma das doenças mais insidiosas que já afligiram a humanidade. Tomam-se providências a respeito de outros tipos de doença. Quando se tem uma dor de dentes aguda, manda-se arrancar o desgraçado. Se temos uma perna quebrada, mandamos encanar o osso. Mas prisão de ventre!... As pessoas parecem pensar que seja como a pobreza, sempre presente.

Muita gente deposita grande fé nas palavras sábias dos médicos, mas estes estão, frequentemente, nas mãos de fabricantes de produtos farmacêuticos. O resfriado comum e a prisão de ventre, ainda mais comum são o que poderíamos chamar de doenças que sustentam os farmacêuticos. Bilhões de libras ou de dólares são e serão gastos nas “curas” para os resfriados e a prisão de ventre. Bem, um médico atem-se, ou deveria ater-se, a duas leis antigas, a primeira das quais reza que a arte da medicina consiste em distrair o paciente, enquanto a natureza cura a doença. A segunda é “primum non nocere”, que significa “primeiro não faça mal”. O que quer que um médico faça, então, deverá estar de acordo com estas duas leis, a primeira — conquiste o interesse do paciente e espere que a natureza cure a doença — e a segunda — não faça mal. Infelizmente, na opinião de muitos, o médico faz um grande mal quando se esquece de prevenir as pessoas dos perigos da prisão de ventre.

A prisão de ventre interessa a nós, que queremos fazer viagens astrais, pela simples razão de que se uma pessoa está, habitualmente, sofrendo dessa moléstia não lhe é possível empreender viagens astrais conscientes, isto é, completamente acordada. Portanto, se querem sair em passeios astrais, assegurem-

se, primeiro, de que o seu interior esteja bem. A limpeza interior é importante, não é?

Registros médicos chineses, bem antigos, indicam que os primitivos líderes, imperadores, imperatrizes e grandes guerreiros, usavam clisteres para que o seu interior ficasse ao menos tão limpo quanto o exterior. Um nome comum para clisteres, hoje em dia, é enema; portanto, vamos usar o nome comum, porque clisteres nos lembram um tanto os lustros de alguma velha igreja, e estamos muito distanciados disto, quando tratamos de enemas! Os chineses primitivos usavam tubos finos de bambu, adaptados a outros mais largos, que possuíam um pistão para impelir a solução herbácea aos intestinos.

Os egípcios também entraram em cena e, possivelmente, apanharam a ideia dos chineses. Por volta de 1500 AC, eles usavam os enemas como método comum e rotineiro para tratar a falta de saúde. A ideia era que quando se tem uma dor interna, devemos livrar-nos de todo o refugo que, provavelmente, a está causando. Algumas das soluções que usavam para enemas eram nitidamente nojentas, sendo que óleo e mel misturados era a das mais comuns!

Na época francesa, por volta de 1400 mais ou menos, os enemas estavam muito em uso. Logo depois disso, tornou-se o método em voga para tratar as doenças, e muitas famílias de elevada posição social tomavam no mínimo um enema por dia.

Na Inglaterra também, as principais famílias possuíam maravilhosas seringas para enemas. O paciente sentava-se sobre uma abertura circular numa caixa de madeira e uma seringa de enema muito ornamentada era colocada em posição, injetando um líquido cuidadosamente preparado em seus intestinos. Depois do que, o paciente levantava-se e saía com grande pressa, para que a carga pudesse ser expelida. Mas a moda é inconstante. Agora, não é elegante usar enemas. Ao invés, a pessoa vai à farmácia e compra um pacotinho disso ou daquilo, e ou engole ou chupa ou mastiga ou bebe algum preparado nocivo, que, frequentemente, provoca uma

forte dor e uma violenta expulsão e, na realidade, nada faz para curar o mal. Nada faz para superar aquilo que causou a prisão de ventre. Parece que agora, a tendência é querer curar o sintoma, sem curar a causa básica, o que naturalmente nem merece comentários.

Sim, o tratamento médico passa por ciclos de popularidade e impopularidade. Costumava-se operar as amígdalas porque era moda. Depois tornou-se moda extrair o apêndice, e, agora, é moda as mulheres fazerem excisão de útero — da qual falarei mais extensamente, adiante.

Foi uma mudança muito ruim na moda quando os enemas foram suspensos, porque, corretamente aplicados, podem operar maravilhas na eliminação da prisão de ventre, não apenas da coisa em si, mas da falta de saúde que justamente causa a prisão de ventre. Muitas pessoas ficam com intestinos presos porque quase não bebem água. Deve-se realmente beber copos e mais copos de água para se ter saúde, porque comemos alimentos sólidos, que em nosso interior são transformados em pasta; quando esta passa pelos intestinos, as substâncias nutritivas são extraídas e, inevitavelmente, a umidade também é extraída. Assim, quando o resíduo indesejável do alimento chega ao colo descendente, torna-se uma massa dura e seca. É expelida por movimentos espasmódicos de torção do colo, e se a massa é dura demais, não pode ser expelida, ou se o é, causa dor e irritação. A única maneira de tornar essa massa facilmente removível é assegurar-se de que nela exista umidade adequada, para que se mantenha flexível. Muitos dos purgantes encontrados no mercado presentemente são irritantes, isto é, a ação do produto químico no laxativo irrita os intestinos, fazendo-os contrair-se. Às vezes, irrita tanto o intestino, que a umidade é retirada da corrente sanguínea através das paredes do colo, saturando a massa de resíduos. E isto causa desidratação!

Muitos têm-me escrito a respeito deste mesmo problema, de modo que a melhor coisa a fazer é tratar, primeiramente, a condição original por meio de um enema auto-aplicado, e uma vez normalizada, utilizando um laxativo cuidadosamente escolhido,

quando necessário. Talvez seja melhor, para poupar nova avalanche de cartas sobre este problema, entrar em mais alguns detalhes. Portanto, aqui vão.

As pessoas, hoje em dia, consomem muitos alimentos artificiais, alimentos industrializados, que frequentemente não apresentam volume. Se uma pessoa come e não há suficiente resíduo para encher o intestino, o movimento deste não é capaz de empurrar o resíduo que desejamos expelir. Assim, é essencial ter uma dieta adequada e que deve incluir volume suficiente para encher o intestino, no seu tamanho normal, para que as suas contrações espasmódicas possam deslocar aquele resíduo. Além disso, o alimento deve ter uma “aspereza” que estimule o intestino sem irritá-lo, da mesma maneira que uma massagem apropriadamente aplicada pode estimular o corpo sem irritá-lo.

Deve-se beber bastante água, para que haja um suprimento adequado de água, não só para manter o sangue na sua densidade correta, mas também para manter os rins ativos, e deixar uma sombra para manter o refugo do corpo numa condição de umidade ideal. Se uma pessoa segue uma dieta normal e sensata, com bastante fruta e vegetais, os intestinos não deverão incomodá-lo indevidamente. Mas gente em demasia se empoleira numa banqueta de lanchonete, como um bando de galinhas chocas, debruça-se sobre um prato e come com absoluta sofreguidão, em garfadas tão rápidas quanto é possível, quase não mastigando e engolindo com toda velocidade de que são capazes. Essa mixórdia vai para o estômago e o pobre do estômago tem que trabalhar ainda mais para triturar as coisas.

Depois que fizeram essa refeição, precipitam-se, para fora, para apanhar um ônibus ou fazer compras no intervalo da hora do almoço. Durante o dia os intestinos cansam-se de informar ao seu dono que querem começar a trabalhar e, assim, o impulso torna-se cada vez mais lento e cada vez mais fraco. Muitas pessoas não dedicam tempo suficiente aos chamados da natureza, e homens, como os motoristas de ônibus, por exemplo, que estão curvados numa cabina, comprimem os intestinos e assim a prisão de ventre é

quase um risco ocupacional para eles. As pessoas parecem pensar que os intestinos só deveriam funcionar quando ELAS querem que funcionem, e, também, pensam que deveria haver uma “entrega instantânea”.

A natureza não funciona dessa maneira. É preciso dar-lhe tempo para agir adequadamente e, se abusamos da natureza, se abusamos das nossas funções naturais, vamos pagar por isso em uma má saúde, em um mau humor, em uma má conta bancária.

Agora, já sabem o que é um enema? Podem comprar numa farmácia um saco de borracha apropriado, com tubo que tenha um esguicho na ponta. Com qualquer saco decente de enema, virão instruções para o uso, e sugerimos, muito seriamente, que apliquem um enema algumas vezes para ficarem com a saúde em boas condições, porque uma vez que seus intestinos estejam recondicionados, não deverão sofrer novamente de prisão de ventre, a não ser que apanhem alguma doença muito grave e, neste caso, deverão ficar sob cuidados médicos. Por favor, lembrem-se que não estou tentando substituir o médico da família. Não estou prescrevendo o que se poderia chamar de um tratamento médico. Pelo contrário, estou tentando poupar-lhes um bocado de infelicidade, informando-os de alguns fatos elementares que todos deveriam saber e que, se observados, lhes poupariam anos de doença e muitas despesas com um médico, que na realidade tem casos mais importantes para cuidar. Portanto, lembrar-se-ão disso? Não estou indicando cuidados médicos para pessoas com doenças graves. Estou sugerindo um tratamento, uma rotina que os ajudará a gozar de boa saúde. E isto significa — evitar a prisão de ventre.

É sempre seguro aplicar um enema e a melhor posição é aquela em que o paciente se deita, talvez sobre uma toalha no chão do banheiro. Deitem-se sobre o lado esquerdo, com os joelhos levantados. Vocês próprios podem administrar o enema, sem nenhuma dificuldade. Se tiverem algum problema de prisão de ventre realmente grave, é uma boa ideia utilizar 14,2 g de tintura de mirra e cerca de quinze gotas de tintura de “echinacea”⁵. Ambas deverão ser adicionadas a 0,95 l de água, que esteja

aproximadamente à temperatura do corpo. Ponha essa solução no saco de enema e injete-a nos intestinos. Mantenha-a ali o maior tempo possível, e a mistura saturará a massa dura do interior dos intestinos e a tornará macia para que possa ser expelida sem dor.

Depois de expelida a primeira parte, faça outro enema, mas desta vez com 0,95 l de água à temperatura do corpo, ao qual tenha adicionado apenas quinze gotas de echinacea. Isto quer dizer que não se põe tinctura de mirra no segundo enema. Essa segunda injeção o ajudará a livrar-se de qualquer pus ou catarro alojado no intestino inferior.

Talvez lhe interesse saber que muitos pacientes, que não podem alimentar-se pela boca e garganta, podem ser alimentados pelo reto. Um líquido nutritivo é injetado muito lentamente e retido e isso sustém o corpo. Lembrem-se: quanto mais rápido injetarem qualquer solução no reto, tanto mais rápida ela será expelida. E se quiserem reter um líquido por algum tempo, o enema deverá ser aplicado muito lentamente. Um alimento líquido, naturalmente, só deverá ser injetado sob ordens médicas.

As tribos indígenas de todo o mundo têm terapias próprias para a prisão de ventre. Os índios da América do Sul, especificamente os do interior do Brasil, deram-nos um dos mais famosos laxativos — a “cáscara”, ou como é corretamente chamada “cáscara-sagrada”, a casca-sagrada. Os índios do Brasil recorrem ao seu Pajé (médico feiticeiro) quando estão com prisão de ventre e recebem um pedaço de casca-sagrada, que mastigam — e que gosto horrível tem! Depois de a terem mastigado um pouco, retiram-se discretamente para alguma mata densa e não são vistos novamente por alguns momentos. Quando voltam, estão muito melhores de saúde, mas, provavelmente, um tanto pálidos devido ao desenrolar dos acontecimentos. A casca-sagrada, simplesmente mastigada, tem o mais devastador dos efeitos, mas agora foi domesticada pelos químicos e pode ser obtida em doses adequadamente graduadas.

Quando o seu interior estiver livre do refugo obstruidor, deverá examinar sua dieta e modificá-la como e quando necessário,

assegurando a regularidade do funcionamento dos intestinos, comendo adequadamente e habituando-se a atender aos chamados da natureza. Vá à mesma hora todo o dia, não se incomode se da primeira vez não conseguir nenhum resultado, mesmo assim, sente-se ali, e pense no assunto. Se fizer disso um hábito absoluto e mostrar à natureza que está pronto e disposto, ela; aquiescerá se estiver “ali pronto e disposto”.

Os melhores laxativos são os herbáceos. Pode-se obter cáscara-sagrada em tabletes ou líquida, e pode-se obter sena em tabletes ou líquida. Ambas produzirão o efeito desejado, sem dor. Alguns outros preparados químicos que existem no mercado são na realidade horrivelmente desastrosos, mas poderíamos denominar a cáscara de “pílulas da fé”. E vocês se lembrarão de que a “fé” remove montanhas.

Ah, sim, e não se esqueçam: é inútil tomar um purgante se não beberem água suficiente. O que adianta tomar um laxativo que pode provocar contrações intestinais, quando aquilo que se quer expelir está duro demais para ser expelido? É absolutamente essencial que ao se tomar um laxativo, beba-se grande quantidade de água, de outra forma o purgante apenas causará dor sem produzir nenhum resultado positivo. Lembrem-se, nunca se consegue beber água demais. Se alguém tentar beber água demais — bem, simplesmente descobrirá que não pode.

Assim, a sua saúde depende grandemente de um interior limpo. Se tiver um interior limpo, pode ir avante e fazer viagens astrais.

Outro assunto sobre o qual muitas mulheres me pediram que escrevesse é a mudança de vida, a menopausa. Muitas a temem mais que à morte, pensam que ficarão loucas ou coisa parecida. Dão ouvidos a histórias verdadeiramente fantásticas e temem o pior, sem nada conhecerem a esse respeito. A menopausa é uma época de mudança, mas todas já tiveram uma mudança quando se tornaram adolescentes. Uma mulher não se torna procriadora da noite para o dia; o que acontece é que uma menina vai crescendo com seus modos de criança, até que começa a... Bem, isto varia

de uma pessoa para outra, doze, treze, quatorze anos de idade — e todo o tempo ela está consciente das coisas estranhas que estão ocorrendo dentro de si. Sua atitude para com a vida muda. Seu corpo muda também porque numa certa época da vida, diversos novos elementos químicos são produzidos pelo seu corpo e lançados na corrente sanguínea. A moça descobre que aparece a sua primeira regra, e depois da primeira regra, ela é capaz de procriar.

Essa mudança da infância para a adolescência significa que toda a espécie de elementos químicos está afluindo para o seu sangue, preparando-a para a maternidade, tornando-se uma das possíveis procriadoras. Mas, numa determinada época da vida, o suprimento de elementos químicos gradualmente diminui ou seca e a mulher quase sempre sente-se uma inútil, sente que já não pode ter filho, de modo que tudo será diferente. Sente que não terá mais vida sexual. É uma tolice, naturalmente. Muitas mulheres iniciam o período mais feliz de suas vidas quando entram na menopausa. Muitas descobrem que se tornaram grandes artistas ou grandes desenhistas ou grandes musicistas, depois que a idade de ter filhos passou. A natureza tira o potencial de procriar, mas toda a energia, toda a iniciativa, tudo enfim pode ser canalizado para outros setores. A arte de ser uma boa esposa, por exemplo. Porque quando uma mulher vive preocupada com crianças pequenas não é necessariamente uma boa esposa para o marido. Depois da menopausa, pode vir a ser, e este período pode tornar-se o mais feliz de sua vida.

As mulheres perguntam-me como devem proceder na menopausa. A resposta é a seguinte: lembrem-se que estão passando por uma mudança, que são como um automóvel que durante anos funcionou com gasolina e, de repente, tem que funcionar com parafina. Com uma adaptação, isto pode ser feito bastante satisfatoriamente. Lembrem-se que a menopausa é completamente natural, toda mulher passa por isso, e as únicas que são muito afetadas são aquelas que se preocupam demasiado. Não há necessidade de se incomodar. Compreendam que mudanças estão ocorrendo. Compreendam que, se se mantiverem calmas a

esse respeito, as mudanças se processarão mais rapidamente. Poderão ter mais dores de cabeça do que em média, isto é, a sua média, quando a menopausa sobrevêm, mas isto passará. Logo as coisas se normalizarão e não terão mais nenhuma sensação de estranheza. Não terão mais nenhuma perturbação mensal tampouco, serão mais felizes. Muitas mulheres aumentam um pouco de peso depois da menopausa porque os vários elementos químicos, que agora foram suspensos, tornavam a pessoa mais atraente e queimavam a gordura excessiva. Assim, o corpo poderá ficar um pouco mais rechonchudo, porém com uma dieta e exercícios apropriados, pode-se controlar isso e parecer ainda melhor. Sob quaisquer circunstâncias, não acreditem em contos da carochinha, que afirmam que ficarão gordas demais, que darão entrada num sanatório, que lhes nascerá barba e bigode, e todas essas tolices.

A menopausa é coisa natural, corriqueira, mas caso sintam-se muito mal ou perturbadas, o seu médico poderá receitar-lhes um tratamento hormonal adequado. Mas não devem tomar hormônios por conta própria, porque há muitos tipos diferentes de hormônios e se tomarem o tipo errado não lhes fará nenhum bem. Se acharem a vida demasiado insuportável durante a fase da menopausa, procurem um médico e exponham-lhe claramente o que desejam que ele faça. Muitos médicos, é triste dizer, acham que a menopausa é tão corriqueira que é simplesmente perda de tempo, é simplesmente criança que uma mulher se queixe, e se o seu médico pensa assim, diga-lhe francamente o que quer e insista em obtê-lo. E se não lhe quiser dar um tratamento hormonal, vá a outro médico, porque médicos existem às dúzias, sabem.

Já que estamos no assunto de queixas femininas, vamos referir-nos àquela operação conhecida como excisão do útero (histerectomia). Hoje em dia, muitas mulheres estão fazendo histerectomias sem ao menos saberem de que se trata. A histerectomia é quase que um símbolo de posição para algumas mulheres, da mesma maneira que usar um desses capacetes cómicos de plástico é um símbolo de posição no Canadá e nos Estados Unidos. Os homens que querem ser conhecidos como viris e fortes usam um pequeno capacete

plástico, ridículo, de cores variadas, para caracterizarem a sua profissão — construtor, armador de andaimes, cavador de valas ou jardineiro (sim, até os jardineiros usam capacetes cômicos aqui!)

Assim, as mulheres estão usando a histerectomia como um símbolo de posição. É a nova bossa, tal como dantes as pessoas operavam as amígdalas, e depois foi a vez dos apêndices, agora removem-se os ovários. Muitas mulheres, mulheres casadas — sim, as solteiras também! — não querem se incomodar com o controle da natalidade e preferem fazer uma histerectomia, que é a remoção do útero e dos ovários, pois, então, simplesmente não podem mais ter filhos e podem ter tanto sexo quanto quiserem, e tudo é bastante seguro.

Não é tão fácil, assim. A histerectomia é, na verdade, uma coisa muito ruim, a não ser que a pessoa tenha uma doença grave. Se o médico diz que este é o seu caso e que será necessária uma histerectomia, simplesmente não aceite o que ele afirma, vá consultar outro médico e ouvir sua opinião. Infelizmente, é fácil dizer a uma mulher para se operar. Não faz mal ao médico e rende algum dinheiro, sabem, e os médicos precisam manter carros e consultórios luxuosos, e se uma mulher está disposta a pagar por uma operação — bem, não lhes faz mal algum. Vocês compreenderão que não tenho fé alguma nesses médicos ocidentais. Tive alguma experiência com eles no Canadá e creio que não passam de açougueiros engrandecidos. Mas, voltemos à nossa histerectomia.

Se for necessário fazer essa operação, lembre-se de que se trata, com efeito, de uma menopausa artificial, uma mudança artificial de vida. Você não se torna um repolho inútil depois disso. Pode levar uma vida perfeitamente normal e a única diferença é que não poderá mais ter filhos. No entanto, é muitíssimo errado que uma mulher jovem, vamos dizer de uns vinte e cinco ou trinta anos, faça uma histerectomia como forma de controlar a natalidade, porque uma mulher de quarenta ou cinquenta anos já teve uma vida sexual normal, e seu corpo e seu EU Superior amadureceram correspondentemente. Mas, se antes de qualquer maturidade

ocorrer, faz-se uma operação drástica de excisão do útero, a mulher não passa por nenhuma das experiências que vêm com as regras etc. etc. Se a natureza quisesse que as mulheres tivessem uma mudança de vida aos vinte e cinco anos de idade, teria providenciado a esse respeito, e não está certo que o homem altere a natureza por caprichos tolos e desarrazoados, mas tão-somente quando haja uma doença séria que não possa ser curada por outros meios.

Portanto, minhas senhoras, se precisarem fazer uma histerectomia, ajam como se tivessem feito uma operação séria e uma mudança de vida, simultaneamente, porque é isso que acontece. Lembrem-se que numa mudança de vida normal e natural, a suspensão do fluxo dos diversos elementos químicos, ocorre num período longo de tempo, mas, se fazem uma histerectomia, há uma suspensão drástica do fluxo e uma diferença de produção química. Esta é a razão por que algumas mulheres se tornam um tanto “estranhas” quando fazem uma histerectomia. Porque tudo foi tão drástico e elas não sabiam o que esperar. O que deve esperar é o seguinte: é necessário recuperar-se do traumatismo físico da operação e acostumar-se à diferença na sua composição química. É preciso compreender que por algum tempo se sentirá desorientada, perdida, insegura. Pode ficar trêmula, ter dores de cabeça, ter dores vagas na parte inferior do corpo. Mas, se não se preocupar, isto passará e poderá agir normalmente outra vez. Pode ter prazer no sexo, pode ter prazer nos esportes.

Mas tudo depende da SUA atitude, do SEU estado de espírito, porque, como pensamos, assim somos.

Uma das grandes causas da histerectomia, da frigidez, etc. nas mulheres — bem, um homem não faria uma histerectomia, faria? — é que os pais da velha escola, frequentemente, contavam às crianças coisas horríveis sobre o sexo. As mães de alguns anos atrás ensinavam às filhas que o sexo era uma coisa terrível, desprezível, nojenta e coisas deste teor, com o resultado de que condicionavam a filha a abominar o sexo, condicionavam a filha a ser a responsável pelo fracasso no casamento.

Conheço uma mulher que ficou tão apavorada com o que sua mãe dissera com relação ao sexo que, embora seja hoje em dia uma mulher casada, nada conhece do corpo de seu marido que, por sua vez, conhece outro tanto do dela. Ele é um sujeito bonachão, sem nenhuma agressividade, como se poderia esperar do que adiantei e essas pessoas levam uma vida tão excitante quanto um pé de alface e um repolho que morassem juntos, na mesma prateleira do congelador. Certa vez, mencionei a palavra sexo a essa mulher e ela quase teve um ataque de vergonha, horror e choque e, na minha ponderada opinião, está à beira da loucura, devido ao seu medo do sexo. Vive com o receio de ser violentada.

É lamentável que as mães dêem às filhas uma ideia tão completamente falsa a respeito do sexo. Mas não são apenas as mães as culpadas. Muitas pessoas que se intitulam ocultistas dizem às outras que o sexo é impuro, que o sexo impede as criaturas de progredirem nos seus estudos do ocultismo. Nada pode estar mais longe da verdade. Há certos indivíduos que têm necessidade de sexo e há outros que não têm. Não se pode classificar os seres humanos todos num só grupo; o que serve para um não serve para outro. E, afirmo, muito definitivamente, que não há mal nenhum no sexo, apenas, bem, desde que os praticantes da arte amem um ao outro. Se não se amam, o ato sexual passa a ser uma eliminação igual às outras eliminações do corpo.

Infelizmente, certas igrejas, notadamente a Católica, ensinam uma porção de tolices sobre o sexo. Até onde consegui saber, a Igreja Católica foi fundada por um grupo de homens velhos, que sentiam medo mortal das mulheres, mas não sentiam tanto pavor de outros homens e de rapazolas! Isto pode chocar um pouco, mas se alguém ficou chocado, então sente-se para fazer um pequeno estudo e descobrir por si mesmo. Caso tenham recursos, vão até o Vaticano, onde, se conseguirem inventar uma boa história, poderão ver alguns livros, livros de História, nas bibliotecas. E com relação a isso, diverte-me imensamente saber que no Vaticano está a maior

coleção de quadros eróticos ou pornográficos do mundo ocidental. E, no entanto, os católicos pregam contra o sexo.

O sexo é normal, o sexo é natural, o sexo é totalmente necessário a certas pessoas e, de qualquer modo, que direito tem um padre católico de mandar nos outros? Como pode um padre católico, um homem solteiro, dizer a uma mulher casada o que deve ou não deve fazer? Estará falando de coisas que ignora — ou deveria ignorar se for verdadeiramente um padre católico.

Talvez devêssemos fazer uma campanha contra a respiração. Vamos dizer a alguns desses padres católicos que cometem um pecado mortal todas as vezes que respiram ou atendem aos chamados da natureza. Pelo aspecto de alguns, eles não cometem muitos pecados mortais, cometem? Poderão deduzir que não gosto de padres católicos, e estão perfeitamente certos, penso que são uma cambada de intolerantes. Em vez de pesquisarem para descobrir alguma coisa a respeito da Bíblia, para descobrir alguma coisa a respeito do Fundador do Cristianismo, simplesmente engolem a Bíblia inteira. Tomemos aquela velha história de Adão e Eva, a serpente e a maçã: bem, de acordo com os ensinamentos do Oriente, a serpente torna-se o órgão masculino e a maçã, o recipiente que guarda a semente. E se lerem um pouco da Bíblia, à luz da sabedoria oriental, concordarão que há muita razão na sua maneira de pensar.

Moisés foi achado entre os juncos; sim, foi achado entre os juncos. Mas foi colocado ali pelos Jardineiros da Terra, isto é, pelo povo que é conhecido como os homens dos Objetos Aéreos Desconhecidos (U.F.O.). Mais tarde, Moisés subiu a montanha e fez uma porção de coisas estranhas. Mas, se relerem os capítulos relevantes, descobrirão que Moisés subiu numa plataforma. Fez isso numa montanha ou será que subiu numa aeronave, um Objeto Aéreo Desconhecido (U.F.O.)? Moisés tinha o bastão do poder; não foi fabricado na Terra, sabem, foi feito noutra mundo. Moisés era, de fato, mais um homem do espaço, especialmente enviado à Terra.

Trataremos mais extensamente dessas coisas no próximo capítulo, mas quero deixar registrado que em matéria de intolerância e ignorância os padres católicos romanos são invencíveis. Eu sei, conheci um monte deles. E não gosto de nenhum! Tentei discutir religião sensatamente e com um desejo sincero de aprender, mas o padre católico sempre perde as estribeiras, remexe o colarinho, fica vermelho e foge. E isto é tudo quanto aos padres católicos.

Recebo com frequência cartas de pessoas interessadas em entorpecentes, como o LSD, a maconha, o peiote e todo o resto. Um número surpreendente de homens escreve-me de prisões, em todos os Estados Unidos. Perguntam-me o que penso da maconha, etc. e, talvez fosse interessante expressar aqui a minha opinião definitiva.

O LSD, a maconha, o peiote e todos esses entorpecentes são terrivelmente prejudiciais ao Eu Maior. Se quiser prejudicar-se... Bem, a escolha é sua, mas não é bom prejudicar o seu Eu Maior, porque aqui somos apenas um décimo conscientes, portanto, não SABEMOS o que desejam os nossos outros nove décimos. Entorpecentes desses tipos emaranham os Cordões de Prata, causam depressões e distorções na aura e deixam cicatrizes prejudiciais ao corpo astral. Não há razão alguma para fazer mal ao corpo, apenas em busca de novas sensações que de qualquer modo são falsas. Essas drogas só têm alguma utilidade quando estão nas mãos de pesquisadores, que naturalmente sabem o que estão fazendo ou não seriam pesquisadores.

O meu conselho é — e esse conselho nunca varia — fique longe dos entorpecentes. Se precisa de assistência médica, em que sejam necessários os entorpecentes, procure o seu médico. Mas não se meta com entorpecentes sozinho, porque estará se causando mais danos do que possa imaginar. E isso nos leva a outro assunto.

Muitas pessoas parecem pensar que estão cometendo um crime, se têm qualquer doença. Recebi carta de uma senhora, que achava que não podia fazer nenhum progresso espiritual, nenhum progresso em ocultismo, por ter uma enfermidade física. E sentia-se muito

aflita, pensando que cometia um pecado enorme em ter um corpo que não era perfeito.

Ora, as pessoas realmente saudáveis não podem de maneira alguma trabalhar com o Oculto! Observem alguns desses jogadores de futebol, de basebol e toda essa gente, observem uma fotografia deles. Eles podem ser montanhas de carne, mas a maioria parece ter o sótão vazio. Olhem para essas fotografias de jogadores famosos e expressem sua própria opinião!

Seramente, no entanto, afirmo-lhes que, tanto quanto estou consciente, a pessoa precisa ter alguma enfermidade antes de conseguir tornar-se realmente sensível às forças psíquicas. O Grande Oráculo do Tibete era um homem doente, na verdade, um homem muito doente e muito exato nas suas profecias. Se aprofundar-se em pesquisas, descobrirá que todos os ocul-tistas que são autênticos têm alguma deficiência física que aumenta a razão de sua vibração a um ponto em que são capazes de perceber, seja por clarividência, por telepatia, ou de outra maneira qualquer. Isto é algo para se pensar. Muitas vezes, alguém tem uma doença, não porque esteja resgatando carma, mas para que suas vibrações pessoais aumentem a tal ponto, que possa perceber frequências mais altas e experimentar fenômenos ocultos. Há gente que me escreve e diz que devo ter um carma terrível a resgatar porque tive trombose nas coronárias, tuberculose e mais algumas doenças e minha vida tem sido, na verdade, terrivelmente dura. Mas, não, não estou pagando carma de maneira alguma, minha finalidade é executar uma tarefa especial. Assim, por favor, não me escrevam novamente, dizendo que devo ter sido muito mau numa vida passada, ou não sofreria tanto nesta! Sei o que fui numa vida pregressa, sei o que estou fazendo e sei para onde vou. E chegaria lá muito mais depressa se mais pessoas me ajudassem. Tentei fazer uma pesquisa especial sobre a questão da aura humana, tentei produzir um dispositivo especial para que todos pudessem ver a aura, mas há sempre o problema do dinheiro. Se alguém tenta obtê-lo para pesquisas — então, torna-se imediatamente suspeito. Tentei arranjar pessoas para estudar, mas

todos ficam com medo de se separarem de qualquer coisa que esteja localizada entre os sapatos e o chapéu.

Mas asseguro-lhes — não! Não estou resgatando carma. Ao contrário, estou executando uma tarefa especial.

É lamentável que muita coisa a respeito do corpo humano entre nessa tarefa, porque na mente das pessoas sempre existe o pensamento: “Oh! Ele quer dinheiro! Oh, ele quer sexo!” Bem, quanto ao último, estão completamente enganados. Mas isto me dá a oportunidade de dizer-lhe que os noruegueses ou escandinavos, considerados promíscuos, estão muito certos na sua atitude com relação ao corpo humano. Afinal de contas, os cristãos alegam que o corpo humano é feito à imagem de Deus e então vão e estragam tudo, temerosos de mostrar a imagem de Deus. Os escandinavos não são assim, são mais tolerantes, como o são um grande número de europeus e, naturalmente, os japoneses. Mas o povo americano, ou melhor, o povo norte-americano, é espantosamente imaturo quando se trata de corpo humano e sexo. Não sabem o que é o amor, tudo o que querem fazer é sentarem-se num conversível à luz do luar, e se BOLINAREM. Querem cutucar, e excitar, e apertar e despertar todas as emoções, enquanto negam à natureza a última das emoções. E com essa história de bolinar, acumulam frustrações, incompreensões e infelicidades. Porém, a América do Norte é um continente ainda jovem, e eu o encaro como uma criança aprendendo a caminhar, fazendo experiências consigo mesma e com os outros, e apenas iniciando o longo processo de crescimento.

No sexo comum, por exemplo, mesmo entre criaturas casadas que possam estar morando com os pais, há o receio de fazer amor e os pais os ouvirem! Meu Deus, se os pais não tivessem feito a mesma coisa antes, esse casal não existiria, existiria? O que nos traz de volta ao que afirmei antes. Não há nada de mal no sexo, desde que feito com amor. As pessoas que pregam contra o sexo, estão pregando contra a coisa mais forte na vida humana, e na minha opinião são simplesmente uns doidos.

Acabo de receber uma carta, que me pergunta a respeito das pessoas que morrem: “É verdade que as pessoas frequentemente sorriem quando estão morrendo?” “Sim, sorriem. Qualquer pessoa que tenha lidado com gente enferma e moribunda pode atestar isto; a maioria, quando está à beira da morte, sorri e parece feliz. Com efeito, dão a impressão de que estão sendo recebidos pelos entes queridos — que é, na verdade, o que acontece! Quando chegar a sua hora de deixar esta Terra, anime-se, porque será recebido, será auxiliado, e não há nada a temer. Do Outro Lado desta vida, do Outro Lado da cortina que denominamos “morte”, há felicidade, luz e alegria. Mas espere — espere por ela. Não se pode morrer antes do tempo e se tentar fazê-lo será jogado de volta aqui, em piores condições. Vale a pena esperar, no entanto, é uma experiência muito agradável logo que se deixa esta Terra.

Falei muito dos médicos, disse que eles existem às dúzias. Sim! Hoje em dia os médicos, em geral, são apenas homens de negócios, que querem ganhar a vida e tanto dinheiro quanto lhes for possível. Portanto, se achar que tem alguma doença que precisa de tratamento, deverá procurar até encontrar um bom médico, o melhor médico de clínica geral que achar. “O médico de clínica geral” difere do especialista, porque o primeiro pode diagnosticar e tratar quase qualquer tipo de doença. Você terá informações sobre médicos se indagar dos seus amigos, indagar numa loja, ou lojas, e se descobrir que não consegue se entender com o primeiro, bem, pelo amor de Deus, há uma quantidade deles. Tente outro!

Previno-o, no entanto, que quando encontrar um bom clínico, siga-o; ele vale o seu peso em ouro e travessas de diamantes. Quando conseguir um bom clínico, deixe-o dizer se são necessários os serviços de um especialista. Ele conhece o corpo humano, suas funções e disfunções melhor do que você. Por conseguinte, procure conhecer um bom clínico, procure conhecê-lo e confiar nele, conte-lhe todos os seus sintomas.

Nunca use o farmacêutico como uma agência de receitas. Ele pode ser excepcionalmente bom como farmacêutico, mas não está, necessariamente, qualificado para ser um clínico. O seu médico

deverá ser aquele que diagnostica e que receita, e o farmacêutico aquele que avia as receitas.

Vou-me tornar terrivelmente impopular aqui. E aconselhá-los que, quando estiverem doentes, a melhor escolha será, definitivamente, um clínico ortodoxo, comum ou culto. Evitem os curandeiros espíritas e outros que não têm um aprendizado científico porque, para citar um exemplo, é facilímo hipnotizar uma pessoa e fazê-la crer que não tem tal-e-qual doença, ou tal-e-qual sintoma. Pode-se “curar” aquela doença, mas, a não ser que se conheça bem o corpo humano e medicina para se chegar à raiz do mal, pode-se, facilmente, dar início a uma doença muito mais grave. Metendo-se com coisas espíritas ou curandeiros hipnotizadores, que não são médicos formados, poderá transformar um calombo inofensivo e comum em tecido canceroso. Portanto, quando estiver doente vá a um clínico ortodoxo, que tenha o necessário treino de medicina

Muitas pessoas ficam espantadas com as diferentes especialidades médicas; por isso, para sua referência, vamos mencionar apenas algumas das mais comuns em ordem alfabética.

ALERGIA é o estudo das reações do corpo a determinadas substâncias.

ANESTESIOLOGIA é a especialidade médica de administrar anestésicos, em outras palavras, matar a dor.

DERMATOLOGIA — trata das doenças da pele.

ENDOCRINOLOGIA — relaciona-se ao estudo das glândulas e suas secreções internas.

GASTROENTEROLOGIA — relaciona-se com o estômago e os intestinos.

HEMATOLOGIA é a ciência do sangue.

NEUROLOGIA — trata do sistema nervoso.

Quase não é necessário mencionar a Obstetrícia, a Ginecologia ou Oftalmologia, porque todos sabem que a primeira se ocupa dos

bebês, etc, ou melhor, de sua produção; a segunda, das doenças femininas em geral, e a Oftalmologia, dos problemas da visão.

A enfermeira do hospital diz “E.N.T.”⁶ significando Ouvido, Nariz e Garganta. Se ela falasse correta ou pedante-mente diria “Otologia, Laringologia e Rinologia”⁷.

PEDIATRIA é a ciência médica que trata das doenças infantis.

Todos sabem o que é Fisioterapia, que não deve ser confundida com Psiquiatria. Fisioterapia é a ciência de recondicionamento e reabilitação físicos.

O Proctologista quase poderia obter um alto posto na Marinha, porque as pessoas maldosas referem-se a ele como o “Almirante do Traseiro”⁸, porque é esta a sua especialidade. Isto é, doenças do ânus e reto.

PSIQUIATRIA é a ciência das doenças mentais. RADIOLOGIA é o trabalho com os Raios X.

CIRURGIA TORÁCICA é a cirurgia da cavidade torácica.

UROLOGIA, o nosso último, trata de tudo que se relacione ao trato urogenital, isto é, os rins, a bexiga e os órgãos genitais.

Agora vocês conhecem algumas palavras grandes, e difíceis, e sabem o que o seu clínico quer dizer quando lhes aconselhar ou aos seus amigos que procurem um tal de ... Gista.

A noite estava fria, de um frio cortante. Nos arbustos do lado oposto da rua, uma camada fina de neve cintilava e faiscava, produzindo um efeito de bolo de Natal nas pequenas plantas e macieiras. Mais adiante, uma pesada locomotiva diesel vibrava e roncava à espera que um sinal distante lhe desse o “Tudo livre” para arrastar uma fila muito comprida de vagões até Nova Iorque, transportando milhares de automóveis de Detroit, através do Canadá e de novo por dentro dos Estados Unidos.

Mais acima, no morro, um clamor horrível irrompeu no ar quando a gravação de um carrilhão de sinos explodiu no campanário de uma igreja moderna, com tal volume que tudo pareceu tremer e encolher-se de susto. De um hotel próximo, vinham sons de orgia noturna, enquanto pessoas bebiam comemorando ou lamentando a sorte do dia no prado local. Conhecidos corretores de apostas sorriam de satisfação, porque naquele dia tinham realizado um lucro considerável. A conversa chegava claramente, o barulho de garrafas e copos destacava-se nítido no ar da noite, e o chocalhar e retinir das caixas registradoras eram um lembrete contínuo de que, ao menos, alguém gozava de prosperidade.

Pela longa ponte que transpunha a linha férrea, pessoas que voltavam do serviço tardio em lojas e fábricas aceleravam os carros em direção ao lar, num alegre abandono, indiferentes ao risco de serem multadas por excesso de velocidade. Mais para a esquerda, um anúncio luminoso acendia e apagava, com a regularidade de um robô, tingindo a neve, ora de vermelho-sangue, ora de verde e, novamente, de vermelho.

No ar gelado, as estrelas brilhavam nítidas e claras, nem um fiapo de nuvem obscurecia o céu, nem um fio de fumaça se interpunha à luz que então surgia. O ar estava revigorante, quase tilintando com a camada de gelo.

O velho, sentado imóvel na sua cadeira de rodas, barata e desconjuntada, repentinamente mexeu-se e empurrou a janela para

abri-la. O ar gelado foi como um tônico, como um sopro de vida nova depois do calor do dia, e o velho era imune ao frio, mas não suportava o calor. Sentado na cadeira de rodas, de pijama, pois ia alta a noite, girou-a em direção a um objeto coberto junto à janela. Ao retirar a cobertura de pano, revelou um poderoso telescópio. Pondo-se rapidamente em posição, preparou-se para focalizar os pequenos pontos de luz do firmamento:

Você quer nos matar a todos por congelamento? — perguntou com suavidade uma voz, de outro quarto.

Não está frio — respondeu o velho —. Hoje à noite, acho que poderemos ver os anéis de Saturno com muita clareza. Quer ver?

Por um momento houve um farfalhar e um alvoroço e, então, surgiu primeiro uma fresta e a seguir uma luz crescente, quando a porta ao fundo do quarto do velho se abriu. A Sra. Velho entrou e fechou-a atrás de si. Ela, coitada, estava bem agasalhada e trazia até um cobertor nos ombros, sobre o casaco. O velho debruçou-se sobre o telescópio, firmando os olhos para focalizar na direção geral do planeta Saturno.

De súbito, sua atenção foi distraída por alguma coisa. Girando com rapidez o telescópio focalizou-o em algo e retesou-se em rígida concentração.

— O que é, o que é? — perguntou a Sra. Velho, — É um avião?

O velho continuou silencioso e seus dedos se moviam sobre o focalizador do telescópio. — Depressa, depressa — disse. — Prepare-se para pôr o olho aqui, assim que eu sair. É uma coisa que você queria ver. Pronta?

— Sim! — respondeu a Sra. Velho, e preparou-se para olhar, assim que o velho tirasse a cabeça da frente. Espreitou através do telescópio o céu noturno, seguindo a trajetória de uma longa barra, semelhante a um haltere, que deslizava pelo céu, um haltere aceso nas duas pontas, e, entre as luzes, uma série completa de cores que tremulavam, piscavam, faiscavam e mudavam constantemente.

Ela respirou com dificuldade. — Nunca vi nada parecido! — exclamou. Mas, enquanto olhava, o objeto aproximou-se e, com o telescópio, ela continuou a observá-lo. Algo como uma porta abriu-se no objeto, deixando sair veículos brilhantes, esferas luzidas. Projetavam-se do que, obviamente, era uma nave-mãe, e, apagando suas luzes, desapareciam em todas as direções. A nave-mãe então apagou suas luzes, vacilou por um momento ou dois, e lançou-se para o alto, tornando-se uma silhueta escura que diminuía de tamanho contra o luminoso céu da noite.

O barulho do hotel continuava. Ninguém fora incomodado. Os carros continuavam velozes pela ponte da estrada de ferro. Os viajantes que voltavam estavam muito concentrados na direção. Na grande locomotiva diesel, o maquinista fumava seu charuto e lia os jornais à luz da cabina, indiferente à grande nave que estava ali, para ele ou qualquer outro ver. À esquerda, o anúncio luminoso, irracional como um robô, mudava de verde para vermelho, para verde e vermelho novamente. O mundo continuava sua vida, olhando para baixo, para os trabalhos dos homens, ignorando as coisas estranhas que cruzavam o céu, como vêm fazendo há séculos e continuarão a fazer em anos futuros até que, no fim, o povo do espaço resolva descer novamente nesta Terra.

Eles já estiveram aqui, sabem. A Terra é como uma colônia, a Terra é um campo experimental, um viveiro em que diferentes tipos são reunidos para que os Jardineiros do Espaço possam ver como vivem juntos. Não creiam em toda essa tolice de que Deus está morto. Deus está muito vivo e usa esta Terra como um campo experimental, deixando os pequenos seres humanos aprenderem aqui, para as coisas muito maiores que acontecerão na vida futura.

A cidadezinha empoleirada sonolentemente à margem do rio aquecia-se ao sol do entardecer. As pessoas caminhavam lentamente pela rua, primeiro apreciando as vitrines, depois travando uma luta mental não muito enérgica para decidirem-se sobre o que deveriam e o que não deveriam comprar.

As lojas e supermercados não estavam nada cheios, porque esse era um dia fraco da semana, mas as pessoas saíam mais como uma desculpa para estarem fora ao sol.

No cais de carvão, homens lidavam pouco entusiasmados com o autodescarregador de um navio carvoeiro ali ancorado.

Ouvia-se o barulho irregular de um trator, fazendo montículos de carvão, pronto para ser carregado numa fila interminável de caminhões e levado para as grandes fábricas vizinhas.

Fora do parque de estacionamento, um cachorro vira-lata de indefinível linhagem escavava letargicamente, em meio ao refugo. Uma batata bem atirada pegou-o de lado, e ele saiu a correr, apresentando o único momento de pressa visto naquele dia na pequena cidade.

Mais adiante, junto à margem do rio, alguns meninos remavam — sem tirar os sapatos e as meias! Tinham um velho barco arreventado, com as pranchas apodrecidas e carcomidas, e estavam, preguiçosamente, entretidos numa brincadeira que tinha a ver com Morgan, o pirata. Do outro lado da rua, o homem da loja de rádio estava justamente mudando um disco, oferecendo uma pausa no barulho ensurdecedor que, em geral, vinha daquela área.

Alguém, possivelmente uma doméstica ou um fazendeiro interior, contemplava o céu sem curiosidade, perguntando-se sem dúvida se o tempo se manteria bom para possibilitar a colheita da safra. Contemplava o céu... e, de repente, ficou como que petrificado. Transeuntes olharam-no por um momento, sorriam de si para si e, então, voltaram-se e olharam o céu. E também ficaram chocados. Cada vez mais gente olhava na direção do céu quente, observava, gesticulava, apontava, o burburinho crescia. Carros paravam e motoristas e passageiros desembarcavam para olhar para cima.

Na margem do rio, os meninos pararam de brincar e levantaram os olhos. Um tropeçou e caiu de costas na água que enchia o velho barco arruinado. Gritando alarmado, pôs-se de pé e com os amigos correu para a praça do mercado com a água a chapinhar

nos sapatos e a pingar dos fundilhos das calças de um dos meninos.

Um homem precipitou-se para uma casa e desapareceu apenas por um momento, voltando com um binóculo. Febrilmente, levou-o aos olhos e, com os dedos trêmulos, focalizou. O murmúrio da conversa aumentou. Rapidamente, o binóculo foi-lhe arrebatado e passado de uma pessoa para outra, à medida que observavam o céu.

Lá no alto, acima da altitude em que as aeronaves voariam, via-se um grande objeto prateado em forma de pêra, com a parte maior apontando para baixo e a menor para cima. Pairava ali imenso e, de uma forma estranha, ameaçador.

Aquilo não é um balão! — disse um homem que recentemente regressara da Força Aérea. — Se fosse um balão, a parte maior estaria voltada para cima e não para baixo.

Sim! — exclamou outro. — E estaria flutuando com o vento. Vejam aquelas nuvens altas passando por ele e, no entanto, A COISA está parada!

A cidadezinha fervia de consternação e especulação. No alto, imóvel, inescrutável, pairava o objeto enigmático. Nunca variando de posição, sem fazer nenhum movimento, nenhum movimento de espécie alguma. Lentamente, o dia terminou com o objeto ali, como que grudado a um quadro do próprio céu, imóvel, imutável. A lua nasceu e brilhou pelos campos, e lá em cima, ao luar, continuava o objeto. Com os primeiros alvares do dia ainda estava lá. As pessoas que se preparavam para ir trabalhar olharam pelas janelas. O objeto continuava no mesmo lugar, como um acessório e, então, de repente moveu-se. Ia cada vez mais rápido, direto para o alto, na direção do infinito, e desapareceu.

Sim, há gente em naves espaciais observando este Mundo. Observando para ver o que acontece.

— Bem, por que não vêm conversar conosco, como pessoas sensatas fariam? — perguntarão vocês, mas a única resposta é que

estão sendo sensatas. Os seres humanos tentam atirar nelas, e procuram de todas as maneiras danificar esses discos voadores não identificados. Se tais discos, ou antes as pessoas do seu interior, têm inteligência para cruzar o espaço, então têm inteligência também para fabricar aparelhos que podem sintonizar o rádio e a televisão da Terra; e se observam a televisão da Terra... Bem, pensarão que chegaram a uma imensa casa de loucos, porque o que pode haver de mais louco que os programas de TV impingidos ao público sofredor? Programas que glorificam o que há de baixo, o que há de criminoso, que ensinam sexo de uma maneira errada, da pior maneira possível, que ensinam às pessoas que só o proveito próprio e o sexo importam.

VOCÊS mergulhariam num tanque de peixes para discutir com os vermes no fundo? Ou iriam a uma colônia de formigas num desses tanques de vidro desenhados para mostrar o seu trabalho organizado? Entrariam lá para conversar com as formigas ou com qualquer dessas criaturas inferiores? Entrariam numa estufa de vidro e conversariam com algumas plantas experimentais, perguntariam como iam e acrescentariam: — Levem-me ao seu Chefe? Não! Observariam e se uma formiga lhes mordesse diriam: “Coisinhas vingativas, hem?” — E tomariam cuidado para não serem mordidas no futuro.

Assim, o povo do espaço, cujos filhos de um ano de idade sabem mais que o maior sábio da Terra, apenas observa esta colônia.

Há alguns anos atrás morei em Montevideú, capital do Uruguai, país da América do Sul que fica entre a Argentina e o Brasil. Montevideú acha-se situada no Rio da Prata, e navios de todo o mundo passam ao largo, a caminho do Rio de Janeiro e de Buenos Aires, ou entram no porto. Do meu apartamento no nono andar, eu avistava o Atlântico Sul, além dos limites do rio. Sem obstáculos nem obstruções.

Noite após noite, minha família e eu costumávamos observar os discos não identificados que vinham do Pólo Sul, passavam sobre o nosso prédio de apartamentos e baixavam de altitude para pousar

em Mato Grosso, no Brasil. Noite após noite, com regularidade invariável, os discos apareciam. Não eram vistos apenas por nós, mas por uma multidão e na Argentina são oficialmente conhecidos como Objetos Aéreos não Identificados. O governo argentino sabe bem que essas coisas não são produtos de histeria ou imaginação febril, estão conscientes de que são de uma realidade transcendente.

Com efeito, no dia em que desembarcamos em Buenos Aires, um desses objetos pousou no aeroporto principal. Permaneceu por alguns minutos no fim da pista e, em seguida, levantou vôo a uma velocidade fantástica. Eu ia dizer que tudo isto pode ser lido nos jornais, mas não seria uma prova da verdade, porque frequentemente a imprensa altera as coisas por conveniência ou para obter mais leitores e não tenho fé alguma em nada que seja publicado. Portanto, direi apenas que esta aterragem de um objeto não identificado é assunto de um Relatório do governo argentino. Tendo visto esses objetos noite após noite, e constatado como podem mudar de curso e manobrar, afirmo enfaticamente que não eram satélites deslocando-se no céu. Os dias em que os satélites podem ser vistos variam e são conhecidos com precisão de minutos; as vezes que vimos os discos voadores foram diferentes e acresce que também vimos satélites. O céu noturno de Montevideu é notavelmente claro e eu possuía um telescópio poderoso, do tipo usado pelos funcionários da alfândega suíça, que aumenta de quarenta a trezentos e cinquenta vezes.

Este mundo está sob observação, mas não precisamos preocupar-nos com isso. É na verdade triste que tantas pessoas estejam sempre receosas de que aqueles que nos observam nos queiram fazer mal. Não, querem fazer o bem. Lembrem-se que passaram-se muitos e muitos anos na história e várias civilizações e culturas apareceram e desapareceram, sem deixar vestígios. Lembrem-se da civilização da Suméria e da grande civilização de Minos. Quem foi capaz de explicar as enigmáticas estátuas da Ilha da Páscoa? Sim, alguém uma vez tentou e escreveu livro a esse respeito, mas ele não é necessariamente exato, sabem. Ou se querem examinar outro

exemplo, e o povo Maia? Alguém poderá dizer o que aconteceu à Civilização Maia?

Cada uma dessas civilizações foi uma cultura nova, colocada sobre a Terra para estimular a raça, que se tornara apática e que eu só poderia denominar “desnaturada”.

Há, também, uma teoria muito antiga, ou lenda, de que, há incontáveis anos, uma nave espacial veio à Terra e, tendo alguma coisa enguiçado, não pôde levantar vôo. Por essa razão, as pessoas a bordo, homens, mulheres e crianças, ficaram abandonadas aqui e iniciaram outra forma de civilização.

Foi uma sorte que os livros hebreus do Velho Testamento tivessem sido traduzidos para o grego muito antes dos cristãos aparecerem em cena, porque os primitivos cristãos, exatamente como os de hoje, tentaram alterar as coisas em seu proveito. Podemos, então, descobrir muita coisa a respeito da História Antiga nos Livros Hebreus que não foram falsificados pelo cristianismo, mas mesmo eles nos deixam sem informações sobre os Maias, a Ilha da Páscoa e os Etruscos, civilizações que floresceram há mais de 3000 anos AC. Sabemos disso porque os hieróglifos egípcios podem ser reconstituídos até o ano 3000 AC, e alguns deles, descobertos nas paredes de templos e em túmulos, nos dão notícia de grandes civilizações mais antigas ainda. Infelizmente, duzentos anos depois do início do cristianismo, muito desse conhecimento se perdeu, devido à maneira como os Cristãos alteraram a História à sua conveniência e porque, com a sua subida ao poder, os templos egípcios foram fechados e já não existiam sacerdotes cultos que pudessem entender os hieróglifos. Assim, por muitas centenas de anos a História permaneceu na escuridão.

Mais tarde, pesquisas indicaram que há muitos milhares de anos uma grande raça apareceu, subitamente, na Terra dos Dois Rios. Esse povo, agora conhecido por nós como Sumeriano, deixou poucos registros da sua história. Na verdade, de acordo com o Registro Akashico, os Jardineiros da Terra acharam que a raça estava se tornando fraca devido à consanguinidade e, por isso,

colocaram na Terra outros que também precisavam aprender. Esses outros são conhecidos por nós como Sumerianos, dos quais um determinado ramo — quase como uma família — veio a formar os Semitas, que por sua vez formaram os primeiros Hebreus. Mas isto ocorreu há 2000 AC.

O Reino da Suméria era verdadeiramente poderoso e proporcionou à Terra muito progresso na cultura e na ciência, e muitas plantas diferentes. Determinados ramos da cultura Sumeriana deixaram a cidade inicial e mudaram-se para a Mesopotâmia por volta do ano 4000 AC. Multiplicaram-se e gradualmente povoaram áreas de alta cultura. É interessante saber que, quando Abraão mudou-se com seus rebanhos da cidade de Ur, na Mesopotâmia, para a Palestina, ele e aqueles que o acompanharam levaram lendas que foram histórias de família por milhares de anos. Levaram, por exemplo, histórias do Jardim de Éden, terra que ficava entre o Tigre e o Eufrates. Esse fora o lugar comum de muitas e muitas tribos e povos que se foram expandindo — à medida que suas populações aumentavam — no que se conhece como Oriente Médio. “Éden”, por sinal, significa na realidade “planície”. O Livro do Gênesis era apenas uma condensação de história contada pelos povos da Mesopotâmia, por muitos milhares de anos.

Eventualmente, as civilizações foram absorvidas. Assim aconteceu que a Civilização Sumeriana, tendo fermentado o rebanho da Terra, foi absorvida e perdeu-se na grande massa do povo da Terra. E, em diferentes partes do mundo e em diferentes épocas, outras “culturas fermentadoras” precisaram ser estabelecidas, tais como os Etruscos, os Minóicos, os Maias e o povo da Ilha da Páscoa.

De acordo com as lendas antigas, as Doze Tribos de Israel não se referem inteiramente ao povo da Terra e sim denominam uma tribo que era o povo original da Terra, e as onze “tribos”, ou culturas, que aqui foram colocadas para fermentar a original, que se tornara enfraquecida pela consanguinidade.

Pensem, agora, para sua própria distração, nas diversas tribos; na raça negra, na raça amarela, na raça branca, e assim por diante. Ora, quais terão sido os habitantes originais da Terra e quais os descendentes dos Maias, dos Sumerianos, dos Etruscos e outros? É uma indagação interessante. Mas, não há necessidade de especular, porque digo-lhes, com muita seriedade, que se praticarem o que tentei mostrar-lhes em todos os meus livros poderão efetuar viagens astrais. E, se conseguirem fazê-las, poderão informar-se do que está acontecendo e do que já aconteceu através do Registro Akashico. O Registro Akashico não é um “show” de televisão, em que somos interrompidos por “uma mensagem do nosso patrocinador”; ali temos a verdade completa, a exatidão absoluta. A História, como se passou, não foi reescrita para tornar-se conveniente a algum ditador, que, por exemplo, não gostasse da verdade da sua vida pregressa.

Visitando a Câmara de Registro Akashico, podemos descobrir a verdade a respeito dos pergaminhos do Mar Morto, aqueles que foram encontrados em 1947 em determinadas cavernas junto àquele Mar, numa região denominada Qum-ram. Essa coleção de pergaminhos pertencia a uma ordem de judeus que, de muitas maneiras, assemelhavam-se aos cristãos. Tinham como chefe um homem conhecido como o Mestre do Verdadeiro Caminho. Como o Filho sacrificado de Deus, que nasceu para sofrer e morrer pela humanidade. De acordo com os pergaminhos, ele fora torturado e crucificado, mas ressuscitaria novamente.

Bem, poderão pensar que isto se refere ao líder do cristianismo, Jesus. Mas esse Mestre do Verdadeiro Caminho viveu no mínimo cento e cinquenta anos antes de Jesus. A prova é definitiva, é absolutamente exata. Os pergaminhos faziam parte da biblioteca dessa seita especial de judeus e como ela estivesse ameaçada pelos romanos, alguns monges esconderam determinados pergaminhos, provavelmente os únicos que tiveram tempo de salvar.

Há diversas maneiras pelas quais a ciência pode determinar a idade de qualquer objeto antigo genuíno, e esses pergaminhos

foram submetidos a testes que indicaram serem eles cento e cinquenta anos mais antigos que o cristianismo. Não há possibilidade de terem sido escritos depois do advento desse. Conclui-se que valeria a pena fazer uma investigação realmente profunda na Bíblia e em todos os documentos religiosos, porque a Bíblia foi traduzida e retraduzida muitas e muitas vezes, e mesmo para os especialistas há coisas inexplicáveis. Se alguém ao menos pudesse superar a parcialidade e os preconceitos religiosos e discutir o assunto abertamente, poderíamos chegar aos fatos básicos e a História do Mundo poderia ser acertada. Há, repito, uma boa maneira e que é consultar o Registro Akashico. O que poderá ser feito se, primeiramente, nos tornarmos proficientes nas viagens astrais; mas, se alguém lhes disser que vai ao astral em seu lugar para examinar o Registro Akashico, desde que lhe seja paga determinada quantia, considere-o um farsante, porque essas coisas não são feitas por dinheiro.

Espero ter dito o suficiente, neste capítulo, para indicar que os discos voadores não identificados são verdadeiros e não representam ameaça para ninguém nesta Terra. Eles são apenas os Jardineiros da Terra que aqui vêm, de tempos em tempos, para ver o que está acontecendo ao seu rebanho, e têm aparecido com mais frequência e em número muito maior, recentemente, porque a humanidade vem brincando com bombas atômicas, arriscando-se a destruir tudo.

Tem havido um alvoroço terrível a respeito desses discos voadores, não tem? Entretanto, os discos são amplamente mencionados nas lendas gregas e nos livros de muitas e diferentes formas de crenças religiosas. São mencionados na Bíblia e há muitos relatórios em mosteiros antigos tais como: “Quando os monges estavam sentados para almoçar ao meio-dia, fazendo sua primeira refeição de carne em muitas semanas, um estranho objeto aéreo apareceu, levando ao pânico os bons irmãos.”

Tem havido uma crescente atividade desses discos nos últimos cinquenta ou sessenta anos, porque os povos da Terra têm mostrado uma crescente hostilidade em relação uns aos outros;

pensem na Primeira Grande Guerra, pensem na Segunda Grande Guerra, na qual os pilotos de todas as nações viram o que denominaram de “Caças Fantasmas” e que eram, indiscutivelmente, os discos voadores, observando o progresso das batalhas. Examinemos os casos dos pilotos de linhas aéreas. Não importa de que companhia, não importa de que país, porque os pilotos de todo o mundo têm visto muitos objetos estranhos e, possivelmente, assustadores. E os têm comentado amplamente, também, mas em muitos países ocidentais há uma censura severa sobre tal assunto. E é bom que haja mesmo porque senão a imprensa, com a sua levandade habitual, torceria tudo e transformaria o que é inofensivo em algo horripilante.

Geralmente, diz-se: “Ora, se existem discos voadores, por que os astrônomos não os vêem?” A resposta é que os astrônomos já os observaram e fotografaram, mas a censura impede que falem do que viram. Eles temem falar com medo de criarem problemas com as autoridades, que não desejam que a verdade seja conhecida. Temem falar porque têm medo que a sua integridade profissional seja posta em dúvida, porque os que nunca viram discos são extremamente virulentos no seu ódio àqueles que viram.

Assim, os pilotos, tanto das linhas aéreas comerciais como os das Forças Armadas, têm visto e continuarão a ver discos, mas até que os governos retardados do mundo mudem de atitude, não se ouvirá muita coisa sobre esses aparecimentos. O Governo argentino é, certamente, um dos mais esclarecidos, no que toca a reconhecer a existência dos discos voadores. Foi, com efeito, o primeiro país do mundo a reconhecê-los como uma realidade. Outros países receiam permitir qualquer informação exata por diversos motivos. No primeiro caso, a crença cristã parece ser de que o homem é feito à imagem de Deus, e como nada é maior que Deus, nada pode ser maior do que o homem, que é feito à imagem de Deus. Portanto, se há alguma espécie de criatura que seja capaz de fazer uma nave espacial que possa atravessar o espaço em visita a diferentes mundos, então isto precisa ser abafado, porque essa criatura pode não ter uma forma

humana. É um raciocínio distorcido, mas as coisas mudarão num futuro não muito distante.

E ainda, a classe militar não pode reconhecer a existência de discos, porque isso seria admitir que existe algo mais poderoso do que a classe militar. Os ditadores soviéticos, por exemplo, não poderiam admitir a existência dos discos voadores, porque isso seria diminuir sua estatura aos olhos do povo. Nem todos os bons comunas — se é que existe algum — pensam que os líderes de Moscou sejam onipotentes, infalíveis e as coisas mais maravilhosas que já apareceram na Terra. Portanto, se um homúnculo verde, com um metro ou metro e trinta de altura, fosse capaz de viajar de um mundo para outro, e nem todos os recursos dos grandes líderes de Moscou fossem capazes de abatê-lo, isto mostraria que o homúnculo verde era mais importante do que o poder comunista, e isto nunca conviria aos comunistas. Assim, tudo a respeito dos discos está proibido.

Também se diz que, se existissem mesmo discos, os astronautas ou cosmonautas, ou que outro nome tenham, os teriam visto. Mas, isto não é de modo algum exato, sabem; considerem o seguinte: esses sujeitos que estiveram no espaço subiram apenas um pouquinho mais alto do que quaisquer outros entes da Terra.

Dizer que não há discos porque os astronautas não os viram é o mesmo que dizer, ao contemplar o oceano, que não há peixes, porque, se houvesse, poderíamos vê-los! Ficamos admirados de ver indivíduos que passam horas a fio à beira mar, tentando apanhar um peixe. Para eles, é um trabalho de tempo integral — tentar pescar um peixe. E, no entanto, há milhões de peixes no mar, embora seja difícil vê-los se apenas relanceamos os olhos pelo oceano. Da mesma maneira, se alguém é projetado numa atmosfera rarefeita, a cento e poucas milhas acima da superfície da Terra, olha através de uma pequena abertura na sua lata — bem, não vê uma procissão completa de discos. Primeiro, porque está demasiado desconfortável e segundo, porque de onde está a vista não é muita.

Mas, espere um momento. Se escutaram as emissões de rádio dos astronautas para a Terra, devem lembrar-se de terem sido feitas referências a objetos não identificados vistos por astronautas; mas, em todas as repetições seguintes elas foram cuidadosamente censuradas e eliminadas. O astronauta, no entusiasmo do momento, falou num objeto não identificado. E, também, mencionou tê-lo fotografado. No entanto, em todos os relatórios posteriores tais referências foram negadas.

Parece, assim, que estamos enfrentando séria conspiração, uma conspiração para esconder o conhecimento daquilo que circula em volta da Terra. Uma conspiração, para esconder a existência muito real dos discos voadores. Na imprensa e em diversos jornais pseudocientíficos, fazem-se referências aos discos nos termos mais assustadores, como são maus, como são perigosas, como são isto e aquilo. E como preparam uma conspiração fantástica para dominar a Terra. Não acreditem numa palavra disso! Se o povo dos discos voadores quisesse dominar a Terra, poderia tê-lo feito há séculos atrás. Acontece que eles temem ser necessário dominar a Terra (e não o querem) se a Terra continuar a liberar demasiada radiação atômica.

Esses homens do espaço são os Jardineiros da Terra. Estão tentando salvá-la do seu próprio povo — e como encontram dificuldades! Há relatórios de muitos e diferentes tipos de discos. Naturalmente, que há! Há muitos e diferentes tipos de aeronaves na Terra. Pode-se, por exemplo, planar sem motor. Ter um monoplane ou um biplano. Pode-se ter um avião de um lugar ou de duzentos lugares e se não gostarmos de aviões ruidosos, então, presumivelmente, poderíamos obter um balão esférico de gás ou uma daquelas coisas muito interessantes fabricadas pela Goodyear. Assim, se um esquadrão desses aparelhos sobrevoar a África Negra, seus habitantes ficarão admirados com a variedade e, sem dúvida, pensarão que provêm de diferentes culturas. Da mesma maneira, porque algumas espaçonaves são redondas, elípticas, em formato de charuto, ou de halteres, a pessoa mal informada pensará que vêm de diferentes planetas. É possível que

alguns venham, mas isto não tem a mínima importância, porque não são belicosos, não são hostis. São tripulados por pessoas assaz benevolentes.

A maioria desses discos voadores tem a mesma “polaridade” que o povo da Terra e pode, portanto, se quiser, pensar na superfície do planeta ou mergulhar abaixo da superfície do mar. Mas um outro tipo de discos vem de um lado “negativo” e não pode aproximar-se da Terra — talvez eu devesse dizer, aproximar-se da superfície da Terra — sem se desintegrar numa explosão violenta porque tais discos vêm do mundo da antimatéria. Trata-se de um tipo de mundo oposto ao nosso. Todas as coisas, sabem, têm o seu igual e — oposto. Poderíamos dizer que há um órgão sexual nos planetas, um é feminino e outro masculino, um é positivo e outro negativo, um é matéria e outro antimatéria. Assim, quando ouvimos notícia de tremendas explosões ou vemos uma imensa bola de fogo mergulhar na terra e produzir uma imensa cratera, podemos supor que um disco voador de um outro mundo da antimatéria veio e espatifou-se.

Tem havido relatórios de chamados atos de “hostilidade” praticados por discos voadores. Contam que pessoas têm sido sequestradas. Mas, temos alguma prova de que alguém tenha sido realmente molestado? Afinal de contas, se temos um Zoo e queremos examinar um espécime, apanhamo-lo e levamo-lo. Examinamo-lo. Poderemos testar seu sangue e o conteúdo da sua respiração, radiografá-lo, pesá-lo e medi-lo. Sem dúvida, todas essas coisas poderiam parecer muito assustadoras e até cruéis para o ignorante animal. Mas ele, quando cuidadosamente devolvido, não está pior devido à essa pesagem e medição, nem um pouco pior. Da mesma maneira, um jardineiro pode examinar uma planta. Ele não destrói a planta, não está ali para destruir plantas e sim para fazê-las crescer, torná-las melhores. Por isso, examina a planta para ver o que pode ser feito. Do mesmo modo, os Jardineiros da Terra, ocasionalmente, apanham um espécime, um homem ou uma mulher. E que fazem? Medem o ser humano, examinam-no, fazem alguns testes e põem-no de volta no seu ambiente. E ele ou ela não

ficam piores por isso, apenas porque se apavoram é que pensam que estão piores. Em geral, ficam tão assustados que inventam histórias horríveis sobre o que lhes aconteceu, quando, na realidade, nada houve de estranho.

Este mundo está sendo observado, e vem sendo observado, desde muito antes dos dinossauros correrem pela face desta Terra. O mundo está sendo vigiado e será vigiado por muito tempo, e, eventualmente, o povo do espaço desembarcará. Não como torturadores, não como senhores de escravos, mas como professores e orientadores bondosos. Muitos países hoje em dia enviam o que denominam Voluntários da Paz (Peace Corps) para os países supostamente subdesenvolvidos. Esses voluntários — que em geral têm necessidade de alguma forma de excitação, ou não conseguem outro tipo de emprego — embrenham-se nas selvas, e ensinam aos povos “atrasados” coisas que, na realidade, não têm precisão de saber. Coisas que lhes dão ideias e valores falsos. Mostram-lhes um filme ou talvez o palácio maravilhoso de alguma estrela de cinema em Hollywood, fazendo-os pensar que, se se tornarem cristãos, ou membros do Corpo de Voluntários da Paz, possuirão também uma casa magnífica para morar, completa com piscina e dançarinas nuas.

Quando o povo do espaço vier, não se portará assim. Mostrarão às pessoas, pelo exemplo, como devem proceder, dirão que as guerras não são necessárias, e terão uma religião verdadeira que pode ser expressa nas palavras: “Faça como gostaria que lhe fizessem”.

Não decorrerá muito tempo, e os governos do mundo terão que divulgar a verdade a respeito dos discos voadores, terão de falar dos povos do espaço. Eles já sabem, mas estão realmente temerosos de que o público venha a saber. Mas, quanto mais cedo o fizerem, mais cedo será possível fazer um ajustamento, um preparo e evitar incidentes desagradáveis quando os nossos Jardineiros retornarem a este mundo. Pessoas escrevem-me a propósito dos chamados “Homens de Preto “. Bem, isto é um exagero dos jornais. Significa apenas que há criaturas do espaço na Terra, observando, gravando e planejando. Não estão aqui para

criarem problemas para ninguém e, sim, para obterem informações com as quais poderão melhor programar a ajuda ao povo da Terra. Infelizmente, muita gente na Terra reage como animais enraivecidos e, se pensam que estão sendo atacados, enlouquecem. Se um desses “Homens de Preto” (que podem estar vestidos de qualquer cor!) é atacado, obviamente precisa defender-se. Mas, infelizmente, sua defesa é com frequência distorcida para parecer um ataque quando não é nada disso.

Há muitos tipos de discos voadores. Há muitas formas e tamanhos de seres dentro desses discos, mas todos têm um ponto em comum: já viveram muito mais do que o povo da Terra e aprenderam muito. Aprenderam que a guerra é uma infantilidade. Aprenderam que é muito melhor as pessoas viverem sem discussões. Aprenderam que a Terra aparentemente enlouqueceu, e querem fazer algo para trazê-la de volta à sanidade e impedir a radiação atômica excessiva. E, se não puderem impedi-lo pacificamente, então a Terra terá que permanecer de quarentena durante séculos e isto retardará o desenvolvimento espiritual da grande massa do povo.

Portanto, em conclusão, não temam os discos voadores, porque não há o que temer. Em vez disso, aceitem o conhecimento de que, em breve, o povo desta Terra receberá visitantes do espaço que não serão belicosos, mas tentarão ajudar-nos como deveríamos ajudar aos outros.

Se pudessem ver as cartas que recebo, e continuar a vê-las por mais de uma década, chegariam a uma conclusão inevitável: os leitores são pessoas estranhas! Não VOCÊ, naturalmente, os demais, ou melhor, alguns deles, porque outros são verdadeiramente muito gentis.

Um tipo de comentário constante é que eu deveria mandar mais exemplares gratuitos dos meus livros para as bibliotecas públicas. Há gente que diz que não pode comprá-los e que só pode lê-los, se eu os fornecer gratuitamente às bibliotecas.

Bem, não sou muito a favor desta ideia. Um autor ganha a vida com os direitos autorais de seus livros. Se eu escrever um livro, ganho dez por cento; dez por cento em alguns países, sete em outros, e sempre sobre o preço de venda mais baixo. Se um livro é enviado da Inglaterra — onde seu preço é muito baixo — para a América, onde lhe é acrescentado o custo do frete etc, não recebo os direitos autorais sobre o preço americano, mais alto. Recebo os direitos autorais sobre o preço inglês, que é mais baixo — direitos autorais sobre o lucro, não esqueça, depois de descontadas todas as despesas do Editor. E ainda preciso pagar um agente, ou dois agentes, e às vezes dos meus dez por cento tenho que pagar vinte por cento em honorários de agentes. E ainda há os impostos e um escritor, com frequência, depara-se com impostos duplicados. Isto é, paga um imposto integral num país e uma segunda vez, sobre a mesma quantia, em outro país. E acreditem-me, isto tira o brilho do pão de gengibre e acaba-se quase sem nenhum “pão”.

Acresce que tenho de pagar muitas outras coisas — papel, envelopes, selos. E deixe-me lembrar-lhes, também, que um autor que responde cartas é o homem mais mal pago do mundo. Um operário que descansadamente cava um buraco numa estrada é pago pelo seu trabalho, é pago pelo seu tempo. Um advogado é pago pelo seu tempo e sua capacidade e, assim, também um médico. Mas, as pessoas escrevem a um escritor, efetivamente exigindo esse

ou aquele serviço, esse ou aquele presente, e nove vezes em dez nem ao menos mandam selos para a resposta. Se o fazem, é frequente enviarem-me selos de outro país. Por exemplo, pessoas na América, que me remetem envelopes endereçados e selados, usam selos americanos que, naturalmente, não podem ser usados num país soberano como o Canadá. Assim, o que se deve fazer? Pagar o custo do papel, da impressão de cabeçalho? Algumas cartas precisam ser datilo-grafadas e isso também custa dinheiro. E tem-se que enfrentar o porte. Não de concordar que as pessoas escrevem a um autor e esperam tudo em troca de nada. Com efeito, uma pessoa escreveu-me dizendo que comprara um dos meus livros; portanto, tinha direito aos meus serviços completos, disse-me. E, ainda, que lera na contracapa do livro que eu estava pedindo aos leitores que me escrevessem. Nunca lhe passou pela cabeça que eu pedia às pessoas que NÃO me escrevessem!

Como escritor, dependo dos direitos autorais e se as pessoas pedem livros emprestados às bibliotecas, não recebo pagamento algum. E, no entanto, aqueles que tomam livros por empréstimo são os mais exigentes nas suas perguntas e pedidos. Uma escreveu-me que lera um dos meus livros e acrescentou:

- O senhor pode enviar-me exemplares de cortesia de todos os seus livros e quero também uma fotografia sua autografada” O que responderia a isso, Caro Leitor?

Acontecem-me também diversos incidentes engraçados. Diverte-me imenso o comportamento de um pequeno grupo de pessoas em Adelaide, Austrália. Apelidei-os de “Macacos de Adelaide”. Constituem uma pequena quadrilha que, ao que parece, já teve problemas com a polícia. Recentemente, alguém me escreveu, contando diversas coisas confidencialmente, e perguntando se eu recomendava essas pessoas. Respondi que não, não recomendava. Desde então, tenho recebido dezenas de cartas obscenas e, de vez em quando, talvez nove ou dez que declaram: “Doravante não tenho mais ligações com o senhor”. Parece-me bastante divertido, porque nunca estivemos ligados, e como pode alguém desligar o que nunca esteve ligado? Estou informado de que

essa quadrilha exige que os novos sócios (pobres infelizes!) assinem um nome, qualquer nome, num desses bilhetes pré-impresos e o enviem para mim. Bem, isto é ótimo para as autoridades postais. Também é ótimo para a polícia, porque remeto toda essa correspondência de volta para a polícia de Adelaide, completa com os envelopes, para que possam manter os nomes e as caligrafias nos arquivos, pois fui informado de que estão investigando tal quadrilha.guardo a evolução do caso com o maior interesse. Portanto — Macacos de Adelaide — envio-lhes meus cumprimentos, e continuo intrigado; como podemos nos desligar se nunca estivemos ligados?

Outra pessoa em Vancouver escreveu a um amigo (que prontamente me informou!) dizendo que “Lobsang Rampa não pode ser autêntico, porque em um dos seus livros diz que não gosta de cobradores de impostos irlandeses”!

Ainda uma outra de Vancouver ouviu dizer que eu era muito pobre, e essa boa senhora prontamente declarou que eu era obviamente um farsante se era pobre, porque se fosse autêntico, o dinheiro viria a mim e seria milionário. Não lhe ocorreu, aparentemente, que existem algumas coisas mais sublimes do que ouro ou diamantes. Na verdade, ela está tomando o bonde errado, porque um indivíduo que tenha capacidade para ajudar os outros com o ocultismo não cobra nada, não situa as coisas numa base comercial. Se alguém quiser dar um presente em dinheiro para ajudar — bem, isto é aceitável, mas tais pessoas são mais raras do que dentes em galinhas.

Há compensações, porém. Há gente muitíssimo gentil que me escreve. Recebi uma carta contando-me que famoso vidente era de opinião e havia declarado publicamente que “Lob-sang Rampa tem feito mais pelo mundo Oculto do que qualquer outro na Terra ou fora dela”. Um elogio formidável, não? Certamente é um que apreciei imenso porque, o que quer que alguns pensem, estou tentando desempenhar uma tarefa ajudando os outros a conhecer tudo sobre esta vida e a que se segue.

Sim, há compensações, há gente boa. Há mais de uma década atrás, quando cheguei ao Canadá, recebi uma carta de uma senhora e, por meio da psicometria, julguei-a uma pessoa boa e sincera. Perguntava se podia visitar-me. Bem, nessa época eu possuía um carro — agora tenho uma cadeira de rodas e não posso ter automóvel — e por isso resolvi fazer-lhe uma surpresa, indo visitá-la em casa. Encontrei uma mulher verdadeiramente boa. A Sra. Valeria Sorock. Nos últimos dez anos, a amizade e estima pessoal entre ela e minha família aumentaram até o presente estágio em que ela é aceita não apenas como amiga, não apenas como alguém que nos escreve, mas como membro da família. Ela escreve, mas já nos encontramos em muitas ocasiões, e, sempre que moramos no Canadá, vem visitar-nos. Visitou-nos até quando estávamos em Montevideú, no Uruguai.

Na noite passada, recebi um telefonema interurbano da Sra. Valeria Sorock, um telefonema porque aqui no Canadá esses carteiros incompetentes estão em greve. A Sra. Sorock telefonou-me e disse que já que eu estava escrevendo mais um livro, gostaria que algumas perguntas fossem respondidas. Assim, anotei suas perguntas e disse que as responderia neste livro, se ela deixasse que seu nome fosse citado como a autora das perguntas. Por sinal, a Sra. Sorock é uma estilista da língua inglesa que estremece, violentamente, quando lê a minha prosa truncada e, às vezes, quando folheia as provas dos meus livros e vê os erros gramaticais — bem, positivamente empalidece! Mas, agora, vamos enviar nossos cumprimentos à Sra. Valeria Sorock e tratar das suas perguntas.

A primeira é: — Como pode alguém superar o medo?

Medo? É preciso saber o que se teme. O que tememos? Tememos o desconhecido? Até sabermos o que é que tememos, nada se pode fazer. O medo é prejudicial, é vergonhoso, é uma coisa que invalida o progresso. Como superar o medo: a melhor maneira é pensar na coisa que se teme. Analise-a sob todos os ângulos. O que é? Por que deveria afetá-la? O que pensa que pode lhe fazer?

Vai feri-la fisicamente? Vai feri-la economicamente? Importará daqui a cinquenta anos?

Se analisar cuidadosamente seus sentimentos, se abordar cuidadosamente a questão de “por que temo?”, com toda a certeza compreenderá que não há nada a temer. Ainda estou para encontrar uma coisa que possa amedrontar alguém, se a pessoa realmente se aprofundar na questão.

Tem receio da polícia ou do nosso velho inimigo, o cobrador de impostos? Teme as coisas do mundo astral? Bem, não há necessidade, porque, afirmo categoricamente, que se analisar o objeto, ou a condição ou a circunstância que lhe faz sentir medo, verá que, afinal, é uma coisa inofensiva.

A pobreza a amedronta? Então, o que receia? Tire-a para fora do seu armário escuro. É o seu “esqueleto no armário”?⁹ Puxe-o para fora, espante as teias de aranha e enfrente o problema sob todos os ângulos. Descobrirá que o medo desaparece e lembre-se sempre que, se não teme, nada neste mundo ou fora dele poderá fazer-lhe mal. E acredite em mim quando afirmo que as pessoas de fora são muito mais bondosas do que as deste mundo.

Chegamos à segunda pergunta que: — Como sabemos quando estamos agindo certo?

Toda pessoa, toda entidade neste mundo ou fora dele, tem um “censor” embutido, uma parte da mente que nos permite saber se estamos ou não agindo certo. Se alguém se embriaga ou está sob a influência de entorpecentes, o censor fica temporariamente paralisado, e o comportamento da pessoa bêbeda ou drogada pode ser muito mau e até muito pior do que seria se o censor pessoal estivesse em funcionamento.

Sabemos sempre quando estamos agindo certo. Sentimo-nos bem. Quando agimos errado, experimentamos uma sensação desconfortável de que algo não está como deveria. A melhor maneira de termos certeza se estamos agindo certo ou errado é praticar a meditação. Quando nos envolvemos nas nossas vestes

de meditação, nós nos isolamos do resto do mundo e a nossa forma astral pode desprender-se das influências externas e nos dar um esclarecimento direto do Eu Maior. A meditação não é apenas uma massa de protoplasma a lhe dar ideias; quando meditamos, recebemos do nosso Eu Maior uma confirmação do nosso bem e do nosso mal. Portanto, aconselho-a: quando estiver em dúvida, medite e saberá a verdade.

Sra. Sorock, agora me faz uma pergunta e tanto! — “Como pode alguém desenvolver faculdades extra-sensoriais?”

Bem, é triste dizer que algumas pessoas nunca o fazem. Da mesma forma como alguns nunca conseguem pintar um quadro, e outros nunca conseguem cantar uma música — e, se o fazem, logo lhes pedem para calar a boca! Há gente que não consegue exercer suas faculdades extra-sensoriais por ter tanta certeza de que não pode fazê-lo. Mas, se alguém estiver disposto a experimentar, as faculdades extra-sensoriais não são uma impossibilidade. Não se pode, normalmente, fazer de tudo: telepatia, clarividência, psicometria e todo o resto. Se as F.E.S. de alguém foram treinadas desde o sétimo ano de vida, então, será capaz de exercê-las.

Mas vamos supor que queira aprender alguma forma de habilidade extra-sensorial. Terá que especificar qual, portanto digamos que a psicometria foi a escolhida. Bem, precisará exercitar-se da mesma maneira como se estivesse aprendendo a tocar piano, praticar escalas, e continuar a praticar essas tolas escalas dia após dia, semana após semana. E, mesmo quando se torna uma pianista perfeita, ainda terá de praticá-las.

Voltemos, porém, à nossa psicometria. Se quer aprender psicometria, a melhor coisa a fazer é passar uma semana ou duas dizendo para si mesma, de uma maneira positiva, que VAI tornar-se perita em psicometria (ou clarividência ou o que quer que deseje). Visualize-se colocando a mão, geralmente a esquerda, sobre um objeto e visualize-se recebendo uma imagem ou uma impressão clara do mesmo.

Durante uma ou duas semanas, preencha suas horas ativas com pensamentos de que, definitivamente, vai fazer isso. Depois de talvez quatorze dias, espere até que o carteiro tenha passado, apanhe a carta que acabou de entregar, descanse a mão esquerda suavemente sobre a mesma — antes de abri-la, é claro. Feche os olhos e sente-se numa posição de relaxamento. Deixe-se imaginar (mais tarde isto realmente se dará) que sente alguma influência estranha vinda do envelope e tocar de leve a palma de sua mão e seus dedos.

Por essa altura, deverá estar experimentando uma espécie de sensação na mão esquerda. Bem, simplesmente tente deixar a mente vazia e veja que tipo de impressão recebe.

A princípio, será imperfeita, será inteiramente rudimentar. Poderá classificar a carta em “boa” ou “má”. Poderá classificá-la como “amistosa” ou “inamistosa”. Abra-a, então, leia e veja se sua impressão estava correta. Se estava correta, terá sucesso rápido, porque nada é tão bem sucedido quanto o sucesso.

No primeiro dia, experimente apenas com uma carta. No dia seguinte, experimente com duas ou três ou, se preferir, só com uma, mas, desta vez, tente “sentir” qual é o assunto da carta. Persevere e, à medida que tem sucesso, prosseguirá para coisas melhores.

Quando estiver perita em psícometria — e só é preciso praticar —, será capaz de visualizar ou mesmo ver a pessoa que escreveu, e conhecerá a sua essência, sem abrir o envelope. É uma questão simples e envolve treinamento. Quando se está aprendendo a bater a máquina e se olha para as teclas, atra-samo-nos. É preciso aprender a datilografar sem olhar o teclado e à medida que progredimos e batemos as teclas certas, na sequência correta, ganhamos confiança e podemos ir mais rápido. Dá-se o mesmo com a psícometria; à medida que “adivinha” corretamente quais as impressões certas, sua confiança torna-se mais forte e, com a confiança mais forte, descobre que está progredindo cada vez mais rápido e tornando-se cada vez mais precisa e mais minuciosa. Exige muito esforço, porém, tem-se que praticar e praticar e praticar. E a

princípio, é preciso estar sozinho quando praticar, porque se há pessoas em seu redor tagarelando como um bando de macacos, isto a distrairá e nunca conseguirá nada. Portanto, pratique e pratique sozinha, até que esteja perita. E, quando estiver perita, poderá fazê-lo com as mãos ou com os pés e, até mesmo, sentar sobre uma carta e saber o que vem dentro!

Ainda tratando da Sra. Sorock, temos a sua pergunta final:

— Como podemos assegurar-nos de que as lições sejam aprendidas suficientemente bem, para que não precisemos recomeçar tudo de novo?

Acredite-me que, quando sentir que uma lição penetrou é porque realmente penetrou. Lembre-se de que quando se deixa este mundo, deixa-se todo o dinheiro para trás, deixa-se todas as roupas para trás, e este corpo físico de baixas vibrações também. O que realmente vai conosco, em lugar da conta bancária, é todo o bem que se aprendeu. Assim, se tomou uma lição ou duas, isto a acompanha, e terá o resultado delas no Outro Lado. Suponhamos que tenha dificuldades com algum homem; decide agir de uma determinada maneira para vê-lo pelos calcanhares e, então, enfraquece quando chega a hora de pôr em prática sua decisão. Bem, isto conta um ponto negativo, marca uma nota baixa para si. Se decidiu fazer determinada coisa que acredita ser certa, deve fazer a todo o custo aquilo que acredita ser certo. Se começa a fazê-la e volta atrás, isto representa uma negativa, representa uma barreira e uma grande dificuldade que mais tarde terá de superar.

Para responder à sua pergunta, então — como ter certeza de aprender as lições o suficientemente bem para que não precise voltar aqui, novamente. Decida-se sobre o que acredita ser uma maneira correta de agir e, tendo decidido sobre essa maneira correta de agir, não deixe que nada a desvie dessa decisão. Assim, estará agindo certo e não terá que voltar a aprender tudo outra vez.

Pode também praticar a lei secular: “Faça como gostaria que lhes fizessem”. Se fizer isto, então aprendeu a maior de todas as leis e não terá de voltar e começar tudo novamente.

E agora, vamos dizer adeus às perguntas da Sra. Valéria Sorock e passarmos para outros assuntos?

- Perguntas, perguntas, perguntas! Muito bem — qual é a próxima?

— O senhor menciona nos seus livros dois gatos siameses, um chamado Ku’ei e outro Fifi. O que lhes aconteceu?

Lady Ku’ei não está mais nesta Terra. Ia muito bem quando fui vítima de um ataque da imprensa, totalmente injustificado e inteiramente imerecido, e Lady Ku’ei que, como eu, tivera uma vida muito penosa, não foi capaz de suportar mais tristezas e perseguições. E, assim, Lady Ku’ei partiu desta Terra. Visito-a no astral e ela a mim. A Sra. Fifi dos Bigodes Cinzentos também deixou esta Terra, mas já estava velha e cega. Foi seriamente prejudicada pela bestialidade dos seres humanos. Agora, já não está incapacitada, pois pode ver. E tem uma natureza muito meiga; visitamo-nos também no astral. Essas duas têm suas “representantes” aqui, uma é Miss Cleópatra, uma siamesa “seal point” que é o animal mais inteligente que já conheci. Ela é brilhante. A outra “representante” é Miss Tadalinka, também siamesa “blue point”. Excepcionalmente boa de coração e muito carinhosa. Vem ao meu quarto à noite e realmente cuida de mim. Ambas são as melhores companheiras durante as longas e insones horas da noite.

Não deixe ninguém dizer que os seres humanos são superiores aos animais, porque essas duas — Cleópatra e Tadalinka — têm personalidades que, num ser humano, o elevariam à santidade e isto é dito sinceramente.

Outra pessoa me escreve: — Num dos seus livros, o senhor insinua que a religião cristã está-se desintegrando e que haverá dificuldades no Vaticano nos anos futuros. Não acredita que a religião cristã vencerá tudo?

Na realidade, não é esse o meu pensamento; mas isto não importa. O que importa é o que está presente nas Probabilidades Akashicas. E de acordo com o Registro Akashico das Probabilidades, a religião cristã desaparecerá. Os cristãos (eu sou budista) já dizem que Deus está morto, que Deus não se importa ou outras tolices. Mas Deus é Deus, não importa o nome que Lhe dermos. Há um ser superior, não importa como O chamemos.

A grande fraqueza do cristianismo é que os protestantes combatem os católicos, os católicos combatem todos os outros e todos estão incrivelmente seguros de que não há nenhum caminho para o céu exceto a porta da sua própria igreja. O Registro das Probabilidades reza que, antes que muito tempo decorra, a religião cristã terminará e surgirá outra, completamente nova. Muita gente pensa que há mais cristãos do que qualquer outra religião nesta Terra. Isto é uma tolice que pode ser demonstrada numa visita a qualquer biblioteca pública, consultando estatísticas que dêem os números comparativos das diversas religiões.

O cristianismo terminará, assim, e uma religião completamente nova tomará seu lugar, na qual alguns padres, a maioria, terão uma compreensão muito maior das pessoas do que os padres católicos da atualidade, que têm pavor de discutir qualquer assunto e só sabem dizer amenidades ou parábolas. É fácil para um padre, com uma renda absolutamente garantida, arengar sobre o “Deus dará” para algum sofredor empobrecido. Mas, não é tão fácil quando se é o sofredor empobrecido. Com a religião futura haverá muitos melhoramentos. E já não é sem tempo, não acha?

“En passant”, e isto é um comentário inteiramente meu, acho o Exército da Salvação imensamente divertido; esta gente costumava ser formidável para os pobres; mas, e falo por experiência própria, já não são tanto. Agora encontramos homenzinhos e mulherzinhas, que a mim parecem hipócritas rematados, a dominarem aqueles que tiveram alguma infelicidade. Não estou falando por ouvir dizer, porque também fui infeliz, sei o que é ser obrigado a viver por um curto período numa estalagem do Exército da Salvação e ter um espirro de homem a dar ordens. Eu sei o que é ouvir um nanico

gritar: “Cante, homem, é preciso cantar para ter direito à sopa”. Deixe-me repetir que, há muitos anos atrás, o Exército da Salvação fazia coisas maravilhosas pelos pobres, mas nos últimos vinte e cinco anos parece ter mudado tanto, que já era tempo de serem dispersados e postos a cavar trincheiras ou outra coisa qualquer, para conhecerem o reverso da moeda. Esta é a minha opinião pessoal, baseada em mais de uma experiência dolorosa com o Exército da Salvação.

A referência a um exército de qualquer espécie, bom, mau, ou indiferente, traz a pergunta seguinte à sua posição lógica. Alguém interpretou-me: o que há de errado neste mundo? Por que fracassamos e onde fracassamos? Como é que a mão de todos se levanta contra todos, hoje em dia? Será que pode explicar?

Sim, creio que posso. Acho que, na realidade, não há problemas em explicar. É o colapso da disciplina. Um exército só é um exército enquanto existir disciplina. Quando essa falha, o exército se transforma numa turba. Mas examinemos de perto.

Cada indivíduo, cada comunidade, quer seja um povoado, uma vila, uma cidade, uma metrópole, ou um país, e também cada mundo, tem de optar entre o Caminho Certo e o Caminho Errado. É como um exame contínuo. Será que as pessoas conhecem as respostas? Poderão tomar uma decisão correta, fazer uma escolha acertada? Conseguirão tomar o caminho certo?

Bem, a coitada da Terra tomou o Caminho Errado e o que poderia ter sido a negação da Era de Kali, em que todos os horrores e frustrações seriam eliminados, é, ao contrário, a manifestação dessa Era sobre nós na sua força total.

Foi assim que tudo começou. Em 1914, teve início a primeira Guerra Mundial. Os homens foram convocados pelas forças armadas, e, devido a fabricantes de armamentos e outros da mesma laia, as mulheres foram induzidas a cortar o cabelo curto, pôr calças compridas e entrar para as fábricas, aceitando os empregos anteriormente ocupados por homens. As mulheres foram trabalhar e buscaram o que jovialmente chamaram de “igualdade com os

homens”. E que rematada tolice é isso! O homem e a mulher são diferentes; nenhum homem jamais produziu um bebê e nenhuma mulher jamais foi pai. São bastante diferentes. Cada um destinado a uma finalidade específica na vida, na evolução. O trabalho da mulher era provavelmente muito mais importante que o do homem, as mulheres tinham igualdade, sempre a tiveram. O supremo encargo das mulheres era cuidar da família e educar as crianças a serem bons cidadãos e boas pessoas. Enquanto esteve em casa cuidando da família, o mundo era um lugar muito melhor, havia menos crimes, menos greves, menos perturbações, cívicas. As mulheres ficavam em casa mantendo a disciplina doméstica e providenciando para que a geração em crescimento tivesse o treino e a disciplina necessários para, por sua vez, assumirem a direção.

Depois, as mulheres entraram para as fábricas, para as lojas, dirigiram ônibus, fizeram de tudo. E o que aconteceu? As crianças pequenas foram empurradas para brincar nas ruas e cuidar de si próprias. Crianças pequenas, quase tão cedo quanto podiam andar, tinham que se arranjar sozinhas e ir a uma lanchonete fazer uma refeição apressada. Os mais fracos dentre esses jovens, essas crianças ainda pequenas, imediatamente foram dominados pelos mais fortes, mais duros e mais perversos da comunidade. Em pouco tempo, as crianças estavam a correr em grupos como um bando de ratos. Não há mais respeito pela lei e pela ordem. Um policial é objeto de zombaria. As crianças tudo fazem para violar a lei, mentem, roubam, jogam e a sua precocidade sexual fazem-nos perguntar o que acontecerá a seguir.

Os pais já não têm nenhuma autoridade real sobre os filhos, que ficam fora de casa a todas as horas do dia e da noite e não são responsáveis perante ninguém. Escarnecem da autoridade dos professores e comportam-se como doidos. Crescem para tornarem-se bandidos e assassinos e na minha opinião, a responsabilidade é toda dos pais, tão ocupados em ganhar dinheiro, que se tornou uma necessidade econômica marido e mulher trabalharem; assim, as crianças, o futuro da raça, são negligenciadas. Como o marido e a mulher trabalham e há mais dinheiro disponível, as indústrias

utilizam turmas extras de operários, para produzirem mais bens de consumo e levarem parte do dinheiro excedente. Os artigos são feitos cuidadosamente, de maneira a durar apenas um determinado tempo predizível, ou uma propaganda completamente mentirosa anuncia que é absolutamente necessário ter esse ou aquele produto, para estar “na onda”. Os automóveis são alterados, para tornar os do ano anterior completamente obsoletos sob o ponto de vista da moda. No entanto, sob a superfície é a mesma geringonça a chacoalhar, a mesma máquina velha que realmente não melhorou muito em todos esses anos. Agora tudo o que importa às pessoas é — será que estão se mantendo a par com os vizinhos? Ou melhor — será que podem ficar um passo adiante dos vizinhos?

O mundo enlouqueceu e tudo porque os homens e as mulheres querem tomar um país e “espremê-lo como limão”. Aqui no Canadá, um membro do Sindicato dos Carteiros ou qual seja o seu nome, que entrou em greve causando aflição e dificuldades para muitos, porque deseja um aumento de trinta por cento num ordenado já substancial, dirigiu-se à rádio e declarou (em tons de modo algum educados) que o país é como um limão e que os sindicatos iriam espremê-lo até a última gota. Bem, enquanto esta atitude prevalecer, o país e o mundo têm pouca esperança.

A única coisa que salvaria o mundo agora seria um retorno à sanidade, um retorno à compreensão de que o homem deveria ganhar o sustento, enquanto a mulher deveria ser mãe e permanecer em casa desempenhando a mais nobre das funções, inculcando disciplina e valores espirituais nas crianças, que mais tarde se tornarão adultos e, por sua vez, passarão adiante seu conhecimento e sua educação. Ao mundo falta religião. E tantas religiões estão ocupadas em combaterem-se umas às outras! Os cristãos, por exemplo — bem, o cristianismo deveria ser o cristianismo. Ao invés, a Igreja da Inglaterra e a Igreja de Roma aclamam como uma grande vitória espiritual o terem conseguido falar polidamente uma com a outra. São todos cristãos, não são? O que há com eles, por que tratam os membros de quaisquer outras seitas como criminosos, como pessoas destinadas ao inferno? O

que importa, se uma pessoa é judia, cristã ou budista? Todas acreditam numa forma própria de religião, não? E, sendo assim, sua forma de religião deveria ser respeitada. Parece que o mundo católico assemelha-se muito ao comunismo; os comunistas tentam impor sua crença a todos, independente da vontade do indivíduo. Os católicos, também, tentam forçar sua religião pela goela de uma pessoa abaixo, proferindo terríveis ameaças de tormento eterno, danação eterna e todas essas tolices. Acreditem-me, quando afirmo que não existe inferno, acreditem-me quando digo que todas as estradas conduzem ao Lar. Teremos de morrer, qualquer que seja a nossa religião. Morreremos se não tivermos religião, da mesma maneira que o próprio Papa. E tudo o que conta é se vivemos a vida de acordo com a nossa crença pessoal. Ninguém encontrará um padre gordo pronto para responder pelos seus pecados. Ele não assumirá a culpa de nada. Estaremos rigorosamente sozinhos. O que se faz e o que não se faz é da nossa inteira responsabilidade, e só respondemos a nós próprios e não a um juiz vingador que nos sentenciou a uma eternidade no inferno. Não! Não é nada assim. Faremos a nossa própria crítica, e creiam-me, não há crítico mais severo das nossas ações do que nós mesmos.

Todos têm uma oportunidade, uma segunda e, ainda, mais uma depois dessa. Mas isto nos está desviando do nosso assunto.

Temos necessidade de disciplina espiritual. A religião é uma coisa útil para incutir disciplina, desde que os líderes religiosos não estejam a brigar entre si. As religiões do presente não estão à altura da tarefa e, assim, em breve, passarão como sombras desaparecendo na noite, e nova religião surgirá nesta Terra, para tirar as pessoas da escuridão e da infelicidade em que agora estão mergulhadas.

O tempo ainda não chegou, porém. Ainda não é hora da batalha final. Primeiro, haverá mais sofrimento mais perturbações nesta Era de Kali, perturbações causadas pela Primeira Guerra Mundial, quando as mulheres abandonaram os lares e os filhos, deixando-os correr desatinados pelas ruas. Se temos um pomar maravilhosamente bem cuidado, em que prodigalizamos cuidados e

despesas intermináveis, e de repente os suspendemos, logo tudo se tornará de terceira classe. A fruta já não terá o viço e a abundância do cuidado constante, e tornar-se-á murcha e amarga. As pessoas estão ficando assim. São agora de uma raça inferior, e logo terá que se recorrer novamente ao processo de enxertia¹⁰ para que o sangue novo seja trazido à Terra.

Antes, porém, haverá mais sofrimento. Primeiro, o mundo inteiro será envolvido por uma forma de comunismo. Não o comunismo da China, em que até os relógios e os automóveis devem funcionar de acordo com os pensamentos ilustres do Conselheiro Mao Tse Tung e, onde, aparentemente, se uma pessoa tem alguma obstrução interior, basta pensar no velho Mao Tse Tung, e há uma tal perturbação que tudo se dissipa imediatamente!

Assim, a Terra vai adoecer, vai passar um mau bocado, encaremos francamente. Tudo será engolfado por essa forma de comunismo. As pessoas receberão um número, podem até perder seus nomes e identidades. As greves elevarão os preços de tal maneira, que as coisas deixarão de existir. Os sindicatos crescerão mais e mais em poder e, eventualmente, assumirão o governo com os seus exércitos particulares de carneiros-ope-rários, o que será um passo importante na direção da ruína da Terra. Eventualmente, os barões da Imprensa, como os barões salteadores da Antiguidade, mobilizarão seus exércitos particulares de trabalhadores e descerão a baixezas maiores nos seus ataques às pessoas, ataques tão difíceis de enfrentar quando até os mais mesquinhos dos repórteres podem escrever injúrias nas colunas do seu jornal e a pessoa atacada não recebe nenhuma reparação. Isto não é justiça. Não é correto. E é esse o tipo de pessoa subumana que governa a Terra hoje em dia e que a fará afundar-se cada vez mais. Até que, tendo desnecessariamente atingido o fundo nesta Era de Kali, o espírito indomável que existe em alguns estremecerá, com o choque e a vergonha do que desabou sobre a Terra, e se revoltará e tomará medidas que permitirão, à Terra e aos povos da Terra, erguerem-se outra vez. Mas talvez seja necessário que os povos do espaço, os Jardineiros da Terra, venham em seu auxílio.

Esta é a Era do Assassínio. Um grande líder religioso, Martin Luther King, foi assassinado. Era um homem bom e tinha muito a oferecer à Terra. Quanto aos outros, bem... Eram apenas políticos e (não quero pisar nos calos de ninguém) a História provará que eram apenas anões elevados à estatura de gigantes, simplesmente pelo poder espantoso da sua máquina publicitária, uma máquina publicitária que, soprando ar fétido, fez anões parecerem gigantes, da mesma maneira que pegando-se um soldadinho de brinquedo e colocando-se uma luz por trás dele, projetamos uma sombra gigantesca na parede em frente. Mas a sombra do soldadinho de brinquedo é apenas uma sombra, algo sem substância, que logo será esquecido. Martin Luther King não era uma sombra. Era um homem bom, trabalhando para o bem não apenas dos negros, mas das pessoas de todas as cores do mundo inteiro. Porque ao perseguirem pretos, mulatos, vermelhos ou amarelos, os autores brancos acumulam sobre si mesmos, individual e coletivamente, uma quantidade terrível de carma e o que façam agora às pessoas de cor terá de ser expiado em sofrimento, labuta e humildade.

Ainda haveria tempo para salvar a Terra da sua degradação, da sua vergonha, se as mulheres voltassem aos seus lares e cuidassem das crianças, providenciando para que recebessem uma educação adequada, porque é a falta de instrução que torna possível aos assassinos executarem o seu trabalho imundo. É a falta de educação que enseja a ocorrência de tumultos raciais, do saque e da violência. Essas coisas não eram comuns no tempo em que as mulheres tinham mais do que a igualdade em casa; quando ocupavam o lugar supremo de honra como Mães de família.

Seria muito melhor, se o critério de feminilidade pudesse ser: seus filhos são bem comportados? Seu marido é feliz? Esta mulher é útil à comunidade? Serve de exemplo para as outras? Se serve, é uma mulher de quem podemos nos orgulhar. Atualmente, é triste dizer, uma mulher é julgada por seu desenvolvimento mamário, quer ressalte para cima ou para baixo, e por quantos maridos teve. O sexo é uma coisa maravilhosa, mas isto não é sexo. As pessoas que gostam desse tipo de coisa são imaturas.

Nada conhecem do AMOR, conhecem apenas os aspectos mais funcionais da procriação, mas, o que é assaz interessante, a maioria das rainhas do sexo são tão impotentes quanto um eunuco que recebe o tratamento dobrado por engano!

Se todos pudessem emitir uma prece para que o Grande Líder viesse à Terra ajudar a acertar a confusão, ele viria, não com uma espada flamejante e hostes guerreiras, porque as guerras nunca adiantaram nada, só trazem infelicidade, só criam mais problemas. Não é necessário nada disso. O caminho da paz é o ideal, e a melhor maneira de obtermos paz é colocar as mulheres de novo em casa para ensinar decência aos membros masculinos da família. Elas podem fazer isso, sabem. Lembrem-se do velho ditado: “Uma mulher, quando é boa, é muito boa, mas, quando é má, é pior do que qualquer homem jamais poderia ser, não importa quão mau”.

Um sol pálido brilhou frouxamente através de uma abertura nas nuvens, que se dispersavam lentamente. Os cumes das montanhas estavam invisíveis, ocultas pela maciez de algodão branco que crescia, desaparecia e descia outra vez, como que relutando em desprender suas garras envolventes das encostas escarpadas da montanha.

Embaixo, o vale de Lhasa brilhava recém-lavado pela chuva torrencial de há pouco. Inúmeros sapos sentavam-se às margens do lago a coaxar, agradecendo o dilúvio de insetos arrastados das folhas de árvores distantes que caíam a contragosto nas suas bocas sempre à espera.

Os salgueiros suspiravam e balouçavam suavemente quando os pingos de chuva escorriam das folhas mais altas, para afundarem em “props” musicais na superfície do lago. Os telhados dourados de Potala brilhavam esbranquiçados sob a luz fraca do sol, e da cidade de Lhasa erguia-se um arco-íris, que começava na Catedral de Jo Kang e prolongava-se até as nuvens.

A estrada de Linghor, que ficara deserta — a Estrada Circular —, agora enchia-se outra vez de gente. Todos haviam desaparecido nos abrigos disponíveis, quando a chuva desabara, quase afogando os campos, engrossando o rio, fazendo-o quase inundar as margens. Ainda agora, grandes torrentes de água desciam pela encosta da montanha, fazendo subir, lentamente, o nível dos lagos e dos brejos. Com um pequeno borbulhar, a terra ressequida e mesmo gretada durante semanas, absorvia agora, avidamente, o inesperado suprimento de águas pluviais. No rio Feliz, um barqueiro, montado num bote de pele, examinava ansiosamente o céu, preocupado que um novo aguaceiro tornasse impossível a travessia do rio. Porque um barco de pele deixa muito a desejar quanto à segurança e é tão fácil escorregar-se e cair n'água. Os barqueiros, tal como os marinheiros de todo o mundo, raramente sabem nadar e este não tinha a menor concepção dessa arte.

Mas a estrada enchia-se outra vez. Os monges caseiros desincumbiam-se da tarefa de obter suprimentos no mercado de Lhasa. Monges aguadeiros desciam pela trilha rochosa até o pequeno poço agora transbordante e arrastavam-se lenta e penosamente pela trilha acima, levando a água para Potala e também para Chakpori, pois Chakpori, embora menor em população, utilizava uma imensa quantidade de água, devido ao preparo das ervas e outras formas de tratamento médico.

Na estrada, os Lamas tratavam dos seus assuntos. Lamas Superiores com seus cortejos de monges atendedores, e outros que desprezavam os aparatos do posto e cavalgavam em solitário esplendor com apenas um atendente a segui-los. Mercadores, conduzindo iaques grunhidores, abriam caminho lentamente pelo Portão Ocidental e prosseguiam na última etapa da sua jornada para Lhasa. Mercadores ávidos de lucro, mas ávidos de conversa. Ávidos também do espanto boquiaberto com que algumas das suas histórias seriam ouvidas!

Da cidade propriamente dita, outros mercadores partiam para subir os passos da montanha e abrir caminho, lentamente, através de superfícies cobertas de neve, onde um deslizamento significaria a morte e, superados os perigos, alcançar eventualmente, em dias ou semanas, a Índia, Kalimpong e outros centros de comércio. Quase a passarem uns pelos outros, os mercadores que chegavam e os que partiam trocavam aos gritos informações sobre as condições do mercado, as últimas notícias e a disposição do povo.

Junto ao Pargo Kaling, sentavam-se mendigos, gemendo e pedindo esmolas. Proferiam em voz alta todas as bênçãos possíveis àqueles que as davam, e todas as maldições imagináveis aos que recusavam dar. Turistas e peregrinos aglomeravam-se na estrada, caminhando pela direita em torno do Po-tala e contornando o lago e a grande pedra em que estavam esculpidas figuras religiosas, que eram mantidas alegremente coloridas. Peregrinos e turistas, as pombas e os falcões — aqueles que exploravam os peregrinos e os turistas, que vendiam horóscopos dizendo que cada um era

pessoalmente preparado sob a direção do Lama Superior. E tais horóscopos eram comprados por atacado e impressos na Índia.

Empoleirado numa rocha conveniente, um velho conclamava os turistas: “Vejam! Vejam!” — dizia — “Talismãs e amuletos pessoalmente vistos e abençoados pelo Mais Profundo. Isto os guardará dos demônios que afligem e os protegerá das doenças que arrasam”.

Olhou em redor, ansioso por encontrar um ingênuo que caísse naquela espécie de conversa. Não muito longe, uma mulher cochichava para o marido: “Abençoado pelo Mais Profundo!”, murmurou. “Devem, na verdade pedir bom dinheiro por isso”, respondeu o marido. “Mas temos de comprá-lo! Estou esperando criança e precisamos de um bom talismã, para que o nosso filho nasça sob bons auspícios”.

Juntos, caminharam na direção do Vendedor de Talismãs que, vendo-os ansiosos, foi-lhes ao encontro e puxou-os para baixo de umas árvores a fim de poder discutir o preço e obter tudo “que o mercado aguentasse”. Tendo efetuado a compra, o marido e a mulher afastaram-se de mãos dadas, sorrindo satisfeitos, pensando ter a proteção concedida pela bênção do Mais Profundo ao mui sagrado talismã. E o Vendedor de Talismãs? Afastou-se, rapidamente, para tomar de novo o seu posto e repetir a história muito velha, dos talismãs e amuletos que trazem sorte.

— Diga-me — perguntava a carta — onde posso obter um talismã realmente bom que me traga sorte e me proteja do mal? Tenho visto muitos anúncios na Revista Tal-e-qual, mas não sei qual devo comprar.

Bem, o melhor é não comprar nenhum. Nenhum desses talismãs ou amuletos valem nada.

Agora, sejamos razoáveis a esse respeito; se as coisas são simplesmente produzidas em série, estampadas aos milhares, provavelmente intocadas pela mão humana, não podem surtir efeito algum. Quando estive nas Lamaserias, ensinaram-me que a única maneira de fazer um bom talismã ou um bom amuleto era produzi-lo

pessoalmente e imbuí-lo de uma personalidade ou entidade de pensamento. Afirmo, enfaticamente, que qualquer amuleto ou talismã produzido comercialmente é apenas um desperdício de dinheiro.

Deixe-me contar-lhes uma historieta simples: Há algum tempo atrás, recebi um pequeno pacote de um homem nos Estados Unidos. Vinha acompanhado de uma carta, na qual dizia que estava me enviando um pedaço de casca de uma árvore muito especial da Irlanda. E que era garantido trazer-me boa sorte e proteger-me do mal.

O pedaço de casca chegou num envelope especial, com um folheto anexo. Vinha também a fotografia de uma pequena árvore. O folheto informava que há mais de trezentos anos cortavam-se pedaços da casca dessa árvore, que eram vendidos para todo o mundo. Para onde quer que houvesse gente, afirmava o folheto, tinham sido enviados pedaços da árvore. Milhares de pedaços, milhões de pedaços.

Ora, pergunto-lhes, que espécie de árvore pode fornecer cascas durante trezentos anos e não morrer? Que espécie de árvore pode suprir milhões de pedaços de casca e continuar a sarar e a crescer? Virei a coisa nas minhas mãos e, por meio da psicometria, cheguei à conclusão de que alguém estava dando um golpe, comprando cascas de árvores abatidas e cortando com um perfurador pedaços do tamanho aproximado de meio dólar e enviando-os para todo o mundo. O lucro devia ser verdadeiramente fabuloso. “Que pena”, pensei, “que eu seja um homem honesto. Esta é a maneira de levantar dinheiro para pesquisas!” Mas, infelizmente, a honestidade prevalece e sempre prevalecerá no fim, sabem!

Não há “virtude” em amuletos e talismãs que foram produzidos em série ou por estampagem em metal ou por fundição ou por impressão. São completamente inúteis. Os únicos talismãs ou amuletos que têm alguma utilidade são aqueles que foram feitos a mão, e em cada um tenha sido impregnada uma forma de pensamento. Isto pode ser feito e é feito. Mas não numa base

comercial, porque só o tempo despendido tornaria necessária a cobrança de uns duzentos dólares.

Talvez, eu devesse explicar aqui que as Pedras de Toque Rampa são uma coisa inteiramente diferente. Não são amuletos nem talismãs. São dispositivos especiais, usados por uma única pessoa, e que rapidamente geram uma grande força, que ajuda o seu possuidor. Não podem ser usadas por duas pessoas, e como milhares de cartas atestam, realmente dão resultado; são algo absolutamente diferente.

Essa e Aquela revista trazem anúncios de Estrela Disso e da Estrela Daquilo, ou o Círculo de Outra Coisa Qualquer. Bem, suponho que as pessoas precisam viver e devem lembrar-se da expressão — Caveat emptor — que significa, naturalmente, “deixe o comprador precaver-se”. As revistas retiram sua renda da propaganda e presumo que um gerente de publicidade leia os anúncios de olhos fechados, se há qualquer possibilidade de que não sejam realmente apropriados. Lembrem-se, então, que se comprarem um talismã ou amuleto — bem, provavelmente, fizeram algo de bom por alguém ao entregar bom dinheiro por um objeto inútil.

É realmente um fato, porém, que se alguém quer um talismã ou um amuleto — chamem como quiserem —, ele poderá ser feito se souberem como proceder, se tiverem tempo, paciência e determinação. Não se pode produzi-lo da noite para o dia. Leva tempo, tempo que depende do efeito que se deseje.

Já terão ouvido falar das maldições escritas nos velhos túmulos egípcios, ou de determinados artefatos da Antiguidade que possuem um encantamento ou uma praga. Essas coisas são reais, não são apenas imaginação. O que aconteceu foi que pessoas que sabiam como proceder produziram uma forma de pensamento e a “imantaram” ao objeto a ser protegido. A forma de pensamento entra em ação quando determinadas condições estão presentes. Assim, se alguém está tentando roubar o artefato, pensamentos emanam do ladrão em perspectiva e precipitam a resposta pré-

condicionada e automática da forma de pensamento. Desse modo, o ladrão em perspectiva cai morto devido a um aparente colapso cardíaco ou qualquer coisa do gênero.

É um processo longo e complicado, que não pode ser duplicado por métodos de produção em série. Por aí se torna óbvio que esses amuletos que são anunciados não devem ser comprados, a não ser que se queira utilizá-los como assuntos de conversa.

Agora, uma pergunta interessante: — Desde que moro num prédio de apartamentos, não tenho passado muito bem. Uma velha camponesa me disse que isto era devido a eu estar vivendo longe do chão. É verdade?

Sim, é! É verdade. Examinemos o problema?

De certa maneira, a Terra é um imã. É uma esfera que contém forças magnéticas, em graus variados de intensidade. Todos sabem que existe um Pólo Norte e um Pólo Sul. Isto nos é ensinado desde os primeiros dias de escola. Mas nem todos sabem que as massas continentais, as ilhas e, com efeito, tudo, têm a sua quantidade própria e particular de magnetismo. É facilmente constatável que a gravidade — uma forma de magnetismo — é diferente em diversas partes do mundo e é frequentemente verificado que o magnetismo é diferente em toda parte. As bússolas dos navios, por exemplo, podem indicar diferentemente nos diversos portos do mundo e em muitos litorais avistam-se dois cones brancos, geralmente piramidais e de tal modo situados que, quando observados de determinada distância e de determinada posição no mar, formam, aparentemente, apenas uma sólida barra branca. Os navios manobram num porto para alinharem-se com esses marcos e, quando uma linha imaginária que vai da popa à proa, encontra precisamente os dois marcos brancos, que agora parecem um, então a bússola a bordo do navio deverá indicar um determinado rumo. Se isto não acontece, pequenos imãs de ajuste são postos numa caixa sob a bússola, para puxar ou empurrar seu mostrador para a posição desejada.

Esse ajuste de bússola também é feito nas aeronaves. Admite-se que uma bússola possa ser afetada pela natureza da carga de um navio, mas, mesmo quando isto é compensado, a variação magnética das diferentes massas de terra também precisam ser levadas em consideração.

As diferentes intensidades de magnetismo afetam as pessoas. Todos carregam dentro de si certa quantidade de ferro, outros minerais e elementos químicos, e uma pessoa que viva numa área de alta densidade magnética reagirá nos seus pensamentos diferentemente de uma outra que viva numa área de baixa densidade magnética.

Poderíamos dizer que os alemães e — quem mencionaremos? — os argentinos são bastante diferentes na sua constituição, nas suas reações, e muito disto deve-se à pressão magnética exercida sobre os alemães na Alemanha e sobre os argentinos na Argentina. A natureza dos alimentos ingeridos e o valor do consumo de ferro também devem entrar em consideração. E, conquanto um alemão pudesse viver num prédio de apartamentos, sem que na realidade sua saúde fosse seriamente afetada, o cidadão médio argentino se sentiria arrasado e deprimido em condições semelhantes porque o magnetismo ou, antes, o grau de magnetismo na Argentina produz um tipo de povo livre, que não pode ser tão sistematizado como os alemães na Alemanha. Observem que digo os alemães na Alemanha. Isto é para indicar que, quando um alemão deixa sua terra ou um argentino a sua, ficam mais sob a influência do magnetismo do país em que estiverem residindo.

Tudo é afetado pelo magnetismo básico do país. Todas as criaturas da Terra precisam estar em contato com suas correntes. As da Terra, naturalmente, constituem o grau particular de magnetismo de uma área. Se a alguém é negado o acesso ao contato com a Terra, sua saúde deteriora. Estudos recentes provaram, de maneira positiva, que as pessoas que vivem em prédios de apartamentos e que têm pouco acesso a um jardim ou um parque onde haja solo natural sem pavimentação, sofrem dos nervos e, geralmente, têm pouca saúde. Todos sabem que os

habitantes do campo são mais fortes e têm mais saúde do que os que vivem na cidade.

No campo uma pessoa pode sair e caminhar pelos campos e entrar em contato com água boa e limpa. Enquanto isso, nas cidades, tudo é pavimentado com uma mistura de alcatrão e pedra natural ou pedra artificial, materiais que tendem a isolar o corpo humano das correntes da Terra.

Em certas línguas, contam-se histórias de gigantes que partiram para a guerra e que estavam a ponto de serem vencidos em batalha. Os gigantes, então, deitaram-se no solo por alguns momentos e puseram-se de pé, renovados. Em outras palavras, retiraram energia das correntes da Terra e, deitando-se para recolher essa energia, enganaram seus inimigos!

Toda pessoa que deseja ter boa saúde deveria poder sair para o campo, tirar os sapatos e as meias e andar sobre a terra boa e fresca. Se fizessem isso, teriam menos doenças, menos frustrações e menos tensões.

Já que estamos tratando de correntes, poderíamos mencionar a posição ideal para se dormir. Ora, as criaturas humanas não são como impressões de um carimbo de borracha. Nem todas são iguais. Mas todas podem se beneficiar, num grau surpreendente, dormindo numa posição tal que extraiam o máximo proveito das correntes naturais da terra.

A melhor maneira de conseguir isto é tirar um mês para experiências. Numa semana coloque sua cama de frente para o Norte e faça cuidadosa anotação diária de como dormiu e se sentiu com a cama nessa posição. Na semana seguinte, coloque a cama de frente para, digamos, o Leste, e mais uma vez anote com cuidado como se sentiu. Nas semanas seguintes, tente dormir com a cabeça voltada para o Sul e a seguir para o Oeste. No fim do mês, terá uma boa ideia da direção que lhe convém e, se mudar sua cama permanentemente para aquela posição, descobrirá que a “sorte” lhe sorrirá e se sentirá mais forte. Se usa cama de casal

— bom, ou terá de ficar fora desta experiência ou de arranjar uma cama de solteiro.

Costumava-se pensar que o contato com o mar produzia o mesmo efeito sobre os seres humanos, mas não é bem verdade. As pessoas se sentem melhores quando estão em contato com o mar porque em geral o ar é melhor e mais saudável. Mas as correntes magnéticas do mar são bem diferentes das correntes magnéticas da Terra e, ainda que não lhe cause mal algum mergulhar no mar, faça-o apenas por prazer e não com a intenção particular de obter benefícios das correntes magnéticas do mar para a saúde. Poderá fazer-lhe bem colocar seus poros em contato com uma solução salgada; e também se beneficiar muito com o ar puro que geralmente circula no mar. Mas poderá também receber uma carga de óleo sujo de algum navio-tanque imundo ou, como no lugar onde moro agora, emanações fétidas e detritos flutuantes de um moinho, que descarrega todo o seu refugo no rio, passando pela minha janela a caminho do mar, com um mau cheiro verdadeiramente insuportável.

Outra pessoa escreve:

— Como somos apenas um décimo conscientes? Se somos só um décimo conscientes, como conseguimos nos arranjar da maneira como o fazemos?

A resposta é que SOMOS apenas um décimo conscientes. Afinal de contas, podemos ter um carro e nos deslocamos a dez milhas por hora. Podemos até ter um dispositivo instalado para limitar nossa velocidade a um valor predeterminado, e, então, ainda que o carro seja capaz de uma velocidade maior, estaremos limitados àquela a que o carro foi pré-condicionado. O limite humano é um décimo de consciência. Se alguém conseguisse ser um décimo e meio consciente seria um gênio, mas, frequentemente, se uma pessoa é extrabrilhante em um sentido, é notadamente mais fraca em outro. Assim acontece com um homem que é notável inventor, um cérebro absolutamente soberbo em, digamos, eletrônica, e, no

entanto, em outras coisas é tão estúpido que tem de ser dirigido, vestido e alimentado etc. Conheço um caso desses.

O um décimo de consciência é algo assim como uma telefonista que senta-se à mesa com dez linhas telefônicas à frente. Só pode tratar de uma de cada vez, portanto, está lidando com um décimo. Os seres humanos são nove décimos subconscientes. “Sub” porque está além do nosso alcance consciente, abaixo da nossa consciência. O Eu Maior está acima da nossa consciência e esta pode ser comparada à parte de um iceberg que aparece acima da água. Apenas um pedacinho do iceberg aparece na superfície da água, a maior parte fica submersa, da mesma forma que a maior parte do conhecimento humano fica submerso logo abaixo do portal da consciência. Daí o nome “subconsciente”.

Sob determinadas condições, podemos penetrar no subconsciente. É possível fazê-lo utilizando um processo apropriado para descobrir o que ele sabe, e eis o que sabe: tudo que jamais aconteceu àquela entidade. “Aquela entidade”, por favor, não apenas àquele corpo humano em particular! Ao se aprofundar, realmente, no subconsciente a pessoa se engaja num processo semelhante à descida ao porão de uma grande biblioteca ou de um grande museu e à descoberta da grande variedade de objetos ali armazenada. Os museus, como sabem, têm mais coisas escondidas do que em exposição.

Penetre no subconsciente de um ser humano e poderá descobrir tudo sobre qualquer coisa que lhe tenha acontecido. Poderá acompanhar sua vida em reverso. Tomem uma pessoa que tenha, presentemente, digamos, setenta anos, poderemos fazê-la recuar aos sessenta, cinquenta, quarenta e assim por diante, até o nascimento, até o momento em que aquela pessoa nasceu para esta Terra. E, se mudarmos a técnica, como um automóvel engrenando outra marcha, poderemos acompanhar o subconsciente além do nascimento, podemos descobrir o momento em que a entidade efetivamente entrou no corpo do bebê em gestação. E, se a sua motivação é suficientemente boa, poderá descobrir o que foi

aquela pessoa numa vida passada, ou na vida anterior a essa, ou na anterior e assim por diante.

Um aviso: não acreditem nessa propaganda que diz que Madame Corpo-de-Cão fará tudo isso pela taxa de um dólar. Essas coisas não podem ser feitas por dinheiro, não podem ser feitas por curiosidade. É necessário uma vida de estudo e de propósitos sérios. Não é um número de circo. Portanto — não desperdice seu dinheiro!

Eu estou entre os que podem fazê-lo. E para mim mesmo também, e tenho um conhecimento surpreendente a meu respeito, recuando, recuando e recuando.

Mas quero fazer outro aviso: não acreditem em todas essas pessoas que usam um xale na cabeça e dizem que visitarão o Registro Akashico por alguns dólares, ou algumas centenas de dólares, e voltarão com um conhecimento completo. Se pudessem, não o fariam por dinheiro. Mas, se baterem o dinheiro na mesa, eles “voltarão” com efeitos histriônicos apropriados e contarão que vocês foram Cleópatra ou Napoleão, ou o velho Kaiser Guilherme ou o avô de Fidel Castro ou até mesmo o tio de De Gaulle. Em geral, tentam descobrir quem gostariam de ter sido e, então, “voltam” estremecendo a cabeça, apertando os lábios e todos os outros efeitos para repetirem tudo o que vocês já informaram, mas tendo o cuidado de usar palavras diferentes. Não, madame! O mundo está cheio de gente que foi Cleópatra. Não, senhor! O mundo está cheio de gente que foi S. Pedro ou S. João ou Santo Alguém Mais. E de qualquer forma, que importa quem fomos? Logicamente, fomos alguém, mas que importância tem isso? Agora temos outro nome, um corpo diferente, temos uma tarefa diferente na vida e não adianta viver de glórias passadas. O passado não importa. O passado produziu as falhas do presente. Tudo o que podemos fazer agora é levar uma vida decente, para tornar o futuro mais promissor.

O melhor caminho é evitar cartomantes e também aqueles que anunciam que farão isso, aquilo ou outra coisa qualquer se lhes

pagarmos o suficiente. Se quiser saber de coisas a seu respeito, e tem razão suficiente para isso, sempre poderá fazê-lo por intermédio das viagens astrais. Se quiser saber algo, então, experimente a meditação. Há um capítulo dedicado a isso no meu livro “Capítulo da Vida”.

Na meditação é preciso isolar-se das correntes da Terra porque se elas estiverem circulando ao seu redor, você pensará em coisas terrenas, em termos terrenos. E não é isso que se deseja, queremos ser capazes de controlar o objeto da nossa meditação. Assim, o primeiro requisito para a meditação é evitar aquela nossa velha amiga, a prisão de ventre (oh! isto é um assunto muito importante!), e usar um traje de meditação. Este é quase sempre de material preto e deverá cobri-lo da cabeça aos pés. Deverá, na realidade, cobrir-lhe a cabeça e a maior parte do rosto. Não é necessário sufocar-se, naturalmente, e, se a sua roupa de meditação for adequadamente desenhada, tal não acontecerá. Mas o ponto principal é que deverá ficar isolado por esse pano preto das influências exteriores. O seu corpo deverá estar protegido da luz do sol, porque esta dará cor aos seus pensamentos e não queremos pensamentos coloridos. Queremos concentrar-nos em nossos próprios pensamentos e ter os nossos pensamentos sob controle.

Se folhear os “Capítulos da Vida”, encontrará a figura de um monge. E, se for jeitoso com agulha e linha, faça uma roupa igual, mas assegure-se de que seja suficientemente larga. Não importa se parece com uma tenda ou com um saco; não se vai desfilar com ela, não é essa a finalidade. O seu total e único propósito é eliminar as influências externas, portanto, o corte não importa e quanto maior for — dentro de limites, naturalmente —, tanto mais confortável.

Esta roupa de meditação deve ser preservada apenas para meditação, não pode utilizá-la para nenhum outro fim, a não ser meditar. E deve também guardá-la em segurança, para que ninguém mais possa usá-la nem tocá-la, porque se outra pessoa a segura ou experimenta, deixa sua influência na roupa — o que você está procurando evitar — e, portanto, haverá mais um obstáculo.

Meditando sob essas condições de isolamento, estará imune às influências externas. Assim, poderá realmente chegar ao âmago do assunto no qual está interessado. Poderá conduzir-se através das várias etapas da meditação, aprofundando-se cada vez mais, de modo que no fim possa estar meditando em tal estado, que flutue. E, quando atingir essa fase, poderá saber um bocado a respeito do que se passa além do décimo. Além do décimo de consciência e nos nove décimos de subconsciência. Porém, mais uma vez, lembre-se que “subconsciente” não significa que esta particular fase de consciência seja inferior. A palavra “sub” geralmente significa “inferior”, mas neste sentido, é usada para indicar aquilo que está abaixo do portal da consciência, enquanto que supra indicaria aquilo que está além ou acima do portal da consciência.

Assim, o subconsciente relaciona-se com tudo o que a pessoa sabe ou soube, ou experimentou a qualquer tempo, desde que pela primeira vez tornou-se uma entidade. Tomando o presente como a nossa linha básica, podemos dizer que tudo que é passado, tudo o que está armazenado, está “abaixo”. Enquanto que tudo que está por vir e que ainda tem de ser experimentado nesta Terra ou no próximo mundo está na “supraconsciência”, e, portanto, acima da nossa linha básica.

Muito bem! Agora, agora já sabem um pouco mais sobre o nosso título “Além do Primeiro Décimo”. Tratamos e temos tratado de coisas que as pessoas sabem sem saber por que e daquilo que as pessoas podem fazer, embora no presente talvez pensem que não possam. Tomemos um exemplo, a viagem astral. Qualquer um pode efetuar-la. Qualquer um pode praticá-la com um pouquinho de paciência e aderindo a umas regras simples, mas as pessoas dizem: “oh, eu não poderia nunca fazer isso!” Na realidade, têm medo de fazer a tentativa, mas você — caro leitor — tente porque é verdadeiramente uma experiência maravilhosa pairar e deslizar acima da superfície da Terra, brincando com o vento, fazendo com que os pássaros, que podem ver os astrais das pessoas, quase piem de espanto. Tente. Descobrirá que é a coisa mais fantástica que já lhe aconteceu.

Naturalmente, há muito mais neste negócio de pairar acima da Terra do que apenas uma brincadeira. Pode-se ir a qualquer parte do mundo, como já lhes disse, mas isso não é tudo; há mais — muito mais.

Se alguém meditar, se tornar-se realmente proficiente em meditação e combinar isso com a viagem astral, não ficará limitado à face da Terra. Tenha em mente que, quando efetuamos viagens astrais não estamos num corpo de carne, mas num corpo que pode penetrar materiais que ao primeiro pareceriam sólidos. Compreendem as implicações? Significa que podemos submergir a uma razão controlada, submergir na Terra e na rocha sólida. Podemos ver com perfeita clareza, embora para um corpo de carne fosse uma completa e total escuridão. Podemos afundar e, talvez, ver ali um vulto gigante, capturado há meio milhão de anos atrás, incrustado no que é agora carvão sólido. Nesse carvão sólido, então, há um vulto gigante intacto, perfeitamente preservado, como mastodontes e dinossauros que já foram descobertos.

Durante anos, os cientistas pensaram que o advento da raça humana ou humanoide na Terra era razoavelmente recente. Agora, chegaram à conclusão de que a presença da humanidade na Terra é muito, muito mais antiga, do que anteriormente se pensou. Nossas viagens através da rocha sólida podem dizer-nos isso, nossas viagens podem indicar-nos isso; depois de milhares e milhares de anos a Terra entra numa espécie de convulsão periódica, durante a qual toda a sua superfície treme, durante a qual as águas recuam aqui e elevam-se ali. A superfície da Terra parece ferver e agitar-se, e cada vestígio dos trabalhos do homem ergue-se, cai e fica soterrado centenas ou milhares de metros abaixo da superfície da Terra. As mulheres entenderão quando eu disser que é semelhante a fazer um grande bolo; temos uma tigela cheia de toda a espécie de ingredientes separados e, então, metemos uma colher no fundo e, erguemo-la, gradualmente, misturando tudo para que todos os componentes, todos os constituintes sejam distribuídos pela massa do bolo.

Assim, cada meio milhão de anos, mais ou menos, a Terra livra-se de uma raça indesejável e prepara a superfície para o próximo grupo, que ela carinhosamente espera seja melhor sucedido. A vida na Terra é antiga, a Era dos dinossauros e dos mastodontes e todas essas outras criaturas foi apenas o começo de mais uma experiência, da mesma forma que nos próximos milhares de anos findará esta Terra que conhecemos no presente. Toda a superfície se agitará e borbulhará, as cidades e os trabalhos do homem desmoronarão e ficarão soterrados a milhares de metros abaixo da superfície, e quem chegar à Terra dirá que é um mundo novo, jamais habitado.

É preciso muita experiência para fazer esse tipo de viagem astral. Mas, eu posso fazê-la e digo-lhes que VOCÊS também poderão, se praticarem o suficiente, se tiverem fé na sua própria habilidade e se lembrarem que não poderão realizá-la para trazer de volta mensagens para outras pessoas a tantos dólares por visita!

Já vi nas profundezas do gelo ártico, a centenas de metros ou mesmo milhares de metros da superfície, formas estranhas. Uma forma humana diferente, um tipo purpúreo de criatura com características diversas dos homens da atualidade. Nós temos — só para citar um exemplo — dez dedos. Mas já vi o povo púrpura sepultado, absolutamente intacto, e constatei que têm nove dedos em cada mão. Provavelmente, um dia os pesquisadores exumarão algum deles e, então, haverá um espanto de nove dias sobre tudo isso. Futuramente, haverá uma escavadeira atômica, que será capaz de perfurar o gelo e mostrar gente e cidades soterradas no fundo do gelo, cidades de um povo que viveu e caminhou pela superfície desta Terra há centenas de séculos, antes de haver qualquer registro histórico.

Isto foi no tempo em que havia somente um continente na Terra e todo o resto era água. Quando a América do Sul e a África formavam um só continente e a Inglaterra fazia parte do continente Europeu; quando a Irlanda era apenas um cume de montanha a estender-se por milhas — sim, milhas — verticalmente,

num ar muito diferente. Toda a terra do mundo era então uma massa, que se estendia do Pólo Norte ao que é agora o Pólo Sul. Assemelhava-se a uma ponte ligando um lado da Terra ao outro. A Austrália, a China e a América formavam um só bloco ligado ao que é agora a África e a Europa. Mas, com os tremores de terra que derrubaram uma civilização, erguendo terra fresca e rochas para cobrirem-na, e devido aos efeitos centrífugos, essa massa sólida e una, esse continente único na Terra, partiu-se. E, à medida que a Terra sacudia e tremia, o leito do mar subiu, arrastando pedaços de terra, que se tornaram a Austrália, a América, a Europa, a África e assim por diante.

Com a prática na viagem astral, com considerável prática na meditação e combinando as duas, você pode ver tudo isso como se estivesse naquele aparelho adorado pelos escritores de ficção científica — a máquina do tempo. Há, realmente, uma máquina do tempo, uma máquina do tempo muito específica e que funciona; é o Registro Akashico, onde tudo que já aconteceu na Terra está registrado. É como ter um número infindável de câmaras cinematográficas filmando tudo o que se passa, dia e noite, e editá-los todos juntos, num filme contínuo e perene, que você pode “penetrar” se souber como e se souber qual a Era que deseja ver.

É verdadeiramente fascinante observar uma civilização na Terra, uma civilização florescente, mas na qual os habitantes sejam muito diferentes dos que estamos acostumados a ver. Nessa civilização, por exemplo, as pessoas se deslocavam, não em automóveis, mas naquilo que poderia muito bem ser a origem da velha história do tapete voador; deslocavam-se em plataformas muito parecidas com tapetes. Sentavam-se de pernas cruzadas sobre essas coisas e, manipulando um pequeno controle, podiam erguer-se e voar em qualquer direção. No Registro podemos observar tudo isso e, ao fazê-lo, temos a impressão de que algum desastrado está sacudindo um tabuleiro de xadrez, no qual todas as pedras estivessem colocadas para um bom jogo. E, tal como as pedras caíam, caíam as pessoas do mundo de então. A Terra espreguiçou-se, apareceram grandes abismos, no seu interior

caíram prédios e pessoas, e a Terra estremeceu e fechou-se outra vez. Depois de algum tempo, o deslocamento e o balanço da superfície terminaram e a Terra estava preparada para a próxima “safra”.

Nessa forma de viagem astral, também se pode penetrar nas profundezas da Terra, e, talvez, ver artefatos dessa Era em perfeito estado de conservação, ou restos de grandes construções. Pode-se ir às regiões ártica ou antártica e, descendo muito fundo, descobrir pessoas e animais que morreram congelados. Devido ao frio e à rapidez do seu ímpeto, preservaram-se inteiramente intactos, como se estivessem meramente adormecidos e esperassem uma mão que os despertasse.

E, à medida que observamos, podemos ver diferentes desenvolvimentos do peito e das narinas, porque a atmosfera da Terra há alguns milhões de anos atrás era muito diversa do que é no presente. As criaturas de hoje não seriam capazes de viver na atmosfera daqueles tempos, assim como as daquele tempo não teriam sido capazes de respirar o que agora chamamos de “ar puro”. Havia, então, muito mais cloro, muito mais enxofre no ar. Agora, temos o mau cheiro oriundo da queima do petróleo.

Outra coisa que você poderá constatar e que como eu, sem dúvida, achará fascinante, é que o petróleo não é natural da Terra. O petróleo não é nativo do nosso mundo. De acordo com o Registro Akashico, um planeta colidiu com a Terra fazendo-a parar por um momento e girar na direção oposta. Mas, a colisão desintegrou-o e parte de seus mares derramaram-se pelo espaço, caindo na Terra. Os mares daquele planeta eram o que chamamos de petróleo. Derramou-se e saturou a terra, afundou e continuou descendo, até encontrar um nível e uma camada que não podia atravessar. Ali ficou acumulado à espera dos seres humanos, que um dia o bombeariam para a superfície e inventariam uma máquina ou máquinas, perfeitamente horríveis, que utilizariam esse petróleo. Um dia todo o petróleo terá sido usado, mas não será produzido porque, como disse, ele foi apenas o desperdício de outro mundo.

Será que escrevi o suficiente para realmente induzi-lo a praticar a viagem astral? É uma coisa maravilhosa, e o que poderíamos chamar de viagem astral mundana — (porque refere-se à Terra) combinada com a meditação — mostrar-lhe-á tudo o que poderá querer saber sobre esta Terra. Por que, então, não experimentá-la? Por que não ter fé e paciência e começar a praticar a viagem astral

Antes de começar este livro pensei que pudesse atender aos milhares de cartas que recebo, exigindo que escreva a respeito de tratamentos herbáceos. Como poderia alguém curar essa indisposição ou aliviar aquela doença? Gastei quase dezoito meses tentando encontrar uma firma conceituada, uma que pudesse fornecer nos principais países o tratamento herbáceo que eu recomendasse. Escrevi aos Srs. Grassroots & Rissoles, na Inglaterra, dizendo-lhes que pretendia escrever um livro sobre tratamentos herbáceos e perguntando-lhes se poderiam fornecer as ervas que eu recomendasse sob o seu nome correto. Recebi uma resposta afável, dando-me a entender, cortesmente, que somente eles, dentre todos no mundo, conheciam alguma coisa de ervas, e não estavam dispostos a sair do seu sistema de chamar uma rosa por outro nome, por assim dizer, dando-lhe um número.

Escrevi a Toadstools and Applesauce Inc, nos Estados Unidos, e perguntei-lhes a mesma coisa. A resposta foi deliciosamente evasiva, e informaram-me que enviariam o seu último catálogo com os nomes dos preparados específicos lançados no mercado. Diante disso, atirei o material de publicidade na lata do lixo e decidi escrever sobre outra coisa. O resultado está neste livro. Quase todo dedicado a responder às perguntas que VOCÊS fazem sobre o que existe “Além do Primeiro Décimo”.

Como posso eu, ou qualquer outro, escrever alguma coisa de útil sobre tratamentos herbáceos, quando não consigo obter um fornecedor de ervas em quem possa confiar? Se afirmo que a erva XYZ o curará do que quer que esteja sofrendo, estou moralmente obrigado a dizer-lhe onde poderá encontrá-la. Infelizmente, os fornecedores de ervas com os quais entrei em contacto querem apenas dizer: “Tomem nossas pílulas número 123 para curar sua flatulência, etc”. Isto não é o suficiente para os meus leitores. Vocês querem saber o que estão tomando, querem saber quais os componentes da pílula 123. Determinadas ervas são muito eficazes quando tomadas na sua forma pura ou inalterada, mas, se alguém

vai misturar-lhe um tipo mais barato de erva, então, não somente seu preço é menor, como o produto será insatisfatório.

Parece a coisa mais espantosa — estarrecedora seria talvez a palavra mais adequada — que os fornecedores de tratamentos herbáceos nunca sejam diretos e nem forneçam as ervas que se recomendam, mas, ao invés, queiram-lhes dar um número idiota ou algum nome fantasioso, como “Hálito de Vaca Oriental”. Dirigi-me a uma pequena firma na Inglaterra, que otimisticamente anunciava ervas orientais, mas a boa senhora na gerência da firma não teve a gentileza de responder-me. Tudo o que eu queria era que vocês — meus leitores — pudessem ter a certeza de que se eu recomendasse a erva XYZ poderiam fazer um pedido e receber a erva XYZ. Não queria nenhuma comissão, nem participação financeira. Pensava, somente, nos meus leitores.

Mas, como disse, simplesmente não posso apresentar um fornecedor adequado; portanto, para as ervas recomendadas neste capítulo, aconselho-os a consultarem a Lista Classificada e desencavar algum fornecedor de ervas na sua área. Se indico uma determinada erva, quero dizer aquela determinada erva, e não um substituto adulterado com um nome aromático ou um número, e se a firma que procurarem primeiro não puder fornecê-la, tentem outra, talvez numa cidade diferente.

Outra dificuldade é que uma erva comum na Inglaterra é desconhecida no Canadá, e uma planta corriqueira no Canadá é totalmente ignorada nos Estados Unidos. E o que dizer do mundo espanhol, onde traduzem ranúnculo por papoula! Em “Living with the Lama”, citei o nome de Ranúnculo (But-tercup), que nas edições espanholas foi truncado para “Papoula”, porque em alguns desses países o ranúnculo é desconhecido.

É muito estranho, sabem, que as ervas aparentemente, tenham caído em descrédito. Hoje em dia, médicos e químicos gostam de esgravatar produtos químicos de mau aspecto, à base de ureia ou outra substância nociva, enquanto tudo o que precisariam fazer era irem às florestas brasileiras, onde podem obter quase qualquer erva

ou planta que existe no mundo. Há duzentos anos atrás, um doutor em medicina de um país europeu ou de língua inglesa precisava, primeiro, passar num exame de astrologia — porque esta ciência tem uma grande influência sobre o efeito das ervas — e apresentar um conhecimento profundo das ervas em si. Tinha que saber como elaborar um horóscopo e dizer como e quando as ervas deviam ser colhidas.

Podia-se ver um médico daqueles dias sair furtivamente à noite, sob a luz do luar, consultando com cuidado uma tabela para saber, com exatidão, quando uma raiz específica deveria ser desenterrada ou determinadas folhas arrancadas dos galhos.

Na velha escola da Medicina, a astrologia e as ervas estão absoluta e inexplicavelmente interligadas. O tratamento herbáceo era “simpatia e antipatia”. Uma doença causada pelos maus efeitos de determinado planeta poderia ser curada pelo uso de ervas que tivessem sob a influência favorável do mesmo. Chamavam a isso “Cura Simpática” e, se vocês tivessem provado alguns dos chás de ervas empregados, concordariam que o doente precisava de muita simpatia!

Além disso, uma doença provocada pelo mau aspecto de um planeta poderia ser curada por uma erva que fosse antipática ao planeta que a causava.

Era preciso olhar o paciente e considerar quais seriam suas influências astrológicas, depois do que, elaborava-se um horóscopo mostrando os aspectos maléficos que perturbavam o enfermo. Então, o doutor em ervas revirava seus mapas e livros e do seu estoque, em geral completo e abundante, produzia as ervas que curariam a doença em questão de horas.

Se alguém quer fazer um tratamento herbáceo realmente eficaz precisa combiná-lo com a astrologia, porque cada indivíduo — quer acreditem ou não — tem uma constituição que é afetada por influências astrológicas. Se quiserem ser modernos, esquecerão as influências astrológicas e as chamarão de “raios cósmicos” ou qualquer coisa assim; mas são a mesma coisa — influências

astrológicas. As pessoas que nascem no verão têm uma composição química diversa daquelas que nascem no inverno, e o que teria um forte efeito sobre alguém nascido no inverno, poderia ter apenas um efeito brando em outro nascido no verão, e vice-versa.

Se fôssemos estabelecer-nos como praticantes da medicina herbácea, visitando clientes e tudo o mais, teríamos que levar em conta os signos astrologicos de cada um e os signos da época em que primeiro notou os sinais da doença, porque os seres humanos têm uma quantidade variada de metais no organismo, a que podemos nos referir como partículas de diferentes teores de ferro, diversamente afetadas por vários imãs. Os planetas, naturalmente, são os imãs.

Só para lhes dar uma ideia de como o tratamento herbáceo está vinculado à astrologia, deixe-me lembrar-lhes que, se uma erva é “regida” pelo sol, pode curar as doenças das pessoas do tipo marciano. Os marcianos têm as suas doenças peculiares, ou antes, as doenças peculiares a Marte, assim como os jupiterianos têm as doenças peculiares a Júpiter.

Se uma erva regida por Vénus for usada por um jupiteriano, curará as doenças que lhe são próprias, e as ervas que são “exaltadas” por Júpiter curarão aquelas que poderiam ser denominadas “do tipo lunar”. Se fôssemos, realmente, nos aprofundar no assunto, diríamos: “Sim, isto é porque Júpiter atinge a sua exaltação no signo de Câncer, que é a Casa da Lua”.

Poderão achar divertido ou interessante saber que entre as ervas regidas pela Lua estão o repolho, o pepino, o agrião, o alface, a abóbora e muitos outros. Mas, não vamos estudar astrologia e sim algumas das doenças mais comuns, ou de quintal, sobre as quais um surpreendente número de pessoas me escreve. Quero deixar bem claro que, se a sua doença for grave, deve consultar o médico da família — sabem, o bom e velho clínico — e se a doença não reagir, rapidamente, a qualquer tratamento herbáceo, procure também o médico da família. Por outro lado, se

ele já fez uma tentativa para curá-los e não conseguiu a melhora esperada, então experimente as ervas; elas já existiam muito antes de aparecerem os médicos de família do mundo!

Acabou de ocorrer-me que muitos dentre os meus leitores no mundo não têm um fornecedor local de ervas, portanto, vou indicar-lhes dois nomes e endereços, um na Inglaterra e outro em Nova Iorque. Se escreverem a essas firmas, elas só fornecerão suas próprias misturas ou preparados, mas ambas são de confiança. Aqui estão:

Srs. Heath & Heather Ltda. St. Albans, Hertfordshire, Inglaterra.

(Nota especial: A pessoa a quem devem dirigir-se é a Srta. Joan Ryder.) E o que é muito conveniente, poderão escrever-lhe tanto em inglês quanto em espanhol, línguas que conhece perfeitamente.

O segundo endereço é:

Kiehl's Drugstore
109 Third Avenue
New York 3, N.Y.
U.S.A.

(Nota especial: O gerente é o Sr. Morse.)

Em ambos os casos, devem lembrar-se também de anexar selos suficientes para a resposta, porque tais firmas estão no comércio para ganhar dinheiro e, como sei muito bem, o custo do papel impresso, o custo da datilografia, e, como última gota, o custo do correio, são onerosos. Todos poderão enviar a selagem suficiente por meio de um Cupom-Resposta Internacional; sua agência de correios os informará a esse respeito. É inútil escrever da América para a Inglaterra anexando selos americanos, porque não têm utilidade alguma na Inglaterra, da mesma maneira que os selos ingleses não podem ser usados nos Estados Unidos. Portanto, se esperam resposta (e com certeza esperam ou não teriam escrito!) lembrem-se da cortesia elementar de: (1) fornecer uma franquia postal suficiente, na forma de um Cupom-Resposta Internacional;

(2) pôr nome e endereço completos na carta, não apenas nas costas do envelope. Os costumes europeus são diferentes se na Inglaterra é prática corrente colocar o endereço do remetente no canto direito superior da própria carta, porque os ingleses jogam fora o envelope!; (3) não fique impaciente se não receber uma resposta imediata, porque essas firmas têm grande movimento e, de qualquer forma, as remessas postais de um país para outro demandam tempo.

Quando me referir, então, a uma erva ou a um tratamento, limitar-me-ei àquelas que poderão ser obtidas nessas duas firmas e, naturalmente, esqueceremos tudo a respeito da parte astrológica!

Uma das perguntas mais comuns que recebo é:

— Meu marido é alcoólatra. É o homem mais bondoso do mundo quando sóbrio, mas isto se torna cada vez menos frequente. Terei de divorciar-me dele. O que me aconselha?

É realmente uma coisa muito triste que as indústrias de bebidas tenham permissão para funcionar. A bebida prejudica o Eu Maior e se as pessoas não bebessem, não se tornariam alcoólicas! Esse estado não é tanto um vício quanto uma doença, uma disfunção. O que acontece é que o sangue de um alcoólico é deficiente e se torna imensamente prejudicado pela ação do álcool. As células do sangue se modificam e uma alteração química se processa. O alcoólico é um indivíduo muito doente, na verdade, e, não importa o que se diga, na minha opinião não há cura para o alcoolismo, nenhuma cura é viável. Quando alguém se torna alcoólico deveria ser confinado numa ilha deserta, na esperança de que seu sangue possa se tornar mais normal com o tempo.

Se fosse amplamente reconhecido que o alcoólico é um enfermo, com uma doença no sangue, talvez os médicos lhe dedicassem mais atenção nas pesquisas. Com uma pesquisa adequada, haveria toda razão para supor que se conseguisse encontrar uma cura para essa chaga verdadeiramente aflitiva. O alcoólico bebe para viver. Tem necessidade compulsiva de beber, porque sente que há algo

faltando — e há. O seu sangue é diferente e só pode ser mantido por uma contínua aplicação de álcool às células sanguíneas.

Não há ervas que possam melhorar um alcoólico. A única maneira de ajudá-lo é interná-lo num hospital, ou outra instituição, onde receba cuidados e atenção constantes.

Frequentemente, um indivíduo nasce com propensão ao alcoolismo. Isto significa que um dos pais, ou um dos avós, era viciado e, assim, o bebê nasce com uma inclinação para o alcoolismo, com uma condição sanguínea que pode manifestar-se depois de ingerir certa quantidade de álcool. O suficiente para provocar a reação tanto poderá ser um dedal de álcool quanto um litro, ninguém sabe. Mas, uma vez desencadeada, não há maneira de vertê-la, a propensão para o alcoolismo se tornará num alcoolismo consumado.

Deveria haver uma lei obrigando os alcoólicos a se registrarem numa Junta Médica. E os filhos ou netos de pais ou avós alcoólicos seriam prevenidos a nunca tocarem em álcool. Enquanto não o fazem, obviamente não se tornam alcoólicos. De modo que, nesse caso, a prevenção é a única cura.

Os alcoólicos não devem casar-se e, como acabei de afirmar, devem dar entrada num hospital ou numa instituição, para que possam ser tratados de acordo com quaisquer novos métodos que tenham sido descobertos. Mas deixem-me dizer-lhes uma coisa em sua defesa: ele é um homem doente. Sim, torna-se perverso às vezes, indiferente, mas tem uma doença mortal, uma enfermidade insidiosa, e não ajudará nada aperreá-lo, isto apenas o levará ao desespero. Ao invés, seja firme e diga-lhe que tem a cura em suas próprias mãos, abandonando o álcool. Se ele entender o problema e se tiver ainda alguma força de vontade, poderá fazer muito para melhorar a situação — por exemplo, chupar balas. Isto o ajudará. E é o melhor que posso indicar quanto ao tratamento do alcoolismo.

Um número surpreendente de pessoas escreve-me sobre a asma. Ela pode tomar diversas formas e se alguém sofre de asma,

deve consultar um médico, um clínico, que então, se necessário, o encaminhará a um especialista. Há a asma brônquica, por exemplo, e há outras formas que podem ser aliviadas com o necessário tratamento médico ou herbáceo. Não tenho o catálogo da firma Kiehls's comigo, mas posso dizer-lhes que Heath & Heather têm ervas para o alívio da asma, de modo que não há problema quanto a isso.

Para aqueles que estão interessados, o hissopo é uma planta realmente muito boa para os que sofrem desse mal. O melhor lugar para se obter o hissopo é na Itália porque é mais forte que o de qualquer outro lugar. As pessoas antigas tomavam hissopo aferventado com uma mistura de mel e "ruta graveolens". Produzia alívio imediato na tosse, na falta de ar e no chiado. Já tendo tomado essa mistura, não vou dizer que seja agradável, mas posso afirmar que dá resultado.

Outra forma de asma é aquela de origem nervosa. Frequentemente, as crianças poderão ficar tão enraivecidas por algum motivo que seus rostos se tornam roxos e terão um verdadeiro acesso de falta de ar, seguido de chiado. Os pais, perplexos, naturalmente exclamarão: "Oh, ele está com um ataque grave de asma, chame o médico, depressa!" A criança ouve aquilo e, sempre que está de mau humor, segue-se um ataque de fúria que acaba num acesso de asma. Aprende que se tiver "asma" todos os seus pecados serão esquecidos ou perdoados, e consegue tudo o que quer. Muitas crianças usam a "asma" como uma arma contra os pais. Em geral, o primeiro ataque ocorre no início da infância, muito antes dos pais compreenderem que ela pode entender o que dizem, embora ainda não tenha aprendido a falar. Portanto, não comentem tais coisas diante de crianças pequeninas e indaguem do médico se o seu "doente de asma" realmente tem alguma deficiência orgânica ou não. Se tiver — curem-no. Se não tiver, convençam-no que não tem absolutamente nada, ignorando suas fúrias.

Muitas pessoas idosas enviam-me cartas perguntando sobre a artrite e o reumatismo. Bem, não se pode curar essas duas

doenças, embora se possa aliviá-las imensamente. Para começar, ninguém sabe ao certo qual a causa da artrite. É possível obter-se ervas que podem trazer alívio a ambas as condições. Ervas com o nome de “leonurus cardiaca”, “lewisia rediviva” e “primula” podem auxiliar-nos muito a superar os reumatismos — sim, há diferentes tipos de reumatismo! — e aliviar as osteo-artrites. Provavelmente, não conseguirão obtê-las na sua localidade e poderão entrar em contato com uma das duas firmas que mencionei.

Muitas formas de artrite e reumatismo podem melhorar se vocês se mudarem para outro bairro. É possível que a água do abastecimento daquela área não seja indicada para si. É possível, também, que contenha demasiados minerais, muitas substâncias calcáreas e estas, conduzidas através da corrente sanguínea para as diversas juntas, onde se alojam, causem dores. Muitas pessoas que não puderam mudar-se obtiveram uma melhora notável adquirindo um filtro e filtrando toda a água antes de bebê-la. Isto levará de três a seis meses antes que se observe qualquer melhora realmente notável, mas vale a pena, não vale? O custo de um pequeno filtro, efetivamente, poderá trazer-lhe alívio.

As coisas que me perguntam! Tudo a respeito dos rins, tudo a respeito da vida sexual, etc. etc. Primeiramente, vamos tratar dos rins.

Hoje em dia, com os horríveis alimentos artificiais e preparados químicos que são colocados no mercado cada vez em maior profusão, as pessoas descobrem que seus rins estão causando problemas. Portanto, se tiver alguma coisa nos rins, a erva “leonurus cardiaca” é realmente valiosa. Ajudará a limpar seus rins e os fará sentirem-se de um modo geral muito melhores.

Se tiver pedras nos rins (e não estará em dúvida se as tiver!) descobrirá que a salsa (*petroselinum sativum*) é verdadeiramente maravilhosa. O nome antigo da salsa era “salsa quebra-pedras”. Esta erva, que pode ser obtida sob diferentes formas nas fontes mencionadas, tem a propriedade inestimável de fazer com que as

pedras dos rins se esfaçam, transformando-se numa espécie de areia, que pode ser eliminada sem intervenção cirúrgica.

Poderiam auxiliar muito seus rins — e superar as condições artríticas e reumáticas — se bebessem bastante água de cevada. Eis a melhor maneira de fazer água de cevada:

Cozinhe cevada em grão com muita água, até que fique macia; escorra por uma peneira aproveitando a água turva. Se quiser torná-la mais agradável, poderá misturá-la com limonada ou laranjada, feita com limões e laranjas frescas (o sumo e algumas lascas da casca), às quais adiciona açúcar e água fervente. Quando a água de cevada estiver pronta, aromatize-a com a limonada ou a laranjada, e descobrirá que é muito refrescante e gostosa de beber. Pode-se bebê-la à vontade, pois é altamente benéfica.

Uma nota especial: às vezes a água de cevada aparece tingida de um rosa azulado, que faz as pessoas pensarem que esteja estragada. Não está. Se isso acontecer, é bem normal. Beba tanto quanto puder e num tempo surpreendentemente curto verificará que os seus rins estão muito melhores e que se sente, na realidade, melhor. Durante o tempo em que estiver fazendo um tratamento de água de cevada, evite claras de ovos. As gemas podem ser comidas, mas evite a clara, estará melhor sem elas em qualquer caso.

Muita gente, hoje em dia, sofre dos nervos. A vida moderna, a constante movimentação e todos os ruídos dissonantes a que estamos submetidos irritam os nervos, causam dores de cabeça e uma sensação de tensão e frustração. Bem, não há necessidade de deixar isso continuar, sabem, porque uma erva excepcionalmente boa é a conhecida valeriana. Varia um pouco de nome nas diferentes partes do mundo, assim, o nome latino é “*cypripedium pubescens*”. É conhecida como o “remédio dos nervos”. Tem um efeito excelente sobre o sistema mental e nervoso. Se está irritado e sofre de uma inquietação profunda, deve combinar a valeriana à passiflora.

Essas duas plantas ajudarão , aqueles que sofrem de insônia. Tome uma dose da tintura, dependendo do seu estado, de cinco a sessenta gotas. São, também, de grande ajuda para acalmar os alcoólicos. Dê-lhes uma boa dose e isto os acalmará bastante. No caso de cólicas menstruais, tomem uma dose e sentirão alívio.

Recebo muitas cartas fazendo perguntas sobre o diabete. Bem, se alguém sofre de diabete é preciso que se atenha ao tratamento prescrito pelo médico, em geral, aquela droga da insulina. Mas pode obter algum alívio com a erva chamada buchu. Como varia de nome nas diferentes partes do mundo, darei seu nome em latim: “barosma crenata”. Sua ação consiste em remover a areia produzida pelo ácido úrico. Os cavalheiros também terão interesse em saber que é um tratamento benéfico para as dificuldades da prostatite crônica, quando estiverem à espera de se operarem, ou quando lhes for recusada uma operação.

Já falamos da prisão de ventre em outro capítulo. Mas, há tantas maneiras de tratá-la, que vou demonstrar-lhes que devem submeter-se a um tratamento herbáceo. As ervas são naturais, as ervas auxiliam, enquanto que se usarem alguns desses numerosos preparados químicos vão acabar com um caso grave de inflamação interna. Experimentem a cáscara, experimentem um xarope de figos, experimentem sena, experimentem qualquer coisa desse tipo, e se quiserem algo que dê resultados sem dor, e que também merece o título de “pílula da fé”, devem experimentar as pílulas que Heath & Heather denominam “112”. Realmente funcionam. Mas é bom tomarem cuidado ao usarem ervas em concentrado ou em pó para a prisão de ventre, por causa do efeito laxativo. E se tiverem que tomar um desses preparados em pó, não saiam para trabalhar no dia seguinte. Poderão ficar tão “ocupados” que não terão tempo de trabalhar...

Não há muita vantagem, realmente, em alongar os nossos comentários sobre ervas, porque algumas são comuns numa parte do mundo, mas completamente desconhecidas em outra.

As firmas mencionadas estão aí para fazer dinheiro e para tornar isso mais fácil, têm um departamento consultivo ao qual se pode pedir informações quanto aos preparados que seriam mais apropriados às nossas necessidades. Devem utilizar esse serviço se estiverem em dúvida e é melhor tratar com uma firma do que procurar alguém que poderá vender um pouquinho mais barato. As duas firmas mencionadas, e nas quais não tenho nenhum interesse, financeiro ou qualquer outro, são firmas conceituadas em que realmente se pode confiar. Não estou sendo pago para fazer propaganda. Indico esses nomes porque não lhes posso informar o de nenhum fornecedor conceituado de ervas em estado natural.

Assim, espero que os meus comentários lhes sejam de alguma utilidade.

As pessoas parecem ter um interesse transcendental em “profecias”. Querem saber o que vai acontecer, onde e quando. Afirmei que parte da América submergiria. Sim, naturalmente que sim, mas, as pessoas querem saber como e quando. Parecem pensar que posso dizer-lhes com uma aproximação de segundo, mas tal não se dá, porque muito depende dos americanos.

Nas profundezas do Pacífico, ao largo da costa americana, há uma falha muito séria, uma falha na crosta terrestre. Imaginem duas tábuas, uma apenas sobrepondo-se à outra, ao longo de uma beirada. Estarão bastante seguras desde que ninguém as sacuda, mas, quando alguém o fizer, ocorrerá um deslocamento, e lá caem ambas para baixo com um verdadeiro “baque”.

Fora da costa da América, essa falha no leito do mar é tal, que uma beirada mal segura-se à outra, e um terremoto poderia deslocar a beirada superior e provocar o seu deslizamento, causando uma inclinação bastante desagradável à costa americana que se estende ao longo do Pacífico, seus efeitos seriam sentidos também da Flórida a Nova Iorque. Um terremoto pode provocar isso.

No deserto de Nevada, os cientistas americanos, que deveriam ter mais juízo, estão detonando bombas atômicas na terra. Provocam

tremores. Ora, não posso prever quando algum cientista, particularmente retardado, explodirá uma bomba maior do que pretendia e desprenderá aquela falha. Se o fizer, poderá descobrir que seus “pés estão molhados”. Mas, isto ocorrerá eventualmente. Talvez não aconteça por cinco ou cinquenta anos. As probabilidades são que algum tempo decorrerá dentro desses limites, isto é, entre cinco e cinquenta, mas tais coisas não podem ser previstas com exatidão porque cinco ou cinquenta anos em tempo terrestre é tão infinitesimal numa dimensão de tempo maior, que precisaríamos ter uma série inteira de zeros em seguida a uma vírgula decimal. As probabilidades, porém, são que se os americanos continuarem a mexer com bombas atômicas, sobre as quais nada conhecem, causarão imenso dano a toda estrutura do globo.

Se os americanos quiserem se pôr a salvo devem mudar-se para lugares mais altos, particularmente em torno das Montanhas Rochosas. Deveriam também entender que as autoridades americanas estão bem a par dos perigos que aquela falha representa, mas a América é um país politicamente influenciável e a zona da Califórnia é, na realidade, uma área muito rica. Há muitos concessionários de planos de desenvolvimento de terras e se o governo declarasse, muito razoavelmente, que determinadas áreas não são próprias para habitação, devido ao risco de terremotos e eventuais assentamentos, os especuladores imobiliários ergueriam tal uivo de fúria, que ele cairia, porque a América é governada pelo Dólar Todo-pode-roso, e alguns milhares de casos de infelicidade humana não têm importância para os especuladores imobiliários e os políticos.

Inúmeros geofísicos preveniram o governo sobre os perigos da Califórnia, mas foram calados com grande eficiência. Convido-os a tentarem calar-me. Afirmando, enfaticamente, que as costas da América correm sério perigo, porque ninguém pensa no futuro. Sem dúvida, haverá um bom Fundo de Auxílio para aqueles que sobreviverem, mas se essas detonações no deserto de Nevada

fossem paralisadas agora, um Fundo de Auxílio não seria necessário mais tarde.

Entrementes, só posso aconselhar as pessoas a mudarem-se para terras altas quando possível. Façam planos para mudarem-se daqui a uns cinco anos, desde, naturalmente, que o terremoto não ocorra antes. Aliás, com relação a isso, inúmeros especialistas declararam que um grande terremoto na Califórnia já está atrasado. Portanto — todos foram avisados.

Há gente que me escreve dizendo que nos “Capítulos da Vida” fiz determinadas profecias, mas não mencionei a Austrália ou a África, ou esse ou aquele país. Naturalmente que não! Sei muito a respeito de muitos países, mas não me propus a compilar um guia de desastres e mudanças. Simplesmente, dei informações básicas. Porém, vamos dar uma olhada na Austrália.

No presente, a Austrália é um vasto continente habitado apenas nas regiões costeiras. Poderia acomodar mais um bilhão de pessoas, mas seu interior é árido. Lá não há muita vida, e atualmente não há possibilidade de cultivar as áreas desertas. Daqui a muitos anos, o centro morto da Austrália será escavado com explosões atômicas controladas. Um grande lago será construído, e encher-se-á, rapidamente, com a grande quantidade de água doce acumulada sob uma camada do solo, que ora não apresenta nenhuma fissura que a permita atingir a superfície. Em anos futuros, o interior da Austrália tornar-se-á, realmente, próspero. Quando aquele grande lago estiver terminado, suas margens serão orladas de árvores e arbustos importados do Brasil, e todo o clima mudará assim que as plantas se enraizarem. Porque as árvores contribuem materialmente para o melhoramento do clima. O país se tornará pastoril no interior e haverá, então, água suficiente, e quanto mais as árvores crescerem, tanto mais água haverá sob forma de chuva.

Num futuro muito distante, a Austrália, o Canadá e o Brasil assumirão a liderança mundial. Mas a Austrália, como o Canadá, tem que amadurecer primeiro, ambos são imaturos e até infantis, e

passarão por muito sofrimento, porque parece que o sofrimento ensina. Ninguém aprende com a bondade e sim através da dor e da infelicidade. Os países que têm tudo fácil e um padrão de vida elevado não podem, ou não conseguem aprender, e precisam ser humilhados para que com o sofrimento e a fome, as greves e as lutas, aprendam as amargas lições da vida, e, eventualmente, façam algo para melhorar as coisas.

Em anos futuros a Argentina prosperará. Em anos futuros, a Argentina receberá de volta as Maldivas, que mais tarde serão usadas como base de pesquisa científica em conexão com os Objetos Aéreos não Identificados e com a Antártica. Presentemente, a Argentina está passando um mau pedaço, mas os argentinos devem animar-se com o fato de que essas são as dores de nascimento de um país muito maior. Em anos futuros, a Argentina tornar-se-á muito grande e muito importante, com um governo e uma economia das mais estáveis. O Registro Akashico das Probabilidades indicava que o Uruguai, que é vizinho da Argentina, poderia ter ocupado essa posição invejável. O Uruguai seria o jardim da América do Sul e, também, construiria no seu interior um lago que traria vida à terra árida, tornando-a fértil e capaz de produzir colheitas exuberantes. Infelizmente, o Uruguai é um país que, até agora, nunca experimentara o sofrimento e, por isso, seu povo não foi capaz de atingir a altura do padrão de integridade que teria sido exigido. Atualmente, enfrenta uma onda de greves, todo o país parece estar em greve e o curso da evolução não pode atrasar-se enquanto um país assenta suas disputas internas.

Assim, a Lei das Probabilidades prossegue e a Argentina toma o lugar muito mais importante do pequeno Uruguai.

A Argentina e o Brasil serão as maiores forças das Américas do Sul e Central.

As pessoas perguntam-me o que penso da África. A África é um continente em ebulição, um continente enfurecido internamente pela arremetida clandestina dos Comunismos Russo e Chinês, ataques esses que podem arruinar a integridade do continente.

Durante anos haverá rompimentos e dis-sensões na África, e a Rodésia de hoje, com o seu ódio a tudo e a todos, será varrida do mapa. Nos anos vindouros, toda a África reverterá ao seu estado original de “Continente Negro”. Será governado por negros, será habitado por negros, e qualquer pessoa branca lá será apenas tolerada. Não haverá cidades povoadas por brancos, como atualmente, todos serão negros.

Porém, ainda mais tarde na História, os brancos e os pretos se unirão novamente, mas numa base mais amistosa, e, eventualmente — como disse em outros livros — só haverá uma cor na Terra e que será conhecida como a “Raça Morena”.

— Bem — disse o velho, tentando destorcer um pouco as câimbras nas suas costas, e desejando intimamente que as cadeiras de rodas não fossem tão horrivelmente incômodas — aqui temos outro capítulo terminado. Vai ler para ver o que acha?

Por algum tempo fez-se silêncio, quebrado apenas pelo farfalhar de papéis. Finalmente, ouviu-se o ruído de um maço de papéis sendo atirado sobre a mesa.

— Mas... — exclamou a Sra. Velho — você disse que ia mencionar uma cura para dor de dente. Sabe que muita gente perguntou sobre isso, e por que não lhes indicar como se livrarem da dor de dente?

O Velho suspirou e respondeu: — Se as pessoas têm problemas com os dentes, a única solução é arrancá-los. Nunca acreditei nessas tolices de obturações.

A Sra. Velho riu para si mesma, e retrucou: — Não, mas tampouco tem dentes, ou pelo menos nenhum que valha a pena mencionar! O Velho pareceu um tanto mal-humorado, ao passar a língua pelos poucos dentes restantes.

— Ainda assim — pensou — não há nenhuma obturação e eu teria mais dentes se o meu queixo não tivesse partido. — Em voz alta, disse: —”Está bem! Vamos indicar-lhe alguma coisa para curar dor de dentes.

A ciência moderna (naturalmente, que me refiro à ciência médica) ainda não foi capaz de melhorar o remédio da natureza para dor de dentes. A ciência médica moderna costuma receitar uma substância inteiramente artificial que tem o “vício” infeliz de “sensibilizar” a pessoa contrariamente. Como me parece uma invenção do diabo, não vou mencionar seu nome, mas há uma cura natural e infalível para a dor de dentes.

Vá à farmácia e compre um pequeno frasco de óleo de cravo e, quando chegar em casa, apanhe uma bolinha de algodão e pingue

sobre ela uma gota ou duas do medicamento. Massageie suavemente a gengiva em torno do dente, com o óleo de cravo e, se houver cárie, tampe-a com uma bolinha de algodão embebida no mesmo. Dentro de segundos a dor de dentes passará.

Deverá comprar a melhor qualidade de óleo de cravo que puder, porque quanto melhor a qualidade — quanto menos adulterada — mais rápido será o alívio.

Os camponeses velhos geralmente guardam alguns cravos de cozinha num frasco e, ao primeiro sinal de dor de dente, aplicam sobre o dente e mastigam-no para que o óleo do cravo esmagado cubra o dente. Esta é uma das mais antigas e também das mais modernas curas para dor de dentes.

Mesmo assim, ainda será preciso ir ao dentista para descobrir o que realmente provocou a dor de dente, porque não se pode continuar a mergulhar um dente estragado em óleo de cravo, pode-se? O melhor é arrancá-lo! Incidentalmente, sempre me perguntei por que o tratamento dentário é uma coisa tão brutal. Até hoje, nunca fiz um tratamento dentário indolor e esta parece-me uma área que anda precisando bastante de pesquisas. Se eu tivesse muito dinheiro e pudesse adiantar a minha máquina áurica, os dentistas poderiam ver muito mais claramente o problema dos dentes e arrancá-los sem dor. O que visualizei foi um aparelho semelhante a uma câmara instantânea, que fotografasse a aura de uma pessoa e nos permitisse ver suas cores. São as cores da aura que têm importância, sabem. A intensidade das cores e suas estrias próprias. Se observarmos a aura e virmos a cor de uma doença, havendo aparelhos apropriados seria bem possível curar a enfermidade, antes que realmente se instalasse. Poder-se-ia curá-la aplicando as cores opostas necessárias, que mudariam a cor degenerada da doença e assim, por reação simpática, a pessoa seria curada da aura para o corpo físico.

Não é nenhum sonho fantástico. Realmente funciona. É uma coisa que os médicos deveriam investigar. Infelizmente, o tratamento médico está uns cem anos atrasado e se os médicos

tratassem do assunto e investigassem as ideias novas, em vez de declarar: “Isto é impossível, não foi o que Aristóteles nos ensinou”. Aí então, sem dúvida, não se sofreria tanta dor.

Para aqueles que desejam fazer experiências com a aura — e dispõem de recursos — experimentem comprar uma dessas câmaras de televisão, razoavelmente baratas, e ligá-la a um televisor. A câmara deve estar instalada para receber e transmitir frequências muito mais elevadas (isto é, a parte mais alta do espectro) do que o usual para fotografias. E se o ajuste for feito corretamente, os espectadores poderão ver uma reprodução borrada do corpo humano com diversas estrias, linhas cinzentas e círculos em torno do mesmo.

Se quiserem fazer experiências com uma câmara e têm algum conhecimento de química é possível produzir um material sensível que possa registrar uma frequência mais alta do que a normalmente usada no trabalho fotográfico comum. Isto também funciona, porque já tirei fotografias da aura humana e as destruí, visto tornar-se completamente monótono quando um cientista diz que tais coisas não podem existir, *ipso facto*, devem ser forjadas. Um cientista (que deveria estar entre aspas) dirá isso, e, mesmo que a fotografia tenha sido tirada na sua presença, ainda pensará que houve truque em algum lugar. Parece-me que o mundo ainda não está preparado para receber fotografias da aura. Alguns “gênios científicos” precisam instruir-se por mais alguns anos.

A visão, o som e o tato são assuntos muito interessantes, sabem. Todos são parte de um mesmo espectro de vibração. Já pararam para pensar quando o tato se torna visão e som?

Quando se toca uma coisa, recebe-se uma vibração muito rudimentar que impressiona a parte do seu corpo com a qual está em contato e que aqui é assunto para uma composição particular, isto é, densidade. Todos podem ver isso, mas sabem que não podem ver uma onda sonora, nem podem ouvir uma coisa que vêem. Se formos no nosso ponto de vista de toque para cima, na escala do espectro, ouvimos o som. Esse som poderá ser uma nota baixa,

que esteja quase na escala do tato, ou poderá ser uma nota alta que está quase na escala da visão. Quando seus ouvidos deixam de responder a determinadas vibrações, porque se tornaram muito altas, entra em cena a sua visão. Poderão, por exemplo, ver um vermelho escuro. Mas, pense na visão da próxima vez que meditar.

Quando vemos uma coisa não tocamos nela. Poderá estar numa garrafa de vidro ou a milhões de milhas de distância no espaço. Porém, a coisa que vemos está-nos tocando ou não seríamos capazes de percebê-la. Só podemos ver uma coisa, quando esta vibra tanto que continuamente lança partículas de si mesma e gera vibrações que cruzam o espaço e tudo o mais para alcançar-nos. Mas, tais vibrações são tão frágeis que até uma folha de papel preto poderá cortá-las, enquanto que as grosseiras vibrações do som podem penetrar até uma parede de pedra.

Poder-se-ia dizer que esta vida e a astral são representadas da mesma maneira. As vibrações grosseiras do som equivaleriam à vida na Terra, e as vibrações mais leves e mais agudas da vida representariam o astral.

Existem muitos sentidos à nossa disposição no astral, dos quais nem temos conhecimento quando estamos no físico. As pessoas escrevem e perguntam-me como é possível a um ser quadridimensional — bem, como uma ilustração — deixar cair uma pedra na sala de alguém. Acho que quem me escreveu, simplesmente leu no jornal um relato sobre uma casa mal-assombrada, onde pedras eram atiradas em quartos fechados. A resposta a isso é que num mundo tridimensional de carne só somos capazes de perceber nas dimensões da carne, e se existisse uma outra abertura, os olhos do corpo de carne não seriam capazes de percebê-la.

Vamos supor que os humanos só podem olhar para baixo, ou por outra, são bidimensionais. Ora, como só podem olhar para baixo não conseguem ver o teto acima. Mas, se alguém fora do quarto pode perceber que não há teto ali, pode também facilmente atirar um tijolo para a pessoa que não é capaz de olhar para cima. Essa

é uma maneira bastante crua de explicar a coisa, mas, o que acontece é que todos os quartos ou tudo na Terra tem uma outra abertura, outro orifício, que os humanos não vêem, porque lhes falta o órgão necessário para perceber aquela dimensão. No entanto, alguém que esteja num mundo quadrimensional pode servir-se dessa abertura e passar coisas através dela, para o que um habitante tridimensional chamaria de espaço fechado.

Esta espécie de “brincadeira” é frequentemente feita por entidades inferiores, que gostam de passar por fantasmas.

Não devemos esquecer a senhora que me escreveu perguntando se poderia explicar em termos simples a natureza da telepatia. Leu os meus livros, mas aparentemente, o assunto da telepatia deixou-a completamente confusa. Vamos ver o que podemos fazer, não?

Até os cientistas acham que o cérebro gera eletricidade. Há processos médicos em que as ondas do cérebro são tabeladas. Um aparelho especial é colocado na cabeça e quatro linhas quebradas indicam quatro diferentes níveis de pensamento. Por alguma estranha razão, a essas quatro linhas em ziguezague foram dados nomes gregos, o que não é da nossa conta. Mas, o cérebro gera eletricidade, que varia de acordo com os pensamentos, da mesma forma que, quando se fala num microfone, as palavras geram uma corrente que continuamente varia em intensidade, de acordo com o que se diz. Num gravador, por exemplo, falamos e a nossa voz imprime minúsculas correntes magnéticas numa fita especialmente preparada. Quando a fita é tocada obtemos a reprodução da voz original. O cérebro humano gera uma corrente elétrica que outros cérebros podem receber, da mesma maneira que a fita do gravador apanha os impulsos minúsculos das vibrações da voz, quando são transformadas em impulsos elétricos.

Quando pensamos, emitimos nossos pensamentos. A maioria das pessoas é imune ao ruído dos pensamentos dos outros, e felizmente, porque estamos sempre a pensar alguma coisa todo o tempo e, se não fôssemos imunes a esse barulho contínuo, constante e perene, ficaríamos completamente desequilibrados. Com

um treino especial ou por um capricho da natureza, certas pessoas podem sintonizar pensamentos, porque assim como os nossos cérebros geram eletricidade, também são capazes de receber impressões elétricas. É uma forma de telepatia que mantém o corpo em contato com o Eu Maior, a telepatia nesse caso sendo uma corrente de frequência ultra-alta muito especial, que vai do cérebro do corpo de carne ao Eu Maior através do Cordão de Prata.

Mas, para responder em termos mais simples possíveis à pergunta “Como funciona a telepatia?” é necessário apenas dizer que cada cérebro atua como um rádio transmissor e receptor, e se as pessoas soubessem como ligar seus receptores seriam inundadas pelos pensamentos dos outros. Podemos apanhar os pensamentos daqueles com quem somos compatíveis muito mais facilmente do que os pensamentos daqueles com quem não o somos. Um bom exercício é “adivinhar” o que alguém que conhecemos bem vai dizer a seguir. Se “adivinharem” por algum tempo, logo descobrirão que seus sucessos estão ultrapassando de muito as leis das probabilidades, e quando começarem a percebê-lo estarão bem adiantados no caminho da comunicação telepática com alguém que lhes seja afim. Aqui, novamente, temos um assunto em que é preciso treino e paciência, e quando se tornarem telepáticos desejarão que não o fossem, porque a vida se tornará um constante vozerio em que os entes humanos e os animais falam uns com os outros todo o tempo.

Do lado de fora da janela, o barulho e o clamor eram contínuos. Martelos pneumáticos de alta velocidade perfuravam orifícios profundos na velha rocha, uma rocha que fora local de muitas casas antigas e boas. No passado, as esposas dos capitães do mar moravam ali e mantinham uma vigília no-turna do mar, esperando que seus maridos regressassem ao lar, na enseada do porto, com a luz sempre acesa a acenar-lhes das janelas das casas. Uma bela casa antiga, que se destacava sobre as outras, mantivera-se orgulhosa durante anos e, nos seus dias de decadência, o fantasma de uma velha senhora que esperava, e esperava em vão, pelo regresso do marido querido, tornara-se bem conhecido. Toda noite ela postava-se na janela do lado do porto, as mãos afastando as cortinas para ver mais claramente. Noite após noite, numa silhueta fantasmagórica, ela postava-se ali, perscrutando, perscrutando, na busca do homem que nunca voltara, do homem cujo corpo jazia sob a superfície do oceano, muito longe de casa.

Agora a casa fora abaixo, demolida. Toda a rua fora abaixo e as vorazes brocas e martelos mordiam a rocha viva, cortando-a em grandes blocos para abrir caminho ao progresso da civilização. Ali haveria uma grande estrada, uma artéria da comunidade. Uma estrada transpondo a cidade, transpondo também o rio, ligando um lado ao outro com uma nova ponte. O clamor era contínuo. Enormes tratores impeliam grandes montes de pedra e terra, pás a vapor cortavam o solo, caminhões chacoalhavam e roncavam a todas as horas do dia e da noite. Ouviam-se os gritos dos homens, o latido dos cães e a paz fugira há muito tempo.

O Velho curvou-se sobre as cartas dos leitores e pôs de lado a última. A Sra. Velho levantou os olhos, talvez com um suspiro de alívio ao ver que o trabalho chegava ao fim. Levantou-se para alimentar as meninas gatinhas que entraram, muito afobadas, para avisar que era hora do chá e se poderiam comer depressa, por favor, porque tinham pensado demais e estavam com muita fome. Assim, a Sra. Velho saiu com uma gata de cada lado.

O Velho voltou-se para Buttercup (Ranúnculo). Ranún-culo que em espanhol fora erroneamente denominado Ama-pola.

— Buttercup — disse o Velho —, não importa que tenha havido uma greve nos correios, fizemos bem em responder a todas, essas perguntas, não acha?

Buttercup parecia satisfeita em pensar que o trabalho terminava por mais um dia.

O sr. só começou há quatorze dias atrás — respon deu—O livro terminou em tempo recorde.

Sim — retorqui o Velho — mas você bateu sete mil palavras por dia, não foi? E agora chegamos ao fim.

Buttercup sorriu com prazer a esse pensamento.

— Bem, neste caso só me resta bater a palavra - replicou Buttercup.

FIM

Impresso nos Estabelecimentos Gráficos Borsoi S.A. Indústria e
Comércio, na Rua Francisco Manuel, 55 — ZC-15, Benfica,
Estado da Guanabara

Notas

Notas

[←1]

Instituições que oferecem assistência médico-hospitalar aos seus segurados.

[←2]

A moeda inglesa divide-se em libras (pounds), xelins (shillings) e dinheiros (pence).

[←3]

A expressão inglesa no original é “Sleep on it”, que significa dormir sobre o problema, não pensar mais nele até o dia seguinte.

[←4]

Nome da taberna, significando “Alho-Porro e narciso”.

[←5]

Echinacea — raiz de *Brauneria Pallida* ou *Brauneria Augustifolia*, de uso medicinal, existente na América do Norte

[←6]

Ears, nose e throat, isto é, ouvidos, nariz e garganta. No Brasil seria Otorrinolaringologia

[←7]

No original inglês “Rear Admiral”, que corresponde ao nosso “Contra-Almirante”. Como Rear significa traseiro, presta-se ao trocadilho mencionado.

[←8]

No original inglês “Rear Admiral”, que corresponde ao nosso “Contra-Almirante”. Como Rear significa traseiro, presta-se ao trocadilho mencionado.

[←9]

No original “skeleton in the closet”, que significa um segredo de família, fato vergonhoso ou humilhante que se esconde aos estranhos.

[←10]

Parece que o autor se refere ao processo utilizado pelos Jardineiros da Terra, que de tempos em tempos deixam aqui um novo povo para misturar-se ao antigo